

de todo o fertoão por onde passa
o Rio Maranhão, ou Tucatins.

Relatório

Segunda etapa

Relatório Segunda etapa do Inventário Nacional de Referências Culturais em Natividade / Tocantins

Este texto se refere aos passos dados no sentido de organização e levantamento do material necessário para o registro da ourivesaria em filigrana nativitana como patrimônio imaterial.

Equipe técnica envolvida

Dra. Sandra Maria Faleiros Lima – Coordenadora Geral

Dra. Helena Mollo – Coordenadora Técnica

Msc. Sonia Maria F. Neiva - Pesquisadora

Msc. Valdirene Gomes dos Santos de Jesus - Pesquisadora

Raphael Mendes – Fotógrafo

Marco Alencar- Kim – Cinegrafista/ Editor de vídeo

Vanesca Maria da Silva Matos – equipe de cinegrafia

Celso Bastos – Áudio

Eunice dos Santos Moura - estagiária

H ueberson Veríssimo Ribeiro - estagiário

Wátila M. F. Bonfim - estagiário

Ângela M. Campos – estagiária

Valéria Moreira l. de Melo – estagiária

Tatiana Hundrel – estagiária

Piero Detoni – estagiário

Lista de anexos

Anexo 1 – documentação: leituras e transcrições paleográficas;

Anexo 2 – figuras e mapas dos séculos XVIII e XIX;

Anexo 3 – fichas do INRC de identificação do sítio e dos modos de fazer;

Anexo 4 – CD com seleção de fotografias e nova Amostra de Fotos de Jóias;

Anexo 5 - CD com transcrições dos principais aspectos levantados nas entrevistas temáticas e histórias de vida;

Anexo 6 – DVD que segue anexo com o registro de áudio das entrevistas realizadas em Natividade, que não foram enviadas no primeiro relatório (24/07/2007);

Anexo 6 – CD com Relatório Segunda etapa do Inventário Nacional de Referências Culturais em Natividade / Tocantins.

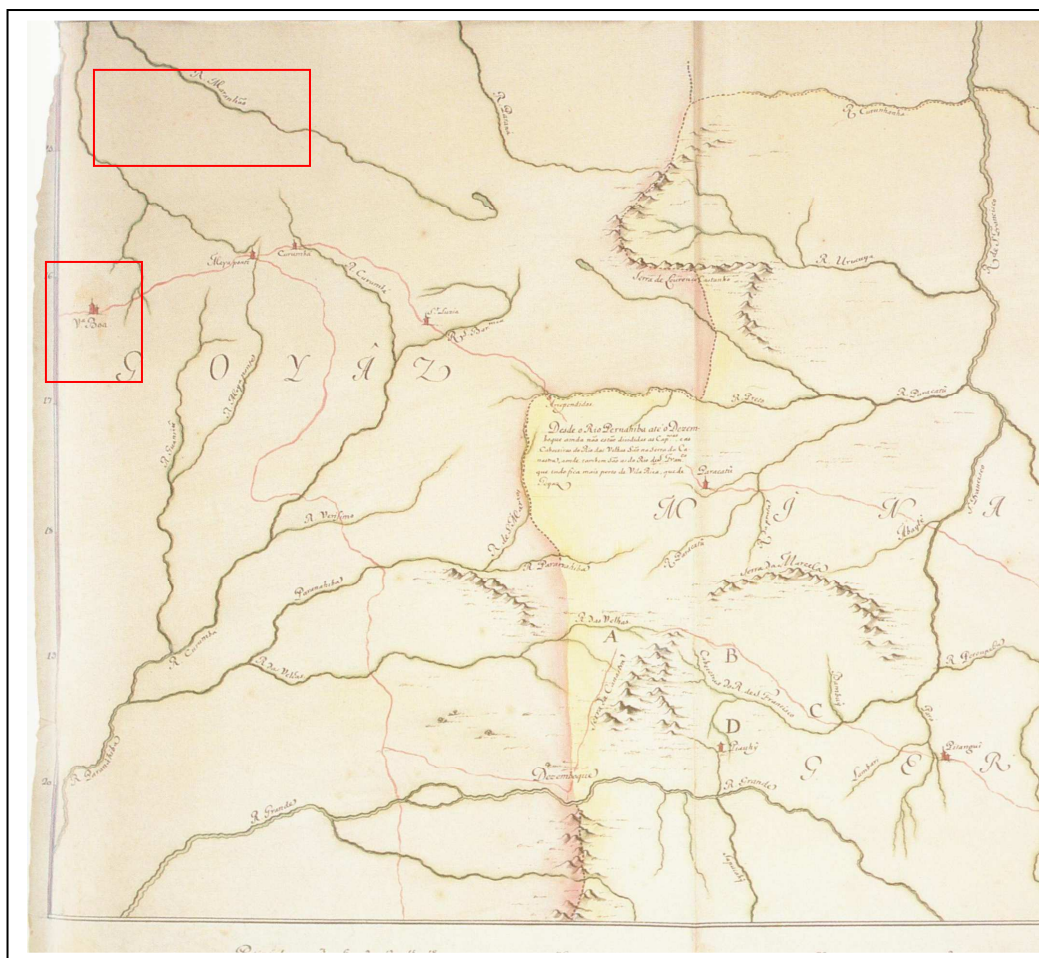
Sumário

- 1- elaboração e interpretação dos dados
- 2- preenchimento das fichas de identificação do sítio inventariado
- 3- fichas de identificação de ofícios e modos de fazer
- 4- anexos: documentação: leituras e transcrições paleográficas, análise e seleção de fotografias e transcrições dos principais aspectos levantados nas entrevistas temáticas e histórias de vida.

A construção do território e a mineração

Esta Capitania [Goiás] divide-se em duas comarcas: a Comarca do sul ou Vila Boa, que, além de Vila Boa, compreende os arraiais de Crixá, Pilar, Meia Ponte, Santa Luzia, Santa Cruz e outras, e a Comarca do Norte, ou Vila de São João da Palma, a que pertencem os arraiais de Porto Real, Natividade, Conceição, Traíras, Arraias, São Félix, Cavalcante, Flores e outros. Contam-se em toda a Capitania apenas 50.133 habitantes, dos quais 32.689 pessoas e 9.330 fogos na comarca meridional e 17.444 pessoas e 12.520 fogos na comarca setentrional, parcialmente montanhosa; a maior parte dela é plana e pouco agricultável (POHL, J. E. **Viagem no interior do Brasil**, p. 122)

Quando o naturalista Johan Emanuel Pohl esteve no Brasil, entre os anos de 1817 e 1821, as minas de ouro de Goiás estavam decadentes. Demorando-se por aproximadamente dois anos na Capitania de Goiás em busca de espécimes da botânica brasileira, registra diversos aspectos das terras por onde passa. Partindo para a caracterização do início daquele território registra o nome de Dom Francisco de Sousa Coutinho, governador do Grão-Pará, como o primeiro a fazer incursões àquelas terras. Através do norte de Goiás, o caminho percorrido foi o do rio Maranhão. Como registro deste início do território, um dos mapas do século XVIII, onde se registra o rio Maranhão. No entroncamento dos rios Maranhão e Araguaia, Dom Francisco Coutinho estabeleceu um posto com 300 homens para que a região começasse a ser conquistada. Abaixo, no mapa do século XVIII, é possível individualizar-se o rio Maranhão bem como a principal cidade da Capitania, Vila Boa.



Na epígrafe que inicia o texto deste relatório, Pohl não é pródigo em datas, mas, ao quando se confrontam os dados dos viajantes, há uma certa concordância em relação à primeira forma de penetração do território. Francis de la Porte, conde de Castelnau, chefe da expedição francesa enviada ao Brasil, iniciou viagem, em 1843, rumo Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Em viagens de pesquisa quanto à história natural, observa a história para contribuir com os estudos dos limites e características geográficas. Assim compõe a conquista territorial: o conhecimento da terra é o vencimento das dificuldades.

Castelnau compõe um certo roteiro histórico da conquista do território, sem mencionar em primeiro plano, como o faz Pohl, o nome do governador do Grão-Pará como o primeiro a iniciar a conquista do território (inclusive com a tentativa de contato amistoso com os índios). Segundo Castelnau, em 1791, a mando do capitão geral Tristão da Cunha desceu o rio Araguaia uma expedição comercial.

Iniciam-se de fato as primeiras incursões rumo Goiás no século XVII, onde, quando da descoberta de ouro nestas terras, em 1725, já existiam trilhas. Segundo Lucila Reis Brioschi “a antiga ligação dos paulistas com as terras dos índios goiases ganhou foros de Estrada ou Caminho” (BRIOSCHI, L. R, p. 46). Assim, a estrada do Anhanguera saía de São Paulo “em direção a Jundiá, dirigindo-se em seguida para Mojimirim, Mojiguaçu e Casa Branca. Depois desse percurso feito no sentido sul-norte, o caminho tomava a direção noroeste (...)” (Idem)

Ainda no que tange à fixação da colonização deste território da Estrada do Anhanguera, durante a década posterior à descoberta do ouro são concedidas praticamente todas as sesmarias e regulamentação de posses. Perto da metade do século XVIII até quase o seu fim (1790) há uma certa estagnação de produção e população.

Os destinos de São Paulo e o território que seria Goiás foram traçados, de certa forma, desde a administração de Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, o Morgado de Mateus, que governara a capitania entre 1765 e 1775. Ao longo destes dez anos, Morgado de Mateus restabeleceu a capitania¹ e foi responsável pela fundação de cerca de vinte cidades. Entre as atribuições dadas pelo marquês de Pombal ao nobre português estavam a de proteger o sul das terras da colônia contra os espanhóis, ficar as fronteiras e expandi-las e mandar recursos para Portugal, principalmente para a devastada Lisboa, que se recuperava do terremoto de 1755. A fundação de cidades e arraiais encontrava-se no rastro da estrada do Anhanguera, aberta em 1725, que cumpria um importante papel de articulação entre a bacia do rio Paraná e a das minas de Goiás.

Na segunda metade do século XVIII, portanto, quando a Capitania de Goyases já havia sido fundada, individualizando-se daquele território que estava confuso em relação às terras paulistas, as viagens pelas terras da Amazônia e Mato Grosso palmilharam por cerca de dez anos o que circundava Goiás².

¹ São Paulo perdeu sua autonomia em 1748, participando da jurisdição do Rio de Janeiro. Em 1765, D. José I nomeou, então, Morgado de Mateus para administrar a capitania.

² “Em carta régia de 11/02/1736: Dom João, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves daquém e dalém mar em África senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós conde de Sarzedas, governador e capitão-general da capitania de São Paulo, que eu servido por resolução de 7 deste mês presente e ano, em consulta do meu Conselho Ultramarino passeis às Minas dos Goiás e nelas determineis o sítio mais a propósito para uma vila e procureis que seja o que parecer mais saudável, e com provimento de boa água e lenha e perto de um arraial que se ache já estabelecido, para que os moradores dele possam com mais comodidade mudar a sua habitação para a vila e logo determineis nela o competente número de fregueses ainda que a povoação se aumente, e que façais delinear por linhas retas a área para as casas com seus quintais, e se designe o lugar para se edificarem a casa da Câmara e das Audiências e cadeia exterior sejam todas no mesmo perfil, ainda no interior as fará cada um dos moradores à sua eleição de sorte que em todo o tempo se conserve a mesma formosura da terra e a mesma largura das ruas, e junto da vila fique bastante terreno para logradouro público, e para nele se poderem edificar novas casas, que serão feitas com a mesma ordem e concerto com que se mandam fazer as primeiras e deste terreno se não poderá em nenhum tempo dar de sesmaria ou aforamento parte alguma sem ordem minha que derroge esta, e os governadores poderão repartir de sesmaria toda a mais terra com as cláusulas e condições com que se dão as mais do Brasil, exceto na extensão de terra que se costuma dar a cada morador. História Geral da civilização brasileira. *Apud*: SANTOS, Paulo. Formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001, p.57.

Neste contexto, encontram-se as viagens filosóficas, que cumpriam um papel importante na administração colonial, neste momento pós-pombalino. A viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira pelas terras do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá visava à preparação de produtos dessas terras para serem conhecidos na Metrópole, que fariam parte do acervo do Real Museu de Lisboa. A viagem, ainda, tinha como objetivo o conhecimento e ocupação do território, para que este fosse definitivamente incorporado à América portuguesa. Desta forma, o princípio do *utis possidetis* estaria garantido, para as terras amazônicas, e das terras auríferas de Mato Grosso e Cuiabá. O território, assim, ganhava forma e uso, e a América portuguesa ganhava seus contornos. A produção de conhecimento do território incluía a formação de mapas, além da produção de informações corográficas que permitiam a expansão e futura prospecção do território. O mapa **4.1**, de 1749 (**com detalhe 4.2**) aponta os limites da Coroa espanhola na América Meridional. A urgência então se coloca para a Coroa portuguesa, que via os espanhóis próximos demais.

Entre as narrativas sobre a construção do território e da cidade de Natividade os documentos vêm à luz de diversas formas, e o registro oral compõe, certamente, este conjunto documental. Perpassado por leituras próprias, narrativas ficcionais e também um tanto de literatura estão os relatos do escritor aposentado sr. Alarico Lino Suarte, 84 anos, que diz ter consultado documentos, e informam uma data mais profunda no tempo para a fundação de Natividade. Contudo, não diz se encontrou este documento no cartório onde trabalhou de 1951 a 1993:

Alarico: E ficou essa marcação, que eu encontrei num arquivo em 1720, em 1720 Natividade despedia provisões, quer dizer em 1720 Natividade era adulta, e a história de Natividade, ela é muito mais velha do que o que dizem.

(...)

Alarico: Eu tive uma série de coisas na vida que eu lutei desde pequeno; em 1935 eu fiz a primeira viaje na Bahia, meu pai me levou na Bahia, acho que de idade eu tinha uns treze, a quatorze anos. Em 1923 foi quando eu nasci e em 1935 foi quando eu fui a primeira vez tocando tropa, porque não existia naquela época condução nenhuma a não ser animal né, tropa e daí pra cá a vida todinha assim...

E: De luta né.

Alarico: De luta.

E: A sua profissão no início era tropeiro...

Alarico: Labutei com tropa, labutei com lavora né, labutei com gado.

E: E essa casa aqui é da sua família?

Alarico: Não essa casa aqui é a história do homem, do Joaquim.

E: Sim. Mas como é que ela veio pará na sua mão?

Alarico: Acidentalmente, porque quando, essa história é complicada né, tiveram uma cidade como Natividade ela é uma cidade muito, pode se dizer histórica né, porque aqui é uma trajetória vinda da Bahia. Como se diz lá, dá... temos... muita história da trajetória do senhor Pedro Alves Cabral quando acidentalmente também descobriu o Brasil e a Primeira bandeira que saiu desse movimento de Pedro Alves Cabral foi da Bahia. E dali marcha para o oeste e seguiu aqui até Mato Grosso. Tanto que eu considero Natividade umas das mais velhas cidade do Brasil.

E: Por quê? Por causa dessa história?

Alarico: As descobertas do senhor Pedro Alves Cabral né.

E: Na Bahia?

Alarico: É... que primeiro ele avistou...

E: Pascoal.

Alarico: O monte Pascoal e também pisaram em terra segura em Porto Seguro e dali veio a trajetória dos imigrantes pra explorar o ouro que existia na região e vieram para Natividade, tanto que aqui esta serra todinha é ourive né...toda removida através desses escravos na exploração do ouro.

E: O senhor usava as jóias em festas? A sua família gostava das jóias de Natividade?

Alarico: Não, eu usei algumas jóias... mas com a situação da gente que vai aumentando, a família minha é muito estudiosa porque eu tive com os dois casal, com duas mulheres eu tive dezesseis filhos, tive mais, que era pra ser mais ou menos uns vinte filhos né. Tem vivo hoje dezesseis e tem aproximadamente uns cinqüenta netos com bisnetos, então essa casa é um verdadeiro movimento aqui.

E: Certo. Me fale dessa época que o senhor foi escrivão. Quê que aconteceu em cinqüenta aqui nessa cidade? Como que era essa cidade?

Alarico: A cidade era considerada como uma das verdadeiras cidades e aqui ... com o evento dá... no correr, veja bem o problema do... De diversas cidades ...mas a mais velha era considerado Natividade né. Como ela ficou numa posição muito mal colocada

territorialmente falando, o movimento ficou naquela região e pra cá também e aqui ficou um verdadeiro desprezo. Natividade ficou só com a história, porque... com esse movimento de escravos, ali tinha o movimento fluvial, né. E aqui ficou quase abandonado né. mas aos poucos vai chegando. Ali em Dianópolis por exemplo é uma cidade que veio muito depois de Natividade mas em compensação tem desenvolvido mais por causa do processo da representação.

No Plano Diretor da cidade de Natividade, apresentado em 2005, é referido um caminho para a construção do território onde se encontra Natividade. Na lista de arraiais abaixo se percebe quão rapidamente deu-se a conquista daquela parte do território:

Entre 1728 e 1740, pouco mais de uma década, foram fundadas algumas dezenas de arraiais, sendo que, pelo menos, a localização da maioria ainda remanesce. Além dos pioneiros Santana, Barra, Ferreiro e Ouro Fino, surgiram, na Capitania e posterior província de Goiás, Santa Rita, Anta, Santa Cruz, Meia Ponte, córrego de Jaraguá, Crixás, Traíras, São José, Arraiais, São Félix, Pilar, Cavalcante, Natividade (São Luis), Carmo, Almas, Porto Real, Pontal Corumbá, Bomfim, Santa Luzia, Santo Antonio, Flores, entre outros de menor porte e muitas fábricas ao longo das nascentes e córregos da famosa Serra Geral.³

Os mapas que constam do corpo deste relatório e os que compõem o **Anexo 1** ilustram a rápida conquista do território.⁴

O mapa de 1780 (**anexo 1, mapa 2.1**) ilustra bastante bem a formação deste território da Capitania de Goiás. É importante destacar que as informações revelam as porções não conquistadas aos indígenas; as cidades fundadas e arraiais disputam território palmo a palmo com as essas populações. No detalhe do mapa, que segue em anexo (**anexo 1, mapas 2.1 e 2.2**) podem ser individualizadas as vilas e arraiais citados pelo Plano Diretor, como, por exemplo, Anta, e os rios, principais vias de acesso das bandeiras, em território Caiapó.

³ Plano Diretor de Natividade, p. 25

⁴ Alguns dos mapas que constam deste relatório e deste inventário ainda não passaram por um tratamento mais acurado, por isso aqui se apresentam ora em meio digital, ora em meio impresso.

Outro mapa bastante relevante quanto à rápida conquista deste território data de 1770 **(anexo 1, mapas 1.1 e 1.2)**. Já o mapa 5.1 **(Anexo1)**, também do século XVIII (cerca de 1750), se refere à hidrografia e perfaz uma grande área: Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, bem como uma parte do Espírito Santo.

O mapa que consta da capa deste relatório, também do século XVIII, ilustra os sertões por onde passa o rio Maranhão ou Tocantins e já apresenta Natividade. No detalhe vê-se a cidade **(Anexo 1, mapas 3.1 e 3.2)**. Nesta série **(do Anexo 1)** apresenta-se o mapa que pouco individualiza as terras, o que os demais o fazem, mas que apresenta a porção de terra, ainda de mar a mar, compreendendo os sertões que perfazem as capitanias de São Paulo, Goyazes, Cuyabá, Mato Grosso e Pará **(anexo 1, mapa 6.1)**

O que se percebe nestes mapas é não só a velocidade com que o território se forma, mas o papel crucial que a mineração possui neste processo. Não se desconhece a importância da pecuária na interiorização do território, e nem a concomitância das atividades durante esta elaboração, mas neste inventário a verticalização é ponto principal, e, assim, a mineração será sempre o foco. A ocupação apresenta não só a conquista do território em direção aos indígenas, mas em relação às próprias capitanias, como bem mostraram os mapas.

O amálgama entre a mineração e a conquista do espaço se mostra na documentação, principalmente naquela relativa ao Arquivo Histórico Ultramarino. Em uma carta enviada de Santa Ana, em 18 de maio de 1738, o superintendente das Minas de Goiás, Agostinho Pacheco Teles a d. João V, fala a respeito da devassa tirada nas minas do Tocantins pelo seu antecessor, Gregório Dias da Silva, além das inquietações dos habitantes das ditas Minas, devido ao valor da captação e por serem obrigados a captarem em Vila Boa. A resolução, então, foi a de igualar o valor da captação para as Minas de Goiás, a partir da ordem expedida pelo governador e capitão-geral de São Paulo, o conde de Bobadela, para que se ocupasse da diligência das minas do Tocantins, e passasse às de São Félix. O objetivo era o de pôr em boa arrecadação a captação e censo e evitar os descaminhos do ouro. Em carta enviada em sete de novembro de 1743 do Pará, ao governador e capitão-general daquela Capitania, João de Abreu de Castelo Branco, ao rei d. João V, em resposta à provisão sobre os descobrimentos de ouro no rio

Tocantins, fomentado pelo governador de São Paulo e acerca do conflito de jurisdição entre as capitanias do Pará e Goiás.

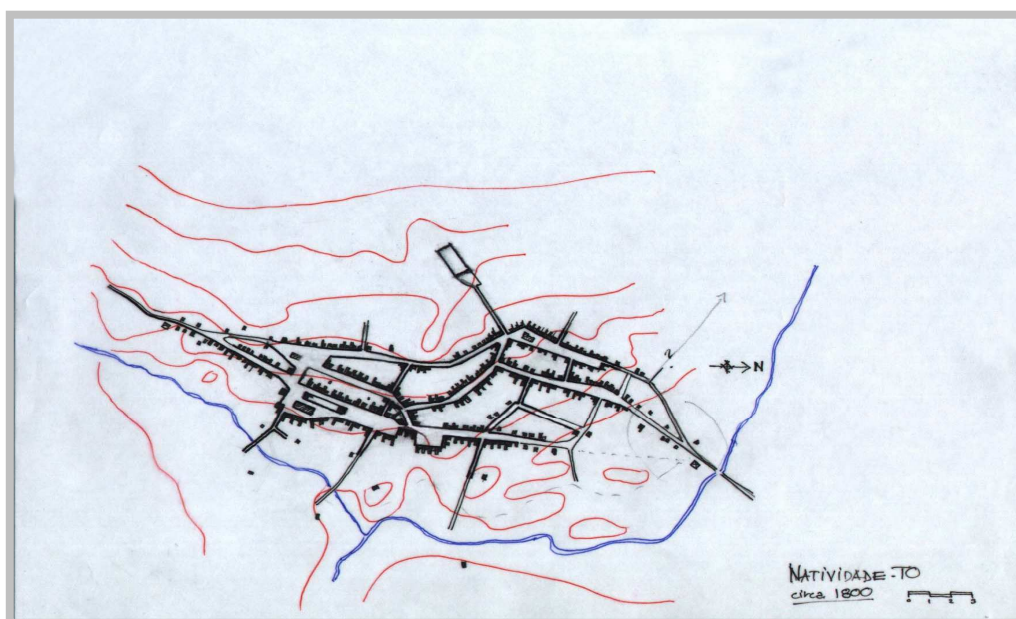
Natividade, segundo informação que consta do Plano Diretor, foi considerado o “quarto arraial com maior captação de ouro”, em 1770. A cidade, segundo ainda o mesmo documento, teria nascido na Serra de Natividade, de onde desceu e cresceu ao longo do tempo. Segundo o Plano diretor:

Tudo indica que naquele curtíssimo espaço de tempo várias pequenas aglomerações foram fundadas, desde as nascentes na serra até os locais de concentração do ouro aluvionar, no bloqueio do vale. Dessa forma, exploraram tanto o ouro mais fácil, bateiado no cascalho do leito dos córregos como aquele que exigiu maior engenharia, no âmago do solo onde se acumula o ouro em concreção.

Daí resultam não apenas a atual cidade de Natividade, mas também um grande número de ruínas que demonstram a extensão do esforço e da engenharia de mineração da época, inclusive o povoado de São Luis, ao qual muitos atribuem a origem efetiva dos arraiais daquela serra. A falta de registros históricos mais precisos impõe indeterminações de nomes e cronologia, o que impossibilita o esclarecimento das especulações quanto a ser São Luis um assentamento à parte ou mesmo um primeiro nome para a natividade atual.

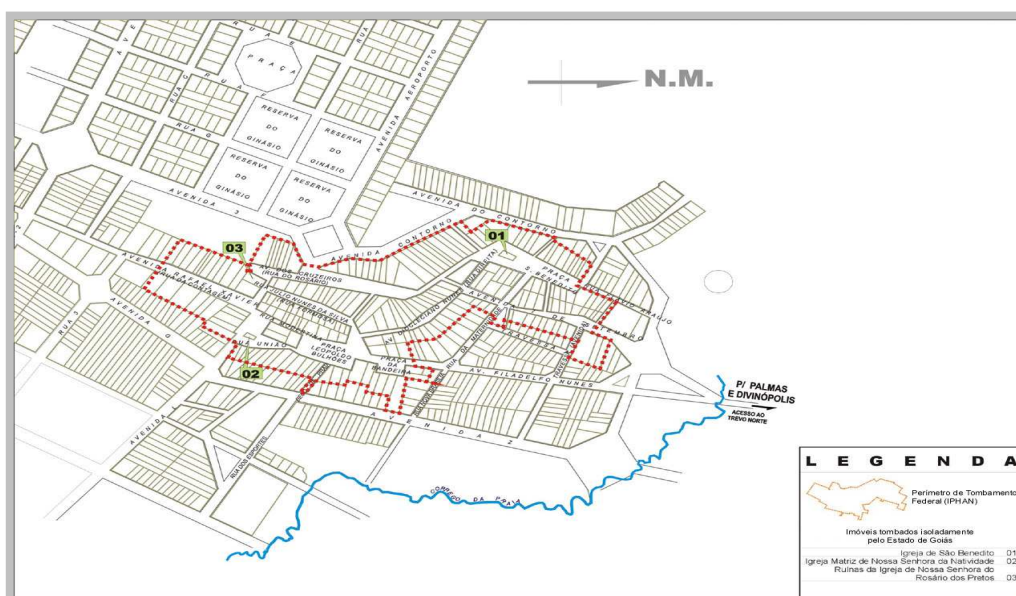
(...) deve-se considerar que Natividade era parte de uma das rotas (caminho real) sul-norte da Capitania, conectada à chapada da Serra Geral na Bahia, bastante próxima a Porto Real (atual Porto Nacional), e, sendo pólo de uma região aurífera, chegou a ser o segundo maior arraial da Capitania de Goiás na captação de ouro (Plano Diretor, p. 26)

A Serra de Natividade pode ser vista de qualquer ponto da cidade. É uma espécie de grande moldura para a cidade que cresceu praticamente a seus pés. É como se a cidade fosse um braço da serra, aproveitando-se das nascentes que lá existem. A água, sempre fundamental não só para a manutenção da vida, mas na produção de riquezas da coletividade. Cumpre lembrar a importância da água no processo de lavagem do ouro aluvionar, que foi a expressão desta atividade em Natividade. Tal núcleo ligado ao que podemos chamar de primeira expressão da cultura aurífera nativitana ainda está presente no conjunto arquitetônico primitivo: são as ruínas de São Luis, os diques e os canais. Abaixo, a estrutura urbana por volta de 1800, quadro que consta do Plano Diretor.



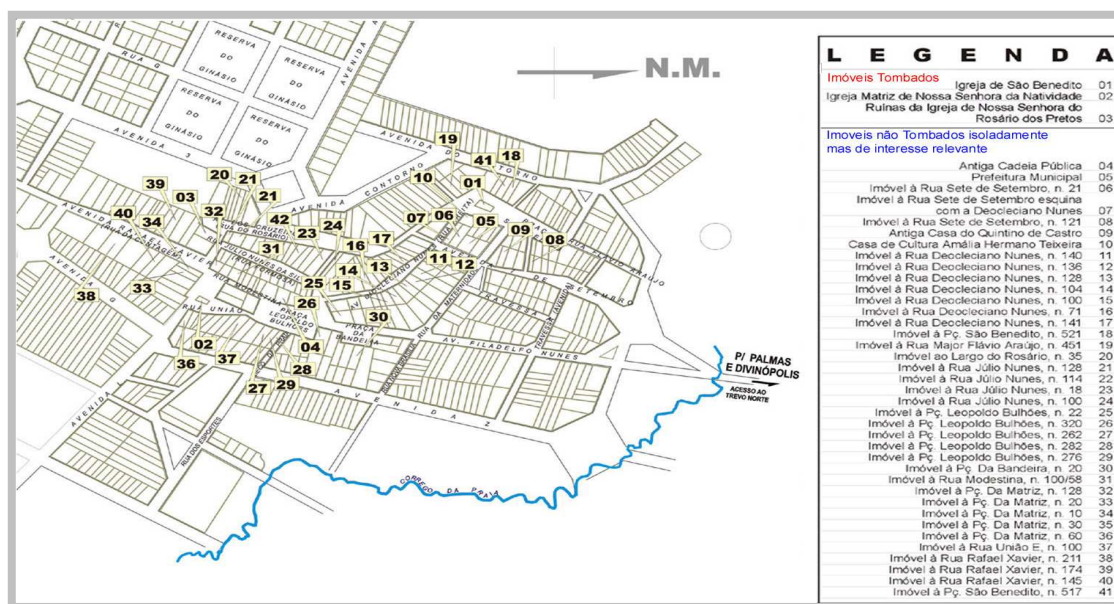
In: **Plano Diretor**, p. 58

Após as primeiras construções, encontra-se o centro histórico, com os casarios e as ruas, becos e praças que formam a identidade da cidade de Natividade. Em 1987 quando foi tombada pelo IPHAN como patrimônio nacional, do estudo apresentado constavam, entre outros, os seguintes levantamentos/recortes do sítio:



In: **Plano Diretor**, p.61

No plano abaixo, consta a relação dos imóveis tombados e dos que não seriam, mas apresentam relevância para o conjunto arquitetônico.⁵



In: Plano Diretor, p.63

É interessante notar, através da história administrativa da cidade, o vivo interesse de Natividade em sediar um governo. A ASCCUNA (Associação Comunitária Cultural de Natividade) apresenta um documento, uma resposta enviada por José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1823, a respeito de tal pedido:

Tendo subido à Augusta Presença de S. M. o Imperador as representações que lhe têm sido dirigidas por parte do Governo e Câmara do Arraial da Natividade da Província de Goiás participando não só as razões principais que deram origem à instalação daquele governo, mas também os procedimentos relativos à conservação da tranquilidade pública e as sucessivas queixas contra o antigo Governo da Província: o mesmo Senhor, em resposta aos sobreditos ofícios, manda pela Secretaria de Estado dos Negócios do Império declarar ao mencionado governo, para sua inteligência, que não se dignou aprovar semelhante instalação, e mais atos subseqüentes, não por que julgue os indivíduos de que se compõe o dito Governo sejam destituídos de sentimentos patrióticos e honrados como fiéis brasileiros, mas por ser a dita instalação contrária às Leis, que proíbem a multiplicidade de governos em uma só província,

⁵ “O conjunto arquitetônico, paisagístico e urbanístico da cidade de Natividade está tombado como patrimônio nacional, de acordo com o decreto-lei número 26, de 30/11/1937 e o Processo de Tombamento do IPHAN, de número 1.117-T-84, inscrito em 16/10/1987 nos livros de Tombo Histórico (vol. 2, fls. 05, número 519), Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (fls. 55, número 102) e das Belas Artes (vol. 2, fls. 14, n. 590)” In: Plano Diretor, p. 60-61.

ficando na certeza de que achando-se atualmente a Assembléia Geral Constituinte e Legislativa discutindo o projeto dos Governos Provinciais deste Império, brevemente serão transmitidas as ordens convenientes sobre o que a mesma Assembléia deliberar a este respeito; e tendo por muito recomendada a união e tranqüilidade dos povos, para o que muito contribui o exemplo da pronta e exata execução das leis do mesmo Augusto Senhor.

Palácio do Rio de Janeiro, em 23 de junho de 1823 (In: ARAÚJO, Simone Camêlo. **Conhecendo Natividade-TO.**, mimeo.)

Segundo o material que compõe o processo de tombamento, a importância de Natividade durante o século XIX permitiu a ela que pedisse para sediar o governo, já que se destacara como Governo Provisório da Comarca do Norte, à época do conflito entre o norte e o sul da Província.⁶ Natividade, segundo o documento do IPHAN, “era o segundo arraial em grau de importância da Província, estando o de Meia-Ponte (atual cidade de Pirenópolis, ao Sul de Goiás) em primeiro lugar.

Ainda segundo o documento do IPHAN, houve atritos ensejados pela riqueza que o ouro propiciava:

O ouro produzido no norte de Goiás (com minas mais produtivas que ao sul) era muito cobiçado pelos governos das Capitanias de Grão-Pará e Maranhão, que, além de disputarem a posse daquele território, cobravam ilegalmente os quintos reais, papel que cabia ao Governo da Capitania de São Vicente.

Em 1744, por decisão régia, cria-se a Capitania de Goiás, dando autonomia a mesma e, desta forma, Natividade e os outros arraiais da região tornam-se sua jurisdição. A capitania de Goiás fica, então, subdividida em duas comarcas: a do Sul ou Vila Boa de Goiás, e a do Norte, ou vila de São João da Palma ou ainda Duas Barras (CHUVA, Márcia R. Romeiro. **Estudo para o tombamento de Natividade**. DCT/SPHAN, 1985)

⁶ In: IPHAN. **Conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico- cidade de Natividade**. Tombamento Federal. Ministério da Cultura, 1987, p. 7 *et passim*.

O registro deste centro histórico não se resume ao que as intempéries deixaram resistir, mas o que os habitantes da cidade incorporaram e tornaram registros em suas memórias. Registros individuais que participam dos registros coletivos, que informam e constroem os lugares de memória da comunidade. As referências nas histórias de vida dos cidadãos de Natividade, como a d. Adélia (91 anos, neta do ourives Antonio Nunes) sobre os lugares informam este dado:

Sandra: E aquela rua eu ouvi contar, que aquele lado da cidade seria como assim, a princípio, um lado mais pobre da cidade e moravam os negros no passado. Era isso mesmo?

Adélia: Bem isso mesmo. Bem aí embaixo aí tinha umas mangueiras, morava gente debaixo das mangueiras, casinha de palha, uma *xixozinha*, né, de palha e palhoça e morava gente ali....

Sandra: Ali no lago do São Benedito?

Adélia: Não aqui ó.

Sandra: Aqui aonde?

Adélia: Ali atrás.

Valdirene: Da do Rosário?

Adélia: Da do Rosário. Num tem uma casona aí?

Sandra: Tem.

Adélia: Bem aí... morava era muito preto aí....

Valdirene: Então os escravos libertos moravam próximo da igreja?

Adélia: Moravam perto daqui ... perto da igreja.

Sandra: Dessa igreja de São Benedito ou a ruína?

Adélia.: Do Rosário aqui, do Rosário.

Sônia: A lembrança que a senhora tem das ruínas é do jeito que ela é hoje ou tinha mais alguma coisa?

Adélia: Dessa igreja aí?

Sônia: É, da ruína.

Adélia: Não toda vida foi isso mesmo, a lembrança que eu tenho toda a vida é isso aí .

Sandra: Olha só que coisa interessante. E deixa eu perguntar uma coisa assim mais com relação a isso. As ruas elas eram das mesmas formas como elas são hoje?

Adélia: É, são hoje.

A Igreja do Rosário a que se refere d. Adélia data provavelmente do início do século XIX. Atualmente, a ruína é um cartão-postal da cidade, e o largo onde ela está localizada abriga vários eventos, bem como a própria ruína. Entre eles estão a dança da sússia e a festa do capitão do mastro, por exemplo. Pelo largo do Rosário passam as procissões que acontecem ao longo do ano, em diversas festividades. A construção sempre ocupou o conjunto arquitetônico da cidade, mesmo tendo sido abandonada sua construção, ainda no século XIX, que, segundo o estudo para o Tombamento, seria uma das mais significativas obras da Província.



Ruína da igreja de Nossa Senhora do Rosário, com a serra de Natividade ao fundo. Foto de Raphael Mendes.

O processo de tombamento do conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico da cidade de Natividade teve fim em 1987, sete anos após a morte de mestre Juvenal e pouco antes de ourives, como mestres Wal, Bisa e Jesumar iniciarem o percurso de resgate dos desenhos tradicionais das jóias nativitanas.



A ourivesaria e seu contexto – “entre o passado e o futuro”



Nasceu Juvenal Rodrigues Pinto de Cerqueira, no dia 20 de janeiro de 1901, em Natividade. Casou-se com Belarmina Nunes, conhecida como Belita. O casal não teve filhos, mas adotou vários. Como era de costume, o pai de Juvenal contratou o mestre Antônio Antonio Vicente Nunes para ensinar o ofício de ourives ao menino, então com 12 anos, ao custo de 400 mil réis, o equivalente na época a quatorze bois. Aluno aplicado, após um ano de aprendizagem, Juvenal recebeu o título de ourives.

A partir de 1923, Juvenal passou a trabalhar por conta própria como ourives, produzindo trabalhos magníficos em ouro e prata.

Juvenal Rodrigues foi um nativitano típico: afável, manso, acolhedor -- um verdadeiro coração de ouro; um grande artesão que transformava o ouro de sua terra em jóias admiráveis. No decorrer de meio século de ininterrupta atividade manual e artística, criando e se aperfeiçoando sempre, ele ensinou a ourivesaria a mais de quarenta jovens nativitanos. Para os aprendizes, dava o exemplo: ‘evoluir é necessário, mas sem corromper a consciência que se firmou no passado...’

Em 1979, faleceu deixando sua obra para a posteridade: ‘o fogo de minha oficina não tardará a se apagar. Mas, quando eu me for dessa vida, gerações futuras verão o que minhas mãos plasmaram’.

Folheto produzido pela Oficina Educacional de Jóias Artesanais Mestre Juvenal, implantada pelo projeto da ASCCUNA

A Ourivesaria

O início da ourivesaria no Brasil está marcado por certo silêncio, mas seu rastro está impresso neste constante esforço de anexação de terras pela Coroa portuguesa. A necessidade metropolitana de ouro como matéria-prima vigiava a colônia para que não se perdesse a produção aurífera em caminhos outros que não a viagem para Além-Mar.

Várias medidas são tomadas no sentido de coibir qualquer atividade que se destinasse a fazer permanecer o ouro em terras brasílicas. Em 1621, por exemplo, há a proibição, através de alvará, de qualquer mulato, negro ou índio exercer a ourivesaria. O sentido da proibição era claro: os escravos de origem sudanesa conheciam a metalurgia e na cidade de Salvador, no século XVII, a circulação de objetos de uso pessoal era de certa importância. Objetos como cuias, esporas, arreios e pencas de balangandãs ornavam os habitantes da Colônia. Várias ordens régias estabeleceram o controle do ouro, entre elas, o estabelecimento das Casas de Fundição para conter o problema do desvio da “rota

natural”, que era a Metrópole. As Casas de Fundição são estabelecidas na Colônia, para que fosse organizada a produção e tivesse sucesso o envio do ouro para a Metrópole:

mais antigos órgãos encarregados dos tributos sobre a mineração. A primeira casa de fundição foi estabelecida em São Paulo, por volta de 1580, para fundir o ouro extraído das minas de Jaraguá e outros arredores da vila. As Casas de Fundição recolhiam o ouro extraído pelos mineiros, purificavam-no e o transformavam em barras, nas quais era aposto um cunho que a identificava como “ouro quintado”, isto é, do qual já fora deduzido o tributo do quinto.⁷

A necessidade da Metrópole era de ouro matéria-prima, sendo, então, a ourivesaria proibida na colônia por cartas régias de 1684, 1698 e 1703. A ordenação de 1730, contudo, tornou a permiti-la. Outra carta-régia, mas de 1766, fez com que os negros e os pardos ourives fossem distribuídos pelas milícias, tendo, mais uma vez, a ourivesaria na Colônia sofrido perdas. Desta forma, por exemplo, estabeleceu-se no Rio de Janeiro uma rua só para os ourives, para que o recolhimento dos impostos fosse garantido. Apenas em 1815 o Alvará de 1766 é revogado. A prática da ourivesaria persistiu mesmo sob a sua proibição real.

Há, na colônia, um caminho bastante sinuoso quanto à história das jóias. Sabe-se que na Bahia durante os séculos XVIII e XIX as escravas portavam adereços como os balangandãs, formados por diversos objetos que tinham um cunho mágico: proteção sobretudo – figas, tambores, pássaros, flores, dentes feitos de ouro ou prata eram ornamentos/objetos que caracterizavam as escravas (que poderiam ser de ganho) e pretas forras da Bahia. Abaixo, o primeiro balangandã traz um pequeno globo bastante próximo àqueles da flor de maracujá. O segundo traz o quase obrigatório coração. Sem falar nas tradicionais figas que desde sempre são utilizadas com o intuito de se conseguir proteção e boa sorte, Peças estas que também fazem parte da ourivesaria em filigrana de Natividade.

⁷ In: <http://www.receita.fazenda.gov.br/Memoria/administracao/reparticoes/colonia/casadefundicao>

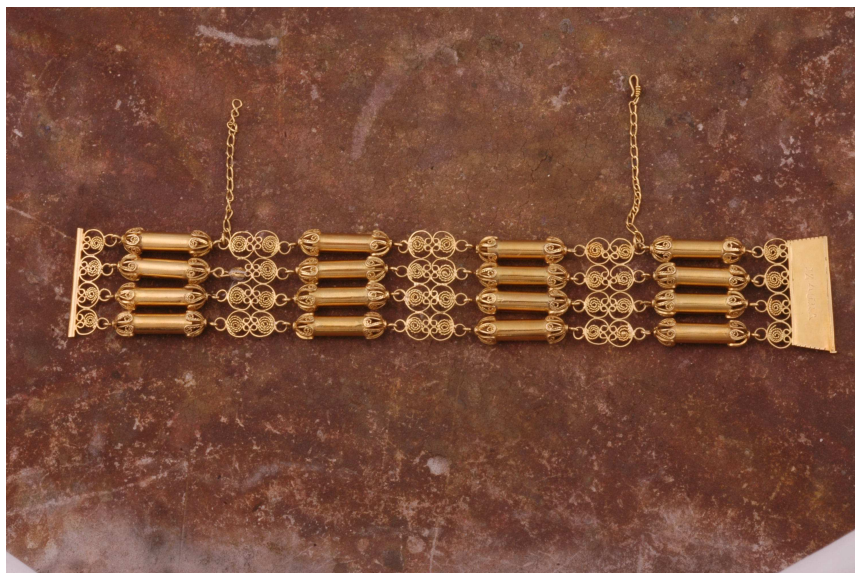


Os dois balangandãs estão em: Ermakoff, George: O negro na fotografia brasileira do século XIX. Rio de Janeiro: George Ermakoff Casa Editorial, 2004.

A foto que ilustra a entrada deste item do relatório traz a negra com jóia à cintura, em cordões que a contornavam (**também em Anexo 2, foto de negra**). Além das voltas de colares ao pescoço e do crucifixo, as pulseiras indicam desenhos que se assemelham àqueles também produzidos atualmente, em Natividade.



Ermakoff, George: **O negro na fotografia brasileira do século XIX**. Rio de Janeiro: George Ermakoff Casa Editorial, 2004.



Pulseira escrava. Foto Raphael Mendes

Não se fala especificamente de semelhança quando se trata de figas. São objetos que permanecem na cultura brasileira é atestada uma ancestralidade em Portugal, passando pelos balangandãs da Salvador colonial aos pingentes presentes na joalheria brasileira:



Figs. Foto de Raphael Mendes

Nos documentos arrolados no cartório da cidade de Natividade (**Anexo 2, fontes cartorárias**), o ouro e a prata encontram-se em diversas peças de uso geral, como garfos, colheres, castiçais, esporas. Os objetos de adorno eram fivelas, botões, cordões. Nos inventários encontram-se também objetos de atividade mineratória, como, por exemplo, uma balança de pesar ouro (avaliada em três oitavas de ouro).

O pertencimento à irmandade também é um dado que consta dos inventários. No da negra alforriada Ana Francisca Barreto, de 1805, constam uma casa, um laço de ouro lavrado, dois pares de brincos, um par de botões de ouro, uma fivela de prata, balança de pesar ouro, uma bouceta, além de conter a informação de que pertencia à Irmandade da Nossa Senhora do Rosário. É importante lembrar o papel que as irmandades possuem no Brasil colonial. Em uma sociedade marcada pela cultura católica forjada no Concílio

de Trento, a normatização era considerada sua pedra de toque. Cultura católica e sociedade de Antigo Regime, assim, se amalgamam: suas fortes marcas estariam em um modelo de grupos sociais cujas diferenças eram marcadas pelo privilégio e a nobreza. A América portuguesa, fortemente caracterizada pela escravidão, a posse de escravos e de propriedades diversas, então, seria um sério traço distintivo. Como a sociedade colonial era formada não só por brancos, mas por negros e pardos, as características simbólicas eram partilhadas por todos. Desta forma, pode-se afirmar que os indivíduos que ascendiam socialmente buscavam a os mesmos bens dos indivíduos ricos, e apontariam o lugar social ocupado, distinguindo-o dos escravos, por exemplo. As irmandades leigas cumpriam um papel interessante nesta sociedade. Participavam do tom ordenador do catolicismo tridentino e ao mesmo tempo significavam a sociabilidade para negros e pardos. Tinham o papel, entre outros, de ajuda mútua, criando fundos de amparo. Através das irmandades também poderiam estar marcadas as etnias, sendo, então, por exemplo, a Nossa Senhora do Rosário para os negros.⁸

Entre os primeiros inventários e os últimos⁹ grande parte dos escravos que constavam da documentação era de brasileiros, filhos de escravos sudaneses, especialmente mina e nagô. As etnias mina e nagô são reconhecidas por serem detentoras das técnicas de mineração, sendo as escravas mina, bem como as de Moçambique famosas por seus balangandãs.

Eduardo França Paiva, que, através de testamentos e inventários post-mortem, estudou a escravidão em Minas Gerais e a diversidade de origens dos habitantes que compuseram aquela região mineradora, afirma que havia uma significativa imigração no interior da colônia:

Predominantemente eram oriundos de regiões localizadas ao norte, principalmente da Bahia e de Pernambuco. Bem, é preciso lembrar que os limites territoriais dessa Comarca [do rio das Velhas] eram, predominantemente, oriundos de regiões localizadas ao norte, principalmente da Bahia e de Pernambuco. Bem, é preciso lembrar que os limites territoriais dessa Comarca estendiam-se até a fronteira com a Bahia e que tanto o Rio São

⁸ SILVA, K.V., VASCONCELOS, M. M., SAMPAIO, J. da C. Relações sócio-culturais barrocas nas irmandades de cor nas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII. In: Dossiê Cultura e sociedade na América portuguesa colonial, v. 5, n.12, out/nov. 2004. Disponível em <http://www.seol.com.br/mneme>

⁹De 1765 a 1900, divididos em séries: 15 inventários de 1800 a 1812, 10 inventários e três testamentos, que perfazem o período de 1812 a 1818; e 16 inventários e 09 testamentos do período de 1822 a 1830

Francisco (navegável em boa extensão), que cruza todo esse território, quanto o Caminho dos Currais¹⁰, que vinha da Bahia em direção à região mineradora central das Minas, facilitavam bastante o movimento populacional e comercial. (PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na colônia**. Minas Gerais, 1716-1789, p. 59)

A circulação de pessoas significava, evidentemente, um trânsito cultural, e os objetos, hábitos e crenças viajaram um mundo atlântico, fazendo, então, com que identifiquemos figas em Portugal e na Bahia, em Minas Gerais e em Natividade. Assim, pode-se pensar em um pequeno universo relacionado à mineração, que organiza uma extensa trama de relações.

O viajante inglês Thomas Ewbank que esteve no Brasil traz uma descrição interessante sobre os amuletos, que, anteriormente, neste relatório indicaram já a circulação cultural que acabamos de mencionar. Abaixo, a ilustração extraída do livro **Vida no Brasil** seguida da explanação do próprio autor.



10

O caminho dos currais ou caminho da Bahia pode ser visto em: http://pt.wikipedia.org/wiki/caminho_da_Bahia



Os amuletos marcados com as letras A, B e C, conhecidos como “signos de Salomão” são muito conhecidos; F é outro amuleto, muito usado por crianças; D são figas, uma de ouro, outra de cornalina. Vi outras de chifre, ossos, madeira e chumbo. São, sem dúvida, os principais amuletos, sendo usadas por todas as classes e todas as idades, desde a primeira dentição até a segunda infância. As figas, da mesma forma que outros amuletos, são abençoadas pelos padres antes de usadas. A figura indicada pela letra E supus fosse o dente de algum animal; objeto semelhante foi apreendido pela polícia, juntamente com outros apetrechos de um feiticeiro africano; G é de coral; o artista explicou suas virtudes, mas eu não o compreendi; I representa um par de olhos; grupos semelhantes fitam o comprador em toda caixa, variando de tamanho desde o que se vê na ilustração até duas ou três vezes maior. São constituídos de pequenos faixas de ouro e pratas incrustadas e assemelham-se aos que se distribuem no festival da protetora dos olhos, K é um amuleto de pomba; e L são chaves de forma antiga e muito comum, M é uma bula¹¹ dentro de um anel, N é outro tipo muito usado pelas crianças; as negras mina e moçambique usam grandes amuletos semelhantes; o mesmo fazem as senhoras brancas da sociedade; O é uma espora de galo feita também de bronze, estanho, prata, etc. Na mesma caixa,

¹¹ Uma bula é um antigo selo feito de ouro, prata ou chumbo, que pendia de documentos emitidos por soberanos, entre eles os papas.

havia outro amuleto semelhante em sua forma, mas muito maior; P e Q são anéis tendo suspensos fechaduras, chaves, corações, crescentes, ampulhetas, etc, cada um com significação própria. (In: EWBANK, Thomas. **Vida no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985)

Assim, a organização da sociedade colonial é marcada por uma conformação que combina a forte hierarquização com uma certa mobilidade, que, muitas vezes, não necessariamente nega a estrutura organizacional, mas, ao contrário, a reforça. Segundo o autor de **Escravidão e universo cultural na colônia**, esta nova ordenação estava marcada pelo hibridismo, possibilitando uma nova teia de relações culturais. Segundo José Ramos Tinhorão, as festas no Brasil colonial são palcos desta sociedade híbrida. Se em um momento inicial as festas tiveram um traço marcante do Estado, sem qualquer caráter lúdico, a partir do século XVII esta característica mudou. Tanto a questão portugueses e holandeses, quanto a vinda de negros para as terras brasileiras fizeram com que as festas comesçassem a ter outras características. As pessoas de extratos sociais menos favorecidos passaram a tomar parte das comemorações, trazendo, assim, um “caráter mais coletivo”¹² às festas, e mudando “a diretriz religiosa das festas para objetivos profanos”¹³. Carlos Julião testemunhou festejos no Brasil colonial, com a presença de negros:



Carlos Julião (1740-1811). **Coroação de um rei negro nos festejos de Reis**. Aquarela. Biblioteca Nacional

¹² <http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/2801>

¹³ Idem.

Importante recolocar o título desta sua segunda parte: entre o passado e o futuro. A citação ao clássico de Hannah Arendt ilustra bastante bem o papel da ourivesaria em filigrana em Natividade. O resgate da prática da ourivesaria não possui um sentido estático, algo que tente recuperar algum passado “glorioso” e perdido, mas o caminho em direção ao passado, ao momento primeiro da ocupação do território, a formação e sentido do arraial de Natividade cumpre um outro papel: este conhecimento enseja a construção da identidade.

A filigrana produzida na cidade de Natividade é um traço identitário daquela coletividade, que esteve em vias de se perder. A população e os mestres ourives vêm realizando um trabalho de resgate dos desenhos tradicionais das jóias, e alguns deles propõem novos desenhos, mesclando os tempos, as pessoas, as pedras e os fios. Quanto à diversidade dos tempos e a eterna construção da trama cultural, lembra Braudel:

A história do mundo não é um rio, são rios (...) há temporalidades de longa e muito longa duração, as conjunturas lentas e menos lentas, os desvios rápidos, alguns instantâneos. E podemos distinguir um tempo vivido nas dimensões do mundo, o tempo do mundo, que no entanto não é, não deve ser, a totalidade da história dos homens. Esse tempo excepcional rege, conforme os lugares e as épocas, certos espaços, certas realidades. (In: BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo**. Séculos XV-XVIII. Trad. T. Costa. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998, p. 8)



Categorias do INRC

Processo de trabalho

Padre Joatam: Sai daí moleque, umas horas dessas ele tá querendo é comer [falando sobre seu cão de estimação]. Então o povo quer que a caixa, seja, quando eu era menino lembro muito bem, a gente escutava a caixa do Divino a duas ou três léguas né. E o povo se preparava, dormia lá do outro lado da serra ali quando era de noite o caixeiro batia então todo escutava aquela vibração, olha o Divino tá dormindo na casa de fulano. Isso o povo perdeu essa mística desta informação que era dada no giro, o Divino avisava, olha que beleza, que saudade eu lembro, todo mundo se emocionava o Divino tá girando ... olha a caixa zurrando aí. Hoje é um mundo barulhento, no tempo que eu era menino não tinha isso, olha como é que você escuta a caixa tá bem ali toda hora passa um carro, um demônio desse que num sossega né ... um caminhão trucado, um avião, um motor, aquela construção, ali vai serrar com a maquita lá, as cerâmicas fazem barulho, tá vendo o tanto de barulho.. Entendeu?



A cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta confunde-se com a linha da paisagem (HOLANDA, S. Buarque. Apud. SANTOS, P. Formação de cidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001)



O conceito de paisagem, que, longe de ser apenas um modelo abstrato de compreensão do meio, é também materialidade por meio da qual a racionalidade humana organiza os homens e a natureza em territórios (LUCHIARI, M.T.D.P. A (Re) significação da paisagem no período contemporâneo. IN: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Z. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.11)

Processo de trabalho

A primeira etapa do trabalho caracterizou-se, resumidamente, pelo primeiro contato com o sítio a ser inventariado, levantamento preliminar dos entrevistados, treinamento da equipe do projeto com técnicos do Iphan e início do levantamento documental e bibliográfico. Na ocasião, quando foram pesquisados os personagens a contribuir com suas história de vida para a pesquisa, já foram realizadas entrevistas que significaram o início de uma relação de êxito. A comunidade nativitana, como os pesquisadores puderam constatar, mostra-se interessada no processo que se inicia, visto que a ourivesaria, como ela mesma reconhece, está na raiz da própria localidade.

Afirmar que os nativitanos têm orgulho de sua ourivesaria é empobrecer o papel que esta prática possui entre eles. Pode-se, sim, dizer que a mineração, talvez mais que a pecuária, seja o caminho de construção da identidade nativitana. Mais que um resgate dos desenhos tradicionais há, atualmente, um resgate de um traço da formação do lugar. Impressos em ouro e prata, os corações, as pulseiras escravas, os globos, a peixa, as figas, as flores de maracujá são emblemas de escolhas que os nativitanos realizaram para sua marca no tempo.

Em Natividade a maioria dos cidadãos possui uma jóia nativa. Todos participam das festividades do divino, seja a realizada a partir de um catolicismo ao mesmo tempo oficial e popular, seja na “saída do divino” realizada por Dona Romana.

As entrevistas e as fichas preenchidas de acordo com o Inventário Nacional de Referências Culturais trazem o levantamento e a descrição da trama tecida pelos nativitanos ao longo de quase três séculos de existência. As histórias de vida capturadas nas entrevistas mostram o conhecimento que os cidadãos têm de sua história e da história de seu lugar, bem como o uso que fazem do equipamento urbano que têm à disposição.

Neste sentido, a entrevista de D. Adélia, neta do ourives Antônio Nunes, é significativa, e aqui se reproduz um excerto:

Sandra: E aquela rua eu ouvi contar, que aquele lado da cidade seria como assim, a princípio, um lado mais pobre da cidade e moravam os negros no passado. Era isso mesmo?

Adélia: Bem isso mesmo. Bem aí embaixo aí tinha umas mangueiras, morava gente debaixo das mangueiras, casinha de palha, uma *xixozinha*, né, de palha e palhoça e morava gente ali....

Sandra: Ali no lago do São Benedito?

Adélia: Não aqui ó.

Sandra: Aqui aonde?

Adélia: Ali atrás.

Valdirene: Da do Rosário?

Adélia: Da do Rosário. Num tem uma casona aí?

Sandra: Tem.

Adélia: Bem aí... morava era muito preto aí....

Valdirene: Então os escravos libertos moravam próximo da igreja?

Adélia: Moravam perto daqui ... perto da igreja.

Sandra: Dessa igreja de São Benedito ou as ruínas?

Adélia.: Do Rosário aqui, do Rosário

Simone Camelo, à frente da ASCCUNA (Associação Cultural Comunitária de Natividade) da qual fazem parte os ourives da cidade, e devota do divino, possui a dimensão da interseção dos aspectos presentes nos desenhos das jóias e do papel que elas possuem para a cidade de Natividade:

Sandra: E o crucifixo, ooo Divino, ele era, geralmente feito numa peça única, mais achatada. A filigrana foi uma introdução nova no divino? Na pombinha?

Simone: É, as peças, as peças do divino. Aqui em Natividade, uma coisa que eu vejo também como diferenciada, é que Natividade tem um grande número de, de, de modelos do divino. Então você vai em alguns lugares, é, o divino, são poucos modelos, eu já tive, eu, eu tenho assim: onde eu vou, eu vejo e me chama a atenção. E eu estive já, em várias cidades, e procuro modelos diferentes dos divinos sabe e sempre, mas realmente o nosso tem uma grande variedade, e eram peças mais, peças, é que seriam, não teriam a

filigrana, são peças mais, né com o ouro mesmo maciço. E essas peças eram assim são peças, eram peças pequenas, né, normalmente se ganhava quando nascia, no batizado, se usa, né, dava pra criança, pra proteger a criança, essas questões, então, os divinos eram mais assim, é...

Sandra: Pra evitar o quebrante né?

Simone: É, protegia de várias formas né, inclusive evitar o olho... gordo né? O quebrante nas crianças. Então, o, a inserção da filigrana foi nesse trabalho de valorização do filigrana, da ourivesaria mestre Juvenal, a gente criou né, essa linha da filigrana no divino.

Sandra: E o relicário?

Simone: O relicário é uma peça realmente que, que na hora que você olha você já vê como antigo, por quê? É uma peça que lembra a antigüidade, por quê? Porque é uma peça, que você guarda normalmente alguma coisa, uma fotografia, é, as pessoas gostam, de guardar um fio de cabelo, né, o caxinho do cabelo dos filhos. Então o relicário é alguma coisa que guarda né? Que guarda alguma coisa importante. Então só ai, já, já, remonta alguma coisa que lembra o passado. Então é uma peça, hoje, não tem assim grande procura né? Mas é uma peça que quando você olha você, ela tá nessa linha tradicional né? Essa coisa que lembra realmente o passado né?

Do primeiro relatório constavam roteiros que organizaram a investigação e seus resultados constam da elaboração das fichas. Cada uma das cinco categorias apresentou um roteiro de questões que orientariam não só as entrevistas (sendo, então, elaborados roteiros semi-estruturados), mas os levantamentos de dados.

Entrevistas

As entrevistas realizadas em Natividade foram elencadas em razão da participação dos entrevistados na vida da coletividade. Foram entrevistadas lideranças locais, detentores de memória, pessoas envolvidas direta ou indiretamente com as cinco categorias relacionadas pelo INRC, ou vinculadas ao ofício de ourivesaria. Buscou-se fazer um histórico da ourivesaria em Natividade, do processo de confecção das jóias, bem como a construção de uma breve genealogia dos principais ourives nativitanos.

Os roteiros foram elaborados a partir de uma abordagem qualitativa e semi-estruturada, na qual em lugar de se elaborar um questionário foi feito um roteiro semi-estruturado de questões gerais que deveriam ser trabalhadas com os entrevistados. Assim, o objetivo era o de chegar a respostas mais abrangentes que pudessem dar conta do rico universo estudado.

A princípio se fez uma breve apresentação do trabalho e de sua importância, e, a partir daí, buscou-se o envolvimento das pessoas entrevistadas com o propósito do trabalho, que é o de se construir o Inventário da cidade e da ourivesaria com o objetivo de seu registro. A seguir, as entrevistas feitas ao longo do processo do inventário.

As entrevistas, apesar de serem conduzidas através da caracterização das categorias do INRC, a devoção ao Divino está presente em todas as falas. Quando se pergunta sobre o ouro, em qualquer uma de suas expressões (do processo de trabalho, das jóias ou dos desenhos) a devoção sempre aparece.

Entrevistas que foram realizadas e em processo de gravação à época da primeira fase da pesquisa referentes às cinco categorias do INRC

- 1) Entrevista com Simone Camelo – representante do Monumenta da ASCCUNA e foliã da Festa do Divino 16/01 – Sandra
- 2) Entrevista com Lula – folião –14/03 Sandra /Jocyléia

- 3) Entrevista com Faraildes – funcionária da Igreja de São Benedito 14/03 Sandra /Jocyléia
- 4) Entrevista com Marião – figura folclórica da cidade 14/03 Sandra
- 5) Entrevista com Flávio Pereira de Sousa – guia turístico 14/03 Sandra /Jocyléia
- 6) Entrevista com Padre Joatan Bispo de Macedo – Pároco da cidade 14/03 – Sandra /Jocyléia
- 7) Entrevista com Romana Pereira da Silva – Centro Bom Jesus de Nazaré (Tia Romana) 15/03 –Sandra
- 8) Entrevista com João Bosco Nascimento – ourives - diversas Sandra /Jocyléia 15/03
- 9) 10) 11) Entrevista com D. Coracy/filha do ourives Bernardino de Souza Fernandes 07/04 Sandra
- 12) Entrevista com Padre Joatan Bispo de Macedo – Pároco da cidade – 07/04 Sandra
- 13) Entrevista com Júlia Ferreira de Jesus- dança Sússia 08/04 Sandra
- 14) Entrevista com Romana Pereira da Silva – Centro Bom Jesus de Nazaré (Tia Romana) – 08/04 Sandra
- 15) 16) Entrevista com Augustim 08/04 Sandra
- 17) Entrevista com Natividade Batista de Oliveira e Francisco da Silva - 08/04 Celso Bastos
- 18) Entrevista com Belarmino Romão Ferreira – Catireiro 08/04 Sandra
- 19) Entrevista com Alarico Suart – escrivão do Cartório de Natividade - idoso – testemunha ocular 10/04 Jocyléia
- 20) Entrevista com Joaquim Valdides Carvalho – Mestre Val - Ourives 10/04 Sandra
- 21) Entrevista com João Bosco Nascimento – ourives - Sandra – 10/04
- 22) Entrevista com Abisania Ferreira Gama – Mestre Bisa – ourives 10/04 Sandra
- 23) Entrevista com Joaquim Rodrigues Cerqueira – Sr Quincas – contador de histórias 10/04 Jocyléia
- 24) Entrevista com João Bosco Nascimento – ourives - diversas Sandra – 10/04
- 25) Entrevista com Jesumar Batista Borges – ourives – org. festa - - diversas Sandra /Jocyléia 10/04 e 11/04
- 26) Entrevista com Coquelino da Viola – Coquelino Soares Cardoso = 11/04 Sandra
- 27) Entrevista com Leôncio – cidadão nativitano 11/04 Sandra
- 28) Entrevista com Antonio Rocha/ Neto do Ourives Antonio Nunes 11/04 Sandra
- 29) Entrevista com Ana Benedita de Cerqueira e Silva - Tia Naninha Biscoiteira 11/04
- 30) Entrevista com Durval – Ferreiro 11/04 Sandra
- 31) Entrevista com Adelina – Parteira 11/04 Sandra
- 32) Entrevista com Minervino – folião beira rio 11/04 Sandra
- 33) Entrevista com Sr Moisés – contador de histórias 11/04 Sandra
- 34) 35) Entrevista com Ana Benedita Cerqueira e Silva – Naninha (boleira) – 20/04 – Eunice / Hueberson
- 36) Entrevista Valcy Sales Dias – despachante de folia 21/04 Eunice/Hueberson
- 37) Entrevista com Joaquim Rodrigues Cerqueira – Sr Quincas – contador de histórias 21/04 Eunice/Hueberson
- 38) Entrevista com Francassio Gonsavél de Calvario – Zé Folgado - folião 17/05 - Sônia / Valdirene
- 39) Entrevista com Simone Camelo – 18/05 - Sandra / Valdirene / Sônia
- 40) Entrevista com Padre Joatan Bispo de Macedo – Pároco da cidade – 18/05 – Sandra / Valdirene/ Sônia
- 41) Entrevista com Laudelina do Carmo Costa – bordadeira – 18/05 – Sandra / Valdirene

- 42) Entrevista com Ailton de Paiva Moreira – Darley – folião 18/05 – Sandra / Valdirene / Sônia
- 43) 44) Entrevista com Bolivar Araújo – alferes – 18/05 - Sandra
- 45) Entrevista com Tânia – Imperatriz da festa do Divino – 18/05 - Sandra / Valdirene
- 46) Entrevista com Tânia das Mercês Cerqueira - secretária da Educação - 18/05 - Sandra / Sônia
- 47) Entrevista com Benjamim Lourenço Rodrigues – ourives (aprendiz) - 11/06 - Eunice
- 48) Entrevista com Orleidi Sérgio Pinto de Carvalho - ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 49) Entrevista com Deivison Rodrigues Costa – ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 50) Entrevista com Fidelino de Souza Magalhães – ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 51) Entrevista com Sadam Mendes Roberto – ourives (aprendiz) – 11/06 – Eunice
- 52) Entrevista com Emani Pereira de Menezes – ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 52) Entrevista com José Leal Pereira da Silva – ourives - (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 54) Entrevista com Uardo Moreira da Cunha – ourives - (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 55) Entrevista com Silvana Amaro Calisto de Souza – ourives – 11/06 – Eunice
- 56) Entrevista com Ailton de Paiva Moreira – Darley – folião 11/06 - Eunice
- 57) Entrevista com Flávio Pereira de Souza – guia turístico – 11/06 - Eunice
- 58) Entrevista com Cazimiro Nunes da Costa – benzedor – 12/06 - Eunice
- 59) Entrevista com Nair Nonato Pinto De Cerqueira – boleira – 12/06 - Eunice
- 60) Entrevista com Maria Helena Araújo – faz licores – 12/06 - Eunice
- 61) Entrevista com Alarico Suart – escrivão do Cartório de Natividade - idoso – testemunha ocular 11 / 06 – Eunice
- 62) Entrevista com Eloizo Alves da Silva – ourives – 12/06 - Eunice

Elaboração de roteiros (entrevistas)

1-Celebrações

É sempre oportuna a lembrança da poderosa intuição de Alejo Carpentier sugerindo que, se os livros de cavalaria foram escritos na Europa eles certamente foram vividos na América. Aqui, as festividades religiosas procuraram teatralizar o processo de conquista da América, transfigurando, simbolicamente, a violência dos contatos em processos de tradução e interação cultural entre o Velho e o Novo Mundo, constituindo-se em portas de acesso às estratégias de resistência e contrafação dos envolvidos diante do avassalador peso dos modelos europeus (JANCSÓ, I. & KANTOR, I. **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**, vol. I. São Paulo: Hucitec: editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001p. 10 e 11)

As celebrações, se formos de alguma forma, hierarquizar as categorias, devem ser vistas como a categoria que encima o corpo de bens culturais em Natividade. Através dela podemos encontrar os caminhos em relação a todas as outras. Nos festejos do Divino encontram-se as jóias não só nas formas da pombinha, mas os biscoitos da Tia Naninha, a bandeira bordada. Nos exemplos dos biscoitos e das bandeiras podemos ousar em indicar estas atividades como “ofícios do divino”.

As entrevistas realizadas com os nativitanos mostram o papel desempenhado pela celebração na vida cotidiana da cidade:

- 1- Quais são as principais celebrações que ocorrem em Natividade
- 2- Qual a importância das mesmas para a população de Natividade
- 3- Como são organizadas estas manifestações
- 4- Quem as organiza
- 5- Quando e onde ocorrem essas manifestações
- 6- Qual seu tempo de duração
- 7- Desde quando ocorrem essas celebrações - De onde vieram, é possível localizar sua origem?
- 8- Essas manifestações vêm se modificando ao longo do tempo ou mantêm as mesmas características
- 9- O modo como vem sendo preservadas pela população nativitana
- 10- Quais suas principais características
- 11- Quais seus principais atores
- 12- Qual a relação da festividade com a ourivesaria e em especial a filigrana



Festa do imperador

2. Lugares:

Os lugares podem ser vistos como uma construção social da paisagem. Em momento muito recuado no tempo, para as primeiras coletividades humanas, “sobreviver significava sobreviver à natureza”¹⁴. M. T. Luchiari lembra que há duas epopéias em questão: a do história e a da natureza, mas que elas se confundem. Remetendo-se ao espaço geográfico, propõe:

Sabemos que este é um ‘sistema indissociável de objetos e ações’, ou seja, a natureza e a sociedade são indissociáveis. Vamos apreender a natureza como técnica e cultura (...). Em cada época, o imaginário coletivo define a concepção social de natureza e a traduz, transformando-a em artefatos materiais e simbólicos, ou seja, em cultura. Sua tradução mais completa foi registrada na história pela elaboração do conceito de paisagem, que, longe de ser apenas um modelo abstrato de compreensão do meio, é também materialidade por meio da qual a racionalidade humana

¹⁴ LUCHIARI, M. T.D. P. A (Re) significação da paisagem no período contemporâneo. IN: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Z. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.10 et passim.

organiza os homens e a natureza em territórios (LUCHIARI, M.T.D.P. A (Re) significação da paisagem no período contemporâneo. IN: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Z. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.11)

Assim, objetiva-se a apreensão da paisagem como os nativitanos a vêem. Para além do traçado urbano, qual o entorno que a compõe? Como a coletividade constrói a história de seus lugares? A integração do equipamento urbano à paisagem, o amálgama da serra com núcleo urbano na conjuntura da mineração são questões fundamentais e nortearam as indagações dos pesquisadores, tendo em vista o que o INRC propõe para esta categoria.

Roteiro:

- 1- Análise dos documentos cartoriais, no intuito de cruzar as informações sobre os lugares significativos de Natividade;
- 2- Análise das entrevistas gravadas sobre os lugares significativos para os nativitanos; Visita de campo para aprofundar os estudos INRC/2005 sobre os lugares significativos dos nativitanos;
- 3- Análise do Plano Diretor de Natividade para a compreensão da resignificação dos lugares históricos de Natividade, ou seja, como a cidade se vê hoje.
- 4- Análise do Material do Tombamento de Natividade, visando verificar de que modo os lugares se colocam, bem como se a ourivesaria é pontuada.
- 5- Aprofundamento no desenvolvimento da concepção de sítio de Natividade e relacionando historicamente ao Julgado do século XVIII, principalmente através das manifestações religiosas que ainda mantêm um relacionamento estreito com esta concepção.

Além da serra que é vista por qualquer ponto da cidade, o próprio traçado de Natividade possui características muito interessantes, e os becos são uma delas. O seu Zoroastro

morador da cidade, nascido em 1946, é lavrador e filho de dona Aquina, dona da casa que vai se tornar um centro de cultura e apoio ao turismo, e se situa na praça da Matriz..

Abaixo, um excerto da entrevista com o sr. Zoroastro

Sônia: É falar dos becos né, dos becos, dos fantasmas. Por que desse nome?

Zoroastro: (...) O beco que sai das ruas dos cruzeiros ligava entre a rua Formosa, passando entre a casa da professora Coracy e do senhor Elis Pinheiro Lima, alguns diziam, criaram que esse beco era assombrado. Então um dia, lá um dia brincávamos na rua, Ulisses, Orestes, Afonso de J, éramos muitos, Balduino e o Orestes e o Afonso escondia, era brincadeira de esconde, esconde. Afonso, Orestes, Ulisses estava escondido nas mediações do beco, atrás do muro, o muro não era muito alto quando passava, passou um senhor e o senhor deparou com um jumento, e cumprimentou o jumento né, dando boa noite pro jumento três vezes, sem saber que alguém estava vendo né, depois isso foi pro colégio né, foi pra rodinha de conversa aí ficou a fama, mas antes dessa vista de cumprimenta o jumento o beco era considerado assombrado porque de vez enquanto alguém via alguma coisinha, como realmente devia existir alguma assombração, porque eu quando menino vi coisas também né. A história do ouro faz essa aproximação. Então este, o beco que ligando rua Formosa com rua dos cruzeiros que sai de frente a casa do professor Zacarias Nunes da Silveira né. Tinha também o beco de Alberto Pacini, outro beco famoso, que hoje não existi mais que foi criado a rua João Rodrigues, então esse beco também muitas pessoas não passava nele depois de sete horas da noite porque tinha como beco assombrado. Tinha também o beco de tia Hozana ligando rua Deocleciano com rua dos cruzeiros também, esse não tinha muito comentários de assombração mas era aonde na época das brincadeiras os colegas escondia pra meter medo nas pessoas que passava, não era como assombração só pra fazer medo né, isso dos becos. Ah, o beco também que descia pra Prainha da casa do Teodoro Nunes, descendo em sentido prainha, esse beco era, a maioria dos meninos e moças que gostava de tomar banho na praia procurava voltar bem antes de escurecer porque tinha medo, quer dizia que também nesse beco aparecia algumas assombrações, beco que começa na praça da Matriz e terminava no córrego da Prainha, hoje desapareceu o córrego, a erosão tirou.

Eunice: É aquele beco da Tia Naninha?

Zoroastro: È, aquele ladinho, muro de pedra né. Tinha também o beco Leopoldo de Bulhões que descia pra praia, esse não tinha história nenhuma de assombração, mas costumava os colegas nas brincadeiras fazer truques pra meter medos nas pessoas não era como assombração.

Sônia: E qual é a relação que o senhor tinha falado dos becos e as assombrações e o caso do ouro.

Zoroastro: Ah, o ouro. Existe uma. Porque quando menino eu dormia na sala que ficava com frente para o nascente, com frente para a praça da Matriz e costumava de noite botar pratos na mesa, destampado bote, hoje nós não temos pote, tirava as tampas dos potes , empurravas as cadeiras. E eu menino costumava a levantar e ia bem devagazinho pra ver se existia alguma coisa lá na sala, chegava lá não via nada. Então muitas vezes a gente juntava com esses meninos que fazia a brincadeira e ia também pra esses lugares pra ver se existia algum sinal que dizia que era por causa que tinha ouro enterrado nessas mediações desses becos, como realmente **aconteceu de tirarem uma garrafa de ouro no** fundo da casa do quintal de Lourenço José da Costa, ele era enterrado na beira do muro, isso em 1958, de 58 pra 59 tiraram. Junto nós tínhamos um galinheiro no fundo da casa e quando amanheceu o dia que fomos tava o local, o buraco naquele local, no fundo do quintal de Lourenço e também naquela época rancaram também nas mediações aonde tá hoje construído a casa do Banco da Amazônia, o prédio do Banco da Amazônia era a casa de doutor Quintiliano, no fundo tinha um quintal e os meninos brincando de noite viram o movimento, eu estava na turma cassando os que escondia, chamava vaqueiro, e viram o movimento no quintal, no dia seguinte foram lá e viram perto da privada que existia no quintal acharam o buraco. Quer dizer existia essa história do ouro né que tinha e realmente rancava o ouro aqui naquela época, nós não sabíamos quem rancava né, depois sai comentários né, mas quem realmente tava com o ouro não sabia. No quintal diz que não foi só esse que foi rancado. O meu pai diz que um moço rancou um ouro naquele quintal também sem ser aquele buraco que os esconde, esconde descobriram e viram o movimento mas não viram quem era, com medo correram né, num foi ver.

Sônia: Seu Zoroastro e em relação à cadeia., teve algum fato que marcou? Tinha algum fato que o senhor teve conhecimento de prisão relacionada com o ouro?

Zoroastro: Na cadeia não existiu prisão de ninguém que do meu conhecimento. Que história que existe, que essa história é uma verdadeira. Foi história do Chico da vaca. Existiu aqui um senhor Chico da vaca, ele e os filhos praticaram crimes e foram presos

e alegam que eles fugiram da cadeia por um buraco. Que a nossa cadeia aqui era super segura né, mas comentavam que ele tinha fugido da cadeia por um buraco, depois com o tempo diziam que o Chico da vaca, ele sabia, como diria, magias né, que sabia magias, que fugiu não foi por buraco, que ele tinha magia pra fugi. Mas essa história o ficou muito vaga, porque gente, eu era bem pequeno vi lá dizendo na cadeia, mas aí não acompanhou, logo em seguida eu saí daqui né, num acompanhei bem a história dessa época.



Praça da Matriz

3. Edificações:

As edificações são marcas da constante construção, pelo homem, da artificialidade do mundo, e são documentos desta transformação. A ruína que é transportada para o cartão postal da cidade refere um momento do tempo que dizia respeito a uma Natividade pródiga, trazem o ruído de uma conjuntura que se transformara, uma outra dimensão do tempo. Ainda como afirma Braudel:

As cidades dominantes não o são *in aeternum*: substituem-se umas às outras. Verdade na cúpula, verdade a todos os níveis da hierarquia urbana. Essas transferências, onde quer que se produzam (no cume ou na encosta), de onde quer que venham (por razões puramente econômicas ou não), são sempre significativas: rompem histórias tranqüilas e abrem perspectivas tanto mais preciosas quanto são raras (...) a cada vez é uma enorme massa de história que muda de rumo, revelando as fragilidades do equilíbrio anterior e as forças do que vai estabelecer-se. (BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII**. O tempo do mundo. Trad. Telma Costa. São Paulo: Ed. Martins Fontes, p. 22)

As edificações e o equipamento urbano na América portuguesa são conhecidos como de traçado sinuoso, como bem diferenciava da América espanhola Sérgio Buarque de Holanda. E, segundo Paulo Santos, é curioso que tornemos cidades como Ouro Preto, Serro, Tiradentes, Parati, Goiás Velho e, no caso específico que tratamos, Natividade, como expressões da cultura artística brasileira. O autor de Formação de cidades coloniais esqueceu-se que olhar estas cidades implica a olhar a cultura que forjou, tão nova e sinuosa quanto os seus traçados. Sinuosos quanto a paisagem, quanto a descida da Serra de Natividades, dos diques, dos rios que passam pelos povoados.

Abaixo, as questões que nortearam as investigações sobre as edificações:

1- Ruínas da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

Por que esse nome? O que a caracteriza como edificação? Existe uma planta? Quem a construiu? Por quê? Quem a freqüentava? Qual a importância dessa edificação? Tem registro de missa nessa igreja?

2- Quanto aos casarios

Qual a relação entre morar nesses casarios e a filigrana?

Algum mestre ourives morou ou mora nesses casarios?

Nomes dos mestres/ourives que habitaram em algum desses casarios?

O desenho da fachada indicava a origem da família?

Qual a relação dos casarios com o ciclo do ouro?

Quais as representações sociais a eles associadas?

Existem narrativas a eles associadas?

Quais os usos que tiveram ao longo do tempo? E hoje como é?

Qual a relação do desenho do formato das fachadas com o período de sua construção?

3- Antiga Cadeia Pública

Qual a relação com a ourivesaria/ouro e os detentos que por lá passaram?

É possível estabelecer alguma relação nesse sentido?

Qual importância tem para a história de Natividade?

4- Casa de Cultura

Relação entre a cultura e a ourivesaria

Paço Municipal - antiga Prefeitura

Relação com o ouro com impostos e sua repercussão na história da cidade.

5- Igrejas:

São Benedito; Matriz; Relação entre a fé, o divino, o poder e o ouro.



Igreja Nossa Senhora do Rosário dos retos

4. Ofícios

A organização da comunidade nativitana tem como uma de suas características importantes o resgate de duas manifestações: a ourivesaria em filigrana e os festejos do Divino. Entrelaçados, remontam ao passado colonial, ao início daquele território e além: à própria criação da sociedade brasileira. Entre o tempo da mineração e o presente há um sentido de recriação da localidade e de sua identidade, através de práticas que não só atravessaram o Atlântico, mas circularam em terras brasílicas, em lugares que foram pólos de comércio e cultura, como Pernambuco e Salvador. De lá, saíram caminhos, pessoas e objetos. E profissões. Com o caminho das bandeiras, entram territórios densos de vegetação e clima hostil. Escravos das etnias mina e nagô levam não só os amuletos (e escravas os balangandãs) mas as técnicas de mineração e ourivesaria, que, entrelaçadas àquelas praticadas em Portugal, dão sentido ao caminho que atravessa a serra de Natividade na construção do núcleo urbano, das oficinas de ourivesaria e da prática da filigrana.

Os festejos do Divino são característicos desta cultura da mineração, e ocupam grande parte dos habitantes, trazendo sentido mesmo à criação de certas funções relativas somente à festa, como os ofícios relativos ao bordado e à confecção de bolos, que, como dissemos acima, produzem os lindos biscoitos em formato de pombas. Em sociedades tradicionais, a permanência de alguns ofícios é fundamental para o seu entendimento, como, por exemplo, o de parteira e dos benzedores. E não estão ausentes de Natividade, como se vê no roteiro abaixo:

- 1- quais são os principais ofícios em Natividade?
- 2- qual seu significado para os nativitanos?
- 3- existe relação com a vida econômica da cidade?
- 4- Quem o pratica?
- 5- É de tradição familiar?
- 6- Como vem sendo transmitido?
- 7- Desde quando vem sendo praticado?

- 8- Qual é o processo de elaboração presente nesta atividade? Ou na elaboração dos objetos por eles gerados?
- 9- Quem são as pessoas que os pratica? Como encontrá-las para maiores detalhes?
- 10- Qual sua relação com a ourivesaria e em especial com a filigrana?
- 11- Estes são ofícios?
- 12- Caixeiros
- 13- Alferes
- 14- Arrieiro
- 15- Tocador de sino
- 16- Bordadeiras
- 17- Boleiras
- 18- Fiandeiras
- 19- Rendeiras
- 20- Vaqueiros
- 21- Artesãos (ourives, artesãos de violas, artesãos de buriti, cerâmica)
- 22- Ferreiro
- 23- Parteira
- 24- Benzedores
- 25- Forneiros
- 26- Rezadores
- 27- Cozinheiros (de pratos típicos como paçoca, arroz sirigado)
- 28- Licores
- 29- Doceiras
- 30- Quem são?
- 31- Onde moram?
- 32- Como posso localizá-los?
- 33- Quem são as bordadeiras?
- 34- Quem são os benzedores?



5. Formas de expressão

Intrínsecas aos festejos do Divino, mas não resumidas a eles, as formas de expressão ensejam um ritual permanente da organização cultural da coletividade no tempo. A permanência de determinadas expressões, de determinadas “maneiras de fazer” de práticas sociais, como bem mostra Michel de Certeau: “essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Trad. de E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 41)

A entrevista com Belarmino, catireiro, é bastante interessante, visto que estabelece um vínculo diferente com o passado. Não celebra a festa do Divino apenas em sua expressão religiosa, mas – e principalmente – profana. Ao falar do papel da catira e a da súcia, revela e rompe com uma identidade do festejo do Divino como uma celebração do Império.

Belarmino: Belarmino Rumão Ferreira. Nasci a treze de agosto de 1955. E o que me levou a dar seqüência a esse trabalho folclórico cultural, de nossa região, de nossa cidade é uma herança que a gente trouxe dos nossos pai, do meu pai por exemplo.

Sandra: O pai do senhor já era ligado a catira. Já era catireiro?

Belarmino: Já, o meu pai, meu avô. Já é uma coisa de berço. Então ser um folião, porque eu gosto ser chamado de folião, esse nome de catireiro foi um dote que os pessoal tocantinense mais especialmente Braguinha Barroso deu esse nome ao grupo e nós aceitamos de bom grado.

Sandra: Folião porque a catira ela está inserida mesmo dentro da folia do Divino?

Belarmino: Dentro da folia. Folia do Divino ela tem várias manifestações, onde nós levamos a religiosidade e onde nós nos momentos de lazer ai entra a catira, não só a catira entra a súaia.

Sandra: Então ela tem um lado religioso e profano.

Belarmino: E profano. Então na hora desse lado que chamamos de profano é onde se nós tivemos criatividade e sentimento o suficiente, nós vamos levar pras pessoas entender o sentimento que às vezes eu não tenho oportunidade de falar pra pessoas. Sentar e conversar, lá eu vou contar pra todo mundo que ta lá curioso pra ouvir o quê que eu vou cantar, lá eles vai ouvir a minha mensagem. É o caso de denuncia ecológica, é o caso de exemplo de família, é o caso de faculdade da vida, é o caso de diga não a violência, é o caso da outra musica que eu escrevi: lagrimas da natureza. Então, e ultimamente eu escrevi: “presente e futuro”, uma musica muito bonita que eu falo de Natividade, das suas tradições. Então é ai que entra a mensagem e nessa articulação o pessoal começaram ver que nosso trabalho é um trabalho que leva a mensagem.assim nasceu o grupo dos Catireiros de Natividade.

Sandra: Quantas pessoas fazem parte seu Belarmino?

Belarmino: Seis.

Sandra: São seis. Quem são hein?

Belarmino: É Belarmino e Patrício, Dió e Vanderlei. Quem começou Belarmino e Patrício, Gilberto e Geraldo.

Sandra: E todos tem o mesmo envolvimento?

Belarmino: Todos tem o mesmo envolvimento.

Sandra: E o quê que diferencia a catira por exemplo da roda?

Belarmino: É porque a catira, a catira ela é um pouco mais lenta e ela é...no ritmo do sul .ela é chamada de moda de viola, pra nós aqui é catira. Agora a catira em si, por

exemplo todas essas que eu falei aqui, elas são rodas. Como as pessoas conhecem nós como os Catireiros de Natividade, tudo que nós canta é catira e tudo que nós canta é catira mas na verdade elas são rodas de catiras.

É o cotidiano é a criatividade do momento. Hoje como está muito atual a questão ambiental, a questão da violência, eu, por exemplo, adotei esse tema pra ser um trabalho educativo.

Belarmino: A cidade mudou, a personalidade das pessoas mudou.

Belarmino: Exato. As pessoas mudaram a sua personalidade. Hoje você vê que, se você vai contar uma história que meus pais, por exemplo, contavam pra mim, hoje pra meus filhos, pra meus netos é mito, porque fugiu aquela realidade de quarenta anos atrás como você perguntou. Se eu for contar num anúncio pra escrever uma roda, escrever uma catira baseado naquilo do passado, lá onde meu pai cantava, o pai do Patrício cantava.. é aquele tema daquele tempo num faz sentido pra hoje. Porquê? Porque a situação evoluiu, a personalidade das pessoas, a realidade da vida mudou, então nós temos que ser criativos e acompanhar.

Sandra: Seu Belarmino e nesse passos da catira continuam os mesmo?

Belarmino: Continua os mesmos.

Sandra: E como é que são esses passos? Como é que eles são? Só homens participa da catira?

Belarmino: Sim, só homens. Porque não ha discriminação das mulheres, mas as mulheres participam de um giro de folia, simplesmente pagando uma promessa, é visitando uma folia. Mas na hora do pega mesmo, dizer assim: vamos fazer o canto dos moradores, vamos fazer a oração da manhã. Na oração da manhã, as mulheres sempre tão, sempre participa, nós convidamos, nós fazemos o convite pra mulheres quem tiver disponibilidade pra fazer um leitura, quem quiser comentar o que entendeu da leitura do evangelho. Isso que é muito bonito, a gente convida crianças, jovens pra participa. Mas na hora da roda na sala, na hora do canto dos moradores, na hora do canto de despedida, do canto de encontro, um canto de altar, um canto de igreja é os homens, eles que saem preparado pra aquilo, eles que canta, é uma tradição todos os homens é que fazem essa, esse ...

Sandra: E os passos são como assim. Eles são passos marcados?

Belarmino: Marcados. São passos marcados.

Sandra: Tem uma sequência sempre igual?

Belarmino: Tem uma seqüência igual. Porque os passos da roda eles são baseados em criatividade do grupo. Agora os passos da catira todos os grupos fazem os mesmos passos. É igual o canto, por exemplo, esse ano eu faço o canto de uma jeito, às vezes o Patrício tá em outra folia, é guia de outra folia ele já tem uma outra criatividade, já ele vai falar de um outro tema, de modo que os três grupos de folia que tá girando eles não é. Nunca, nunca mistura, nunca coincide cantos. Porque às vezes eu vou falar da vida de Maria, o outro grupo vai falar da criação do mundo, o outro vai falar do que Jesus veio fazer na terra.

Sandra: O que eu queria sabe um pouco mesmo dessa questão dos passos assim, como é que eles são marcados? Como é que eles foram criados assim? Se eu pegar uma catira aqui de Natividade, se eu pega uma catira por exemplo lá da Bahia ou de Porto os passos foi ser os mesmos lá ou eles mudam se região pra região?

Belarmino: De região muda. Por exemplo, os passos de Natividade sem contar as rodas, que a roda varia como eu dizia, a catira é igual, é mais ou menos igual. A palma que nós tocamos com o pandeiro ela diverge bastante mas a pisada, a pisada é igual porque é uma tradição, é uma seqüência de tradição.

Sandra: E ela tem um significado?

Belarmino: A catira?

Sandra: Não, os passos dados. Eles tem uma representação? Eles representam alguma coisa assim ou eles são aleatórios só pra acompanhar o ritmo?

Belarmino: Eles são... é um complemento do ritmo, complemento da folia, complemento do que você vai canta. Se você vai canta uma roda, o passo da roda, ele é um complemento.

Sandra: E quais são os instrumentos que vocês usam?

Belarmino: Pandeiro, viola, botina e garganta...risos

Sandra: Sei. E tem alguma roupa especial do grupo de vocês? Que vocês usam?

Belarmino: Tem assim, calça jeans e camiseta de acordo com o gosto do despachante. É normalmente o despachante quem vai decidir a cor da camiseta, o quê que vai ser escrito, então aquilo que ele decidiu, eles...

Patrício: De preferência com o símbolo do Divino na camiseta.

Sandra: E que vocês saibam assim desde quando que a catira ela existe aqui em Natividade?

Patrício: Meu avô contava que o bisavô dele era folião.

Sandra: É porque na verdade a catira sempre fez parte da folia do Divino?

Belarmino: Sim, sempre fez parte, inclusive é uma coisa que já foi perguntado sobre isso várias vezes e nunca eu pude dar uma definição, porque eu não tenho uma precisão exata, de quando existe a folia em Natividade. Porque pelo o que a gente sabe, a folia em si. Uma dona Maria I ...se não me falha a memória, rainha de Portugal, vivendo uma guerra no país vizinho, ela fez a promessa com o Divino Espírito Santo que se a guerra parasse ela ia soltar um giro do Divino e todo os donativos arrecadados seriam investidos em benefícios das vitimas daquela guerra. A guerra cessou e a folia, ela soltou a folia e desde então a fé do povo.

Sandra: Então assim do que se tem noticia, então aqui, a catira sempre acompanhou a folia?

Belarmino: Sempre sim. Natividade tem 272, 273 anos já... de emancipado e eu não tenho certeza se quando Natividade foi emancipada se já existia a folia. Sei que de quando eu me entendi já havia meus pais.... Eu nasci no município daqui a trinta e dois quilômetros e a vinte anos eu moro aqui dentro da cidade. E desde lá.. ao treze, quatorze anos eu comecei girar, mas definir mesmo assim, ao dezesseis anos que eu comecei fazer giro. E pra mim o giro de folia é como se fosse um sacerdócio, porque ser um folião, é como um padre. O padre ele não é padre por acaso, uma freira, ela num é freira por acaso, ela é chamada, ele é chamado.

Sandra: Sacerdócio mesmo né.

Belarmino: É um sacerdócio, é uma missão. Então nós que somos foliões, nós somos chamado pelo o Espírito Santo e ninguém é folião por acaso. O que falta bastante é as pessoas entenderem que eles são missionários.

Raquel: Antigamente, o imperador sempre era da cidade? O imperador sempre é da cidade ou ele pode ser de uma cidade próxima? Eu acho que o ultimo imperador aqui era de outra cidade, num era?

Belarmino: Era o capitão do mastro. O imperador às vezes o seguinte, já teve imperador de Natividade que morava em Brasília, mas é filho de Natividade. Ele tem uma relação com a tradição, ele tem um conhecimento com a nossa tradição, ele tem o gosto de viver aqui. Então ele põe o seu nome no sorteio pra ele futuramente ele ser apreciado como imperador, que nós chamamos aqui cair como imperador.

Sandra: Seu Patrício qual que é seu nome completo?

Patrício: Patrício Dias Santana.

Sandra: E quando você nasceu?

Patrício: 10/10/57.

Sandra: O quê que fez o senhor também querer ser folião catireiro?

Patrício: Uai rapaz eu acho que foi o Espírito Santo que me chamou, eu tinha treze anos quando eu comecei né gira folia. O primeiro ano que eu girei, um giro de quinze dias lá na fazenda, eu girei na garupa de um animal do companheiro que eu trabalhava mais ele, que eu era pequeno, ele já era homão sabia gira, ele falou assim: “Não, você vai mais eu”. Falei assim não, num posso ir não, como é que eu vou de a pé. Ele falou: “Você vai muntado na garupa”. Eu girei uns cinco dias na garupa dele cantando mais ele, daquela foi, cada dia passando e o povo me convidando e eu fui indo, até que chegou a oportunidade de eu cantar mas o grupo de seu Belarmino e a gente deu certo, estamos aqui até hoje.

Sandra: Tá certo. E seu pai também, seu avô também eram foliões?.

Patrício: Meu pai era folião de primeira, bom folião e bom caixero, e meu pai por onde a gente for é batendo a caixa... Na zona rural, então as folias sai peregrinando nas casas das pessoas levando a mensagem do Espírito Santo, tem pessoas que chora quando recebe a gente, quando vê a bandeira, embrulha chorando, não é a maior alegria. Porque ali a gente vai evangelizar o povo, tem que ter o maior respeito, a maior seriedade, principalmente mostrando a fé nossa ao morador, porque até o morador também precisa de ter fé. Eu vou tá um exemplo de uma folia. O ano trassado eu fui encarregado de uma folia de Almas, e sai chovendo, nós chegamos ao pouso, nós cabou de canta, a chuva caiu, essa chuva choveu até uma hora da manhã. Quando amanheceu o dia o rio tá alta, nós tinha que atravessar o rio, esse rio Manuel Alves pro outro lado. Ai quando amanheceu o dia chegou uma moça: seu Patrício o senhor é o encarregado, minha mãe mandou sabe se o pouso é na casa dela mesmo. Falei: minha filha você fala pra sua mãe que arruma mas num espera, ela arruma mas num arruma porque se ter jeito eu atravesso pro outro lado. Ai um velho rio na minha cara “O senhor num atravessa o rio”. Eu atravesso eu tenho fé no Divino quando foi meio dia num tinha água aqui mais. Nós saímos de lá meio dia e meio que é longe, saímos meio dia e meio da casa do homem com a chuva assim, é vinha chovendo. Ele falou assim: “Nós vamos molhar, vamos desamarrar o capa”. Num precisa desamarrar que num vai chover, você num tem fé no Divino não. “Eu tenho, mas a chuva vem”. Mas num vai, nós chegamos na beira do rio o rio tava lá em baixo, do outro lado tava o areião, do lado de cá num tinha areião mas do lado tinha areião, nós chegamos lá três e meia, quando foi cinco horas nós tava cabando de arriar os animais pra ir pra casa do morador, quando nós chegamos na casa do homem que passou um rapaz lá.

Patrício: Só por causa da fé que a gente tava com ela.

Patrício: Deu tudo certinho.

Belarmino: É um ato de fé.

Sandra: E a sússia quando é que ela se faz presente na folia?

Patrício: A sússia se faz presente depois do bendito, cantou o bendito, sempre o normal é a noite, cantou, rezou o bendito, depois que o morador guardou a bandeira, então você já sai cantando a sússia pra mulherzada sapatear e rodar bonito.

Sandra: E a diferença dos instrumento da sússia pra catira é porque tem a caixa.

Patrício: É a sússia tem a caixa.

Belarmino: Inclusive uma das partes da sússia é que ela... incentiva bastante a sexualidade porque ela é uma dança do tempo dos escravos, foi escrita, escrita nada, ela foi criada pelo os escravos, hoje a gente escreve, tem o hábito de falar escrito, mas que ela foi criado pelo os escravos na senzala quando os escravos queriam se comunicar entre si de maneira que os patrões não percebesse e os senhores não percebesse o que eles estavam falando. Eles criavam uma certa dança, quem tinha liberdade criava uma dança com um certo linguajar onde eles se comunicava entre si e. A gente hoje se me pergunta o quê que diz a dança do chopienche... O quê que eles se comunicava entre si. Se falar a dança da jiquitaia, hoje mais ou menos.

Sandra: Porque ela já é mais conhecida.

Belarmino: Já é mais conhecida. De acordo conversar com aquele povo mais velho a gente tem um pouco, uma idéia o quê que é o sentido, o conteúdo dela que eles transmitiam uns pra os outros. Mas a maioria das coisas a gente não sabe, sabe viver ela mas às vezes o objetivo central da comunicação entre eles a gente num sabe.

Sandra: Como a gente tá trabalhando com a ourivesaria uma das coisas que a gente tem perguntados pra as pessoas que tem essa vivência todas né com relação as festividades daqui é por exemplo a presença das jóias das pessoas nessas festividades. Vocês se lembram de ver assim muitas dessas jóias durante essas festas? Que tipo de jóias vocês se lembram de ver? Era mais os crucifixos e a pombinha ou outras jóias também faziam presentes nessas festividades?

Belarmino: Aqui se via muito. Se vê muito ainda na época das festividades a gente ver muito as pessoas, por exemplo, a família Araújo, a família Borges, a família Camelo que são umas das mais tradicionais de Natividade, que gosta de viver essa, esse espírito imperial. Eles gostam de se apetrecharem das jóias, é brinco, é colares diversificados, de modelos diversificados que seja um crucifixo, que seja um peixe, que seja um coração,

que seja um... simplesmente uma jóia,. Mas eles estão sempre, na época da festa do Divino, eles estão sempre enfeitados das suas jóias. Isso pra quê? No meu ponto de vista pra lembrar que a festa do Divino é uma festa de império, é uma festa de rei e de rainha. Então ainda que as pessoas que usem aquelas jóias não tenha um conhecimento do sentido aonde eu vejo, mas que pelas as raízes das festas, pelas as raízes tradicionais é isso que eu senti. Aquela, toda aquela produção é pra lembrá o império, lembra o rei, rainha, um pouco isso que eu vejo.

Sandra: Então são as relações de poder.

Belarmino: Relações de poder.

- 1- Quais as principais formas de expressão presentes em natividade
- 2- Qual seu significado para os nativitanos
- 3- Quando e onde ocorrem
- 4- Quem são os envolvidos
- 5- Como ela é praticada
- 6- São utilizados instrumentos Quais são?
- 7- Estas são formas de expressão?
- 8- Os carretas
- 9- As cavalhadas
- 10- O baile das pastorinhas
- 11- O judas
- 12- A sússia
- 13- A catira
- 14- O carnaval
- 15- A folia
- 16- A esmola geral
- 17- A pombinha do espírito santo
- 18- As bandeiras
- 19- O arroz sirigado
- 20- Quem são as pessoas que participam ?
- 21- Como é sua programação?

- 22- Quem são as pessoas que dançam a sússia?
- 23- Quem são as pessoas que trabalham com a catira?
- 24- Existe alguma outra forma de expressão que você conheça?
- 25- Onde é possível localizar essas pessoas?



Entrevistas que foram realizadas e em processo de degravação.

(estarão sendo preparadas e serão melhor trabalhadas no processo de encaminhamento do registro da filigrana em ouro e prata. O material coletado sob o meio dos registros de história oral e memória, serviram de referência para o preenchimento das fichas e uma melhor localização do objeto)

Serão encaminhados os áudios brutos destas entrevistas

Ao longo da pesquisa foram realizadas outras entrevistas com alguns personagens da cidade, que complementavam as da primeira etapa. A lista completa é a que segue:

- 1) Entrevista com Simone Camelo – representante do Monumenta da ASCCUNA e foliã da Festa do Divino 16/01 – Sandra
- 2) Entrevista com Lula – folião – 14/03 Sandra /Jocyléia
- 3) Entrevista com Faraildes – funcionária da Igreja de São Benedito 14/03 Sandra /Jocyléia
- 4) Entrevista com Marião – figura folclórica da cidade 14/03 Sandra
- 5) Entrevista com Flávio Pereira de Sousa – guia turístico 14/03 Sandra /Jocyléia
- 6) Entrevista com Padre Joatan Bispo de Macedo – Pároco da cidade 14/03 – Sandra /Jocyléia
- 7) Entrevista com Romana Pereira da Silva – Centro Bom Jesus de Nazaré (Tia Romana) 15/03 – Sandra
- 8) Entrevista com João Bosco Nascimento – ourives - diversas Sandra /Jocyléia 15/03
- 9) 10) 11) Entrevista com D. Coracy/filha do ourives Bernardino de Souza Fernandes 07/04 Sandra
- 12) Entrevista com Padre Joatan Bispo de Macedo – Pároco da cidade – 07/04 Sandra
- 13) Entrevista com Júlia Ferreira de Jesus- dança Súsia 08/04 Sandra
- 14) Entrevista com Romana Pereira da Silva – Centro Bom Jesus de Nazaré (Tia Romana) – 08/04 Sandra
- 15) 16) Entrevista com Augustim 08/04 Sandra
- 17) Entrevista com Natividade Batista de Oliveira e Francisco da Silva - 08/04 Celso Bastos
- 18) Entrevista com Belarmino Romão Ferreira – Catireiro 08/04 Sandra
- 19) Entrevista com Alarico Suart – escrivão do Cartório de Natividade - idoso – testemunha ocular 10/04 Jocyléia
- 20) Entrevista com Joaquim Valdides Carvalho – Mestre Val - Ourives 10/04 Sandra
- 21) Entrevista com João Bosco Nascimento – ourives - Sandra – 10/04
- 22) Entrevista com Abisania Ferreira Gama – Mestre Bisa – ourives 10/04 Sandra
- 23) Entrevista com Joaquim Rodrigues Cerqueira – Sr Quincas – contador de histórias 10/04 Jocyléia
- 24) Entrevista com João Bosco Nascimento – ourives - diversas Sandra – 10/04
- 25) Entrevista com Jesumar Batista Borges – ourives – org. festa - - diversas Sandra /Jocyléia 10/04 e 11/04
- 26) Entrevista com Coquelino da Viola – Coquelino Soares Cardoso = 11/04 Sandra
- 27) Entrevista com Leôncio – cidadão nativitano 11/04 Sandra
- 28) Entrevista com Antonio Rocha/ Neto do Ourives Antonio Nunes 11/04 Sandra
- 29) Entrevista com Ana Benedita de Cerqueira e Silva - Tia Naninha Biscoiteira 11/04
- 30) Entrevista com Durval – Ferreiro 11/04 Sandra

- 31) Entrevista com Adelina – Parteira 11/04 Sandra
- 32) Entrevista com Minervino – folião beira rio 11/04 Sandra
- 33) Entrevista com Sr Moisés – contador de histórias 11/04 Sandra
- 34) 35) Entrevista com Ana Benedita Cerqueira e Silva – Naninha (boleira) – 20/04 – Eunice / Hueberson
- 36) Entrevista Valcy Sales Dias – despachante de folia 21/04 Eunice/Hueberson
- 37) Entrevista com Joaquim Rodrigues Cerqueira – Sr Quincas – contador de histórias 21/04 Eunice/Hueberson
- 38) Entrevista com Francassio Gonsavél de Calvario – Zé Folgado - folião 17/05 - Sônia / Valdirene
- 39) Entrevista com Simone Camelo – 18/05 - Sandra / Valdirene / Sônia
- 40) Entrevista com Padre Joatan Bispo de Macedo – Pároco da cidade – 18/05 – Sandra / Valdirene/ Sônia
- 41) Entrevista com Laudelina do Carmo Costa – bordadeira – 18/05 – Sandra / Valdirene
- 42) Entrevista com Ailton de Paiva Moreira – Darley – folião 18/05 – Sandra / Valdirene / Sônia
- 43) 44) Entrevista com Bolivar Araújo – alferes – 18/05 - Sandra
- 45) Entrevista com Tânia – Imperatriz da festa do Divino – 18/05 - Sandra / Valdirene
- 46) Entrevista com Tânia das Mercês Cerqueira - secretária da Educação - 18/05 - Sandra / Sônia
- 47) Entrevista com Benjamim Lourenço Rodrigues – ourives (aprendiz) - 11/06 - Eunice
- 48) Entrevista com Orleidi Sérgio Pinto de Carvalho - ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 49) Entrevista com Deivison Rodrigues Costa – ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 50) Entrevista com Fidelino de Souza Magalhães – ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 51) Entrevista com Sadam Mendes Roberto – ourives (aprendiz) – 11/06 – Eunice
- 52) Entrevista com Ermani Pereira de Menezes – ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 52) Entrevista com José Leal Pereira da Silva – ourives - (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 54) Entrevista com Uardo Moreira da Cunha – ourives - (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 55) Entrevista com Silvana Amaro Calisto de Souza – ourives – 11/06 – Eunice
- 56) Entrevista com Ailton de Paiva Moreira – Darley – folião 11/06 - Eunice
- 57) Entrevista com Flávio Pereira de Souza – guia turístico – 11/06 - Eunice
- 58) Entrevista com Cazimiro Nunes da Costa – benzedor – 12/06 - Eunice
- 59) Entrevista com Nair Nonato Pinto De Cerqueira – boleira – 12/06 - Eunice
- 60) Entrevista com Maria Helena Araújo – faz licores – 12/06 - Eunice
- 61) Entrevista com Alarico Suart – escrivão do Cartório de Natividade - idoso – testemunha ocular 11 / 06 – Eunice
- 62) Entrevista com Eloizo Alves da Silva – ourives – 12/06 - Eunice
- 63) Entrevista com 2 romeiras do Senhor do Bonfim- Eldina Pinto de Carvalho e Elci Pinto Carvalho Neves. – 09-08 – Sandra /Eunice
- 64) Entrevista Dona Bibi, filha de Antonio Nunes – 09-08 – Sandra /Eunice
- 65) Entrevista com Laudemiro do Carmo Rocha.- Dudu (neto do Mestre Antonio Nunes) – 09-08 – Sandra /Eunice
- 66) Entrevista com Alfredo Batista Borges. (ex- ourives, aprendiz de mestre Juvenal) – 09-08 – Sandra /Eunice
- 67) Entrevista com Simone Camelo Araújo – 09-08 – Sandra /Eunice
- 68) Entrevista com Jesumar Batista Borges- Ourives – 09-08 – Sandra /Eunice
- 69) Entrevista com Jesumar Batista Borges- Ourives – 10-08 – Sandra /Eunice

- 70) Entrevista com Joaquim Waldeides de Carvalho- Val Ourives – 10-08 – Sandra /Eunice
- 71) Entrevista Laudelina do Carmo Costa- bordadeira (neta do ourives Antonio Nunes) – 10-08 – Sandra /Eunice
- 72) Entrevista com Sr. Mario de Sena Fernandes – filho do Ourives Bernardino S. Fernandes e Dona Elza Rodrigues de Cerqueira – sua esposa- 10-08– Sandra
- 73) Entrevista com Uardom Moreira da Cunha - aprendiz – 10-08 – Sandra /Eunice
- 74) Entrevista com Ana Teodoro Belém de Araújo – romeira- 14-08 -Valdirene/Eunice.
- 75) Entrevista com Maria do Carmo Mota – romeira –14-08- Valdirene/Eunice
- 76) Entrevista com Teodoro Nunes da Silva – Dozinho- 14-08- Valdirene/Eunice
- 77) Entrevista com Romana Pereira da Silva – Centro Bom Jesus de Nazaré (Tia Romana) 14-08 – Valdirene
- 78) Entrevista com Luciana Santos - Trabalha no IPHAN de Natividade – 23-08- Sandra/ Sônia/Valdirene
- 79) Entrevista com Simone Camelo Araújo - representante do Monumenta, da ASCUNA e devota do Divino 23-08 – Sandra
- 80.B) Entrevista com Constantino Cardoso da Silva - morador do quilombo – 23-08- Sandra/Sônia/Valdirene
- 81 Entrevista com Edivaldo Alves de Jesus – morador do quilombo – 23-08 – Sandra/Sônia/ Valdirene
- 82) Entrevista com Balbino- morador do quilombo – 23-08 – Sandra/Sônia/Valdirene
- 83) Entrevista com Zoroastro José Lustosa – 30-08 – Sônia
- 84) Entrevista com Adilha Camelo Rocha –responsável pela organização da igreja Matriz - 30-08- Sandra/ Sônia/Eunice

As entrevistas abaixo constam de arquivo que será encaminhado como anexo áudio-visual

Adélia - Testemunha Ocular

Adelina – Parteira

Ailtom (Darley) - Folião do Divino

Alarico 1 - Testemunha Ocular

Alarico 2 - Testemunha Ocular

Alfredo - Ex-Ourives

Antônio - Neto de Ourives

Belarmino 2 - Folião e Catireiro

Belarmino e Patrício - Foliões e Catireiros

Bisa – Ourives

Coraci - Filha de Ourives

D. Romana - Benzedeira, Raizeira e Escultora

Deivison - Aprendiz dos Mestres Val e Bisa

Durval - Ferreiro

Elci e Eldina - Devotas Bonfim

Faraildes - Zeladora - Igreja de São Benedito

Felisberta - Dançarina de Sússia

Francisca - Devota Bonfim

Irani - Devota Bonfim

Joaquin - Testemunha Ocular

Joatam – Padre
José Leal - Aprendiz dos Mestres Val e Bisa
Minervino - Folião do Divino
Naninha 2 – Boleira
Naninha – Boleira
Simone - Monumenta e Asccuna
Uardon Moreira - Aprendiz dos Mestres Val e Bisa
Val - Ourives

As fichas que ora são apresentadas seguem não apenas a bibliografia consultada, mas se pautam em grande medida nos relatos dos entrevistados, e, apesar de cada categoria ser tratada individualmente, é inevitável que elas sejam convergentes. Tal característica emerge nos vários pertencimentos dos indivíduos. Como exemplo temos dona Romana, uma personagem emblemática da cidade, conhecida não só por ser raizeira, benzedeira e escultora mas por promover festejos do Divino de forma bastante peculiar. As formas de expressão, em sua maioria, possuem uma relação orgânica com as celebrações, assim como com os ofícios, lugares e edificações.

A devoção ao Divino permeia a sociedade nativitana, como o material que segue revela. Talvez a forma mais clara seja o próprio entusiasmo da comunidade durante os festejos. Padre Joatam é um dos responsáveis por esta vibração mais intensa da festa do Divino nos últimos anos, e que agrega a sociedade nativitana:

Joatam: A catequese, agora além dessa catequese entrou também um problema político e cultural, quer dizer, A rainha Isabel, mulher de Dom Dinis, vendo o reino em pandareco e o marido dela era bonachão, bom garfo só queria comer coxa de frango e aí ela era cristã vendo, era cristã né, vendo o império Sacro chamado império, assim ela pegou-se com o Espírito Santo.

Sandra: E tinha também aquela rixa com o marido, com o filho legítimo e ilegítimo né?.

Joatam: Isso. Mas eu digo assim que ela pegou

Sandra: E aí ela foi para o mosteiro e orava por Espírito Santo.

Joatam: Mas isso foi depois né? Foi depois.

Sandra: Ah.

Joatam: Quando ela tá no poder, aí ela faz uma celebração e entrega num cortejo do palácio até a catedral... ela entrega ... deposita no altar a coroa de rainha como se fosse a coroa do Espírito Santo.

Sandra: Num é lindo?

Joatam: Né? E ela disse: Olha Espírito Santo de hoje em diante o senhor que será o rei de Portugal, porque meu marido? ? Mas dizem na história, eu que já li em alguns relatos que em menos de seis meses já houve sinais do espírito Santo, daí então, ela se comprometeu em divulgar a devoção. Aí há também, um fundo político sem dúvida, e isso passa para as colônias, No Brasil a festa do Divino caracterizou também isso né, daí a nomenclatura né. Imperador do Divino, tem a haver alguma coisa, que isso não é do evangelho né. Onde que tirou essa história do Imperador, vocês podem pesquisar e ver daí onde que saiu essa história, como é que em Natividade, Almas, Conceição e em outros lugares o que faz a festa do Divino, ele é chamado de Imperador e a mulher dele Imperatriz. Bom isso tem algum vínculo histórico – cultural, tal como o período colonial as nações católicas e ibéricas, como Portugal e Espanha, que tinha concordatas com a fé apostólica né. Que hoje é o Vaticano, de as escolas dessas concordatas, um ato público entre um governo e outro chama-se tratado né? Tratado ou então acordo né? Acordos entre a fé apostólica é chamada de tratado ou concordata, quer dizer que a razão de Nossa Senhora num ser tão expressiva, mais ela que é forte aqui né.

Sandra: Expressivos né a fé.

Joatam: É a mesma coisa a devoção, porque a festa de Nossa Senhora não atrai como a festa do Divino. Por quê? O povo daqui mesmo explica a razão né, diz: “Olha Nossa Senhora não visita. Né? “Nossa Senhora Não visita o povo”. O Divino como sai de casa em casa então ganha mais...

Relatório de Análise Documental no 1º Cartório Cível de Natividade – Testamentos e Inventários ¹

Antes de mais nada, é pertinente tecer um breve histórico das viagens feitas com vistas à catalogação e leitura dos documentos encerrados no 1º Cartório cível de Natividade.

A primeira visita às fontes primárias nativitanas, ocorreu em outubro de 2006, com objetivo de organizar de forma sistemática tais documentos. Importante salientar, que esses documentos selecionados, que vão de 1765 a 1900, se encontram depositados num pequeno e “mal arejado” quarto de despensas. Estando muitos dos documentos extremamente deteriorados, um verdadeiro atentado às histórias que poderiam sussurrar através de suas entrelinhas; bem como uma contradição com a viçosa Natividade que se debruça em obras de fachadas, ruas e igrejas. Diante do exposto fez-se necessário num primeiro momento um árduo trabalho de limpeza e sistematização dos documentos, que foram organizados cronologicamente em 27 pacotes.

Para catalogação e análise das fontes foram realizadas três viagens. Na primeira viagem, realizada entre os dias 16 e 20 de março de 2007, foram arrolados 15 inventários e 5 testamentos correspondentes ao período de 1800 a 1812. Na segunda, realizada entre os dias 21 e 23 de abril, analisou-se dez inventários e três testamentos correspondentes ao período de 1812 a 1818. Na viagem, realizada de 11 a 13 de julho, arrolou-se 16 inventários e 09 testamentos correspondentes ao período de 1822 a 1830. Na viagem realizada de 08 a 10 continuou-se a arrolar documentos de 1830. Segue abaixo a relação dos documentos e as informações neles encontradas.

Inventário de: Antonio Botelho Pimentel – Documento de 1800

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

No inventário e no testamento de Antonio Botelho Pimentel somente estão relacionados 03 escravas (Luciana – crioula de 23 anos 145/8, Maria – crioula de 14 anos 100/8 Joaquina de 90/8), 01 cavalo, 01 sela bertanha e 01 cama de vento velha.

Inventário de: Izabel Maria de Menezes – Documento de 1800

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste documento foram arrolados somente três escravos (01 escravo mina João mina de 130/8, 01 escrava mestiça Feliciano de 100/8 e Valentina crioula de 45/8 de ouro) e um cavalo castanho.

Inventário de: Francisco Fernandes Cerqueira - Documento de 1802.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontram-se relacionados: Oito escravos e uma negrinha. Na página 10 e 12 encontra-se a relação de um número significativo de objetos em ouro e prata. 01 Cordão e 01 crucifixo de ouro valor 29 oitavas de ouro, 01 Fivela de ouro – 8 oitavas 3/4 e 5 vinténs de ouro, 01 Castiçal de ouro 30 oitavas 1/4 e 3 vinténs de ouro, 04 Colheres e 4 garfos de prata 11 oitavas e 4 vinténs de ouro, 01 Par de fivelas de pratas 02 oitavas 1/4 e 9 vinténs, 01 Capodim com cores de prata – 4 oitavas 1/4 e 2 vinténs, 02 Pares de botões de ouro, 01 par de esporas de prata, 01 Par de fivelas 8 oitavas de ouro. Entre objetos geralmente utilizados na prática mineratória observa-se (pp. 19) uma balança de pesar ouro avaliada em 3/8 de ouro. Observam-se ainda objetos que podem evidenciar a prática da agricultura e da pecuária como, 01 Machadão 3/4, 01 Cela 20/8, 01 Cela 3/8, 01 Facão 1/2 oitava, 01 Cabeçote de selas com ferraduras 8 oitavas, 09 cavalos 15/8, 04 cangalhas. Entre os objetos de uso doméstico observa-se 02 tachos de cobre, 01 bacia de estanho, 01 panela de ferro e 01 faca. Entre as louças cita-se 01 copo, 02 pratos e 01 caneca. Arrolou-se ainda lençóis e roupas

Inventário de: Ana Francisca Barreto (Preta alforriada) – Documento de 1805.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Possuidora de terra e de quatro escravos, seu inventario evidencia seu pertencimento a Irmandade da Senhora do Rosário. O documento em nome de Ana Francisca Barreto consiste em um testamento no qual estão arrolados os seguintes bens: 01 casa, 01 laço de ouro lavrado, 01 laço de ouro, 02 pares de brincos, 01 par de botões em ouro, 01 fivela de prata, Balança de pesar ouro, 01 Bouceta, 01 Lancela de sua casa, 01 camisa muito velha, 01 Saia de cambraia muito velha, 01 saia de chita, 01 cinto de cetim, 01 toalha de algodão, 01 par de meias de algodão, 01 caixa grande de madeira de pinho, 01 machado, 01 tacho de cobre, 01 tacho muito velho e 01 prato de mesa.

Inventário de: Maria Thomazia – Documento de 1811

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

No inventário de Maria Thomazia estão relacionados 03 escravos africanos e um crioulinho de 3 anos aleijado e por isso sem valor. Foi inventariado também 01 caixa cobre, 02 enxadas, 01 enxada pequena, 01 almofariz pequeno, 01 machado, 01 foice, 01 roda de ralar mandioca e 01 espingarda bom uso.

Inventario de: José Antonio de Araújo Ramos – Documento de 1815

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste foram relacionados 01 escravo africano (Antonio Angola 30 anos 100/8 de ouro) e duas escravas nascidas no Brasil (Bárbara crioula 30 anos 75/8 e 01 cabrinha – Brígida 7 anos 50/8). Entre instrumentos que evidenciam a prática mineratória encontramos, 01 prato de estanho; 01 prato de estanho pequeno e 01 bacia de estanho. Na página 09 encontra-se relacionadas jóias, 01 par de botões de pedras brancas gravadas a ouro 2/8 e 3/4, 01 anel de ouro e prata 1/8 e meia, 01 anel de pedras brancas 2/8 e 1/4, 01 relógio de ouro com pedras rosas 2/8 e 01 relógio 20/8. Entre os instrumentos de prata temos: 01 par de espora 7/8, 02 pares de colheres 3/8 e 1/4, 03 colheres de prata 3/4 e 3 vinténs, 01 bouceta de prata 2/8 de ouro e 5 vinténs, 01 par de fivelas 4 vinténs e 01 balancinha de prata 2/8 de ouro. Os demais bens relacionados são: 02 cavalos, 02 cavalos castanhos, 02 bestas, 02 cavalos russos, 01 arma de fogo, 01 jogo de pistola, 01 copinho de louça, 01 par de caixas de cano, 01 rede de tanga, 01 ponche de pano grosso, 02 pares de pires e tigelas, 01 livro velho – Libelo de Caminha, 01 bacia de cobre, 01 bacia de cobre, 01 candeeiro de latão, 01 machado e 01 foice, 01 sela, 01 chapéu de sol, 01 cama de vento, 01 par de caixas de couro, 02 chapéus finos, 01 estojo de navalhas, 01 espelho velho, 01 coberta, 01 vestido riscado, 01 calção, 01 anagua de chita inglesa, 01 calça de gongo, 01 par de meias de seda, 02 lenços azuis, 02 camisas, 01 ceroula de linho, 02 ceroulas de algodão, 01 toalha de mesa de algodão, 01 travesseiro, 01 bengala, 04 garrafas azuis de vidro, 01 jarro grande de vidro, 02 fransquinhas pequenas, 01 saco de couro de cervo, 04 pares de couro de veado, 01 par de couro de catingueiro, 01 pele de onça pintada, 01 pele de onça suçuarana, 01 pele de gato pintado, 02 couros de guariba, 01 cangalha de besta; 01 panela de ferro, 01 bacia velha, 01 lenço preto de gravata em bom uso e Vários potros.

Inventário de: Vitoriano Leitão – Documento de 1816.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste documento encontrou-se relacionados 07 escravos, Luiza – crioula 40 anos 60/8, Pedro – crioulinho 4 anos 36/8, Inácia – crioula 25 anos 100/8, Nicolau – crioulinho 2 anos 32/8, 01 crioulinha Valéria – 3 anos 45/8, Isidorina crioulinha 2 anos 38/8 e Manoel Estanislau – crioulo 4 anos 40/8. Além dos escravos observa-se também uma casa coberta de telhas, avaliada em 20/8 de ouro.

Inventário: Maria Álvares Pereira – Documento de 1818.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario foram relacionados 04 escravos, Domiciana – crioula 35 anos 32/8 (com papo grande e asmática), Luiz – crioulo 7 anos, 64/8 (filho da dita), Maria – crioula 5 anos 40/8, Felix – crioulinho aleijado não fala 3 anos (sem valor). Entre os demais bens temos: 01 foice velha, 01 machado velho, 01 capa de baeta com golias de veludo, 01 cavalo – 9 anos, 01 cavalo castanho, 07 bestas curraleiras, 01 par de brincos e 01 par de fivelas de sapato (prata).

Inventário de: Maria José da Costa – Documento de 1819

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

No inventário de Maria José da Costa além dos 09 escravos (sendo quatro africanos e cinco brasileiros) e 01 casa recoberta de telhas, encontramos ainda relacionado muitas jóias e objetos finos: 01 relicário de ouro com 4 voltas – 52/8, 01 relicário de ouro com vidro de ambas as bandas, 4 voltas de colar – 56/8, 01 rosário de ouro com crucifixo 12/8 e 3/4 mais 2 vinténs de ouro, 01 par de brincos com pedras roxas já quebradas – 1 oitavas, 01 colar fino de ouro peso 2/8 mais 6/8 mais 4 vinténs, 01 par de botões de ouro – 1/8 mais 3/4, 01 anel de pedra branca 1/8, 01 par de talheres pequena 2/8 mais 3/4, 03 pares de garfos – 7/8 mais 3/4, 01 par de fivelas redondas 2/8 mais 5 vinténs, 01 par de esporas 5/8, 01 par de esporas pequenas 2/8 mais 3/4. É interessante ressaltar a grande quantidade de tecidos e de chapéus pode evidenciar talvez o comércio: 25 covadas de chita branca da fábrica com flores verdes, 20 covadas de chita roxa, 32 covadas de chita azul riscada inglês, 24 covadas de riscado inglês, 10 covadas de inglês, 11 covadas de azuis, 03 varas e meia de cambrinha larga, 17 covadas de belbotina azul, 07 varas de morim, 02 peças de bertanha de Amburgo grossa, 02 lenços azuis, 11 lenços, 10 lenços brancos franceses de beiradas vermelhas, 09 lenços brancos

ingleses de beirada vermelhas, 41 covadas de gangó, 06 covadas de landilha, 06 covadas de baeta azul, 18 covadas de baeta azul claro, 21 covadas de baeta preto, 11 varas de meia de Bretanha, 04 portes de coletes, 06 peças de chita barradas inglesas, 02 peças de chita barradas, 01 peça de chita roxa inglesa, 01 peça de chita azul inglesa, 30 covados de chita azul inglesa, 11 covados de chita, amarela inglesa, 28 covados de chita roxa inglesa, 29 covados de chita azul inglesa, 24 covados de chita roxa de cama (inglesa), 10 covados de chita azul inglesa, 01 peça de chita azul de cama 08 chapéus de nº 4, 03 chapéus de Braga – capa alta nº 3, 01 chapéu de Braga – capa alta nº 2, 21 varas de linhagens capa de fardo. Entre as louças encontramos uma quantidade razoável de pratos (uma dúzia), 05 xícaras com pires (sendo 02 peças da Índia), 04 garrafas de vidro do Pará e 02 copos de vidro. Arrolou-se ainda 01 par de caixas com ferraduras altas, 01 sela, 01 jogo de pistolas, 01 bacia de cobre, 01 bacia de cobre maior, 01 bacia de cobre de cama, 01 tacho de cobre. Entre os animais relacionados encontra-se, 01 cavalo – pelo de gato, 01 cavalo castanho, 01 cavalo turco de idade 05 anos e uma besta. Encontrou-se também uma balança de pesar ouro.

Inventário de: Francisca Xavier dos Santos – Documento de 1822.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontram-se relacionados: terras (que podem ser tanto para agricultura quanto para pecuária), 24 escravos (sendo 07 africanos e 17 brasileiros), 01 morada de casas com telhas de 5/8, 01 morada de casas com telhas de 37/8, 01 cavalo 8/8, 01 cavalo castanho 8/8, 01 vaquejada de gado vacum 63/8, 06 éguas 24/8, 01 potro 8/8, 01 tacho de cobre velho 3/8, 01 tacho de cobre de bom uso 4/8 e ¼, 02 enxadas 2/8, 03 enxadas pequenas 3/4, 02 foices velhas ¾, 01 machado com bom uso 1/8, 01 machado velho 1/8, 01 alavanca 1/8 e ½, 01 celim novo 8/8, 01 armação de chapéu 1/8 e ½, 01 caixa com ferragem 2/8, 01 caixa com fechadura 1/8 e ½, 01 arma de fogo 3/8, 01 almofariz 1/8, 02 pares de talheres de prata e 01 par de esporas pequenas.

Inventário de: Antonio Joaquim Marques – Documento de 1824.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 04 escravos (01 africano 128/8 e 02 escravas brasileiras 100/8, 80/8), 01 morada de casa 30/8 01 cavalo de 11/8, 01 cavalo de 11/8, 04 bestas 16/8, gado vacum 75/8, 04 pares de colheres de prata 8/8, 02 facas/

cabo de prata 2/8, 01 capa de baieta 3/8, 01 capa de pano fino 4/8, 01 colete de carmesim 1/8, 01 colete de carmesim 1/8, 01 colete de carmesim 1/4, 01 calça 1/8, 01 calça 3/4, 01 japona 1/8, 01 celim 6/8, 01 caixa velha 2/8, 01 camisa 1/8 e ¼ , 01 camisa de cambraia 1/8 e 01camisa 3/8 de ouro.

Inventário de: Antonio Nunes do Valle – Documento de 1824.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 04 escravos nascidos no Brasil (90/8, 90/8, 64/8, 40/8), 01 cavalo 8/8, 01 imagem 2/8 (não foi mencionado de que santo), 01 par de colheres de prata 12/8, 01 prato de estanho 1/4, 01 bacia ¼, 02 enxadas 2/8, 01 cela 2/8 e 01 balança 1/8.

Inventário de: Valentino Rodrigues Neto – Documento de 1825

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 03 escravos brasileiros (100/8, 40/8, 120/8), 01 cavalo 18/8, 01 cavalo 18/8, 01 tacho de cobre grande 11/8, tacho menor 6/8, 01 machado ¼ e 4 vinténs de ouro, 02 foices 1/8, 01 enxada.

Inventário de: José Gonçalves Alves de Miranda - Documento 1825.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 01 escravo africano velho 25/8, 01 crioulinho 110/8, uma cabrinha 80/8, 01 sítio de plantar 10/8, 01 cavalo de plantar 6/8, 01 mula 12/8, 01 machado com bom uso 1/8, 01 foice velha 1/8 e ½, 01 espada ¼ e 4 vinténs de ouro, 01 roda de moer mandioca 6/8, 01 sela 5/8 e 02 cangalha ¾ de ouro cada.

Inventário de: João Veloso de Carvalho – Documento de 1825.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 07 escravos, 05 livros 15/8, 01 besta 7/8, 06 bestas 25/8, 03 potros 9/8, 01 potro 1/8, 01 potro 5/8, 01 potro 4/8, 07 potros 26/8, 01 cavalo 10/8, 01 cavalo chucro 8/8, 01 cavalo 10/8, 01 cavalo queimado 10/8, 01 potro amarelo 10/8, 01 potro velho 6/8 01 celim 2/8, 01 carro de boi 1/8, 01 capa preta de seda 1/8, 01 bacia 1/8, 01 foice 1/8 e ¼, 01 machado quebrado 3/4, 01 ferro de ferrar 6 vinténs, 01 serrote ¼ e 4 vinténs, 01 arma de fogo 3/8, 01 enxada 1/8 e 4

vinténs, 01 corrente de ferro 2/8, 01 corrente 6/8, 04 pares de talheres em prata e 01 prato de estanho.

Inventário de: Joaquim Ferreira dos Santos – Documento de 1826.

Arraial/Vila: Arraial da Senhora de Santa Ana da Chapada da Natividade.

No inventario e testamento encontrou-se relacionado: 12 escravos, 01 cavalo russo 6/8, 01 besta 6/8, 01 casa 30/8, 01 casa de 15/8, 01 arma de fogo 3/8 e ½, 03 machados em bom uso, 04 foices velhas, 02 enxadas 2/8 e ¼, 01 celim 3/8, 01 sítio, 01 fazenda de gado 80 cabeças.

Inventário de: Manoel Ferreira dos Santos – Documento de 1826.

Arraial/Vila: Arraial da Senhora de Santa Ana da Chapada da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 01 morada de casa 50/8, 01 morada de casa 60/8, 01 engenho 6/8, 01 tacho de cobre 7/8, 01 tacho pequeno 4/8, 01 tacho muito velho, 01 tacho de cobre 20/8, 01 arroba e meia de libra de aço 11/8, 01 alavanca de ferro 3/8, 03 enxadadas 1/8 e ½, 01 arma de fogo 5/8. No testamento fica evidenciado que Manoel Ferreira dos Santos pertencia à Irmandade Santíssimo de Natividade.

Inventário de: Rosa Gonçalves Lima – Documento de 1827

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 03 escravos africanos, 03 escravos brasileiros, roda de ralar mandioca 2/8, 03 foices 1/8, 03 enxadas 2/8 e ¼, 03 enxadas velhas 1/8 e ½, 01 oratório já usado 1/8, 01 cinta de veludo 1/8 e ½, 01 tacho 10/8 e 02 jarros 2/8.

Inventário de: Antonio Francisco Pinheiro – Documento de 1827

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 01 escravo 153.600 reis, 01 escrava 38.400 reis, 01 cavalo castanho 12 mil reis, 01 russo 12 mil reis, 01 russo 960 mil reis, 01 boi 4.800 reis, 01 boi pelado 420 reis, 01 boi vermelho 420 reis, 02 colheres 3.700 reis, 01 espada 12 mil reis, 01 par de esporas 1.800 reis, 450 pregos 1.350 reis, 04 tesouras de aparar cabelos 900 reis, 02 garrafas escuras 1.500 reis, 01 caixa de lata 6 reis, 01 par de castiçais 2 reis, 02 facas e duas garrafas 450 reis, 01 bandeja de folha 1.200 reis, 02

folhas de flandres 950 reis, 01 jarro com sua bacia 1.500 reis, 01 folha de oito libras 60 reis, 01 jarro velho com libras, 03 pares de xícaras azuladas 675 reis, 12 argolas de latão 450 reis, 01 jogo de pistolas 4.800 reis, 01 balança de pesar ouro 1.800 reis, 01 açucareiro de louça 225 reis, 04 pratos 900 reis, 01 moinho 600 reis, 01 copo de vidro branco 900 reis, 05 covados de baeta azul 600 reis, 05 covados de baetão preto 75 reis, 08 pares de garfos e facas 1.800 reis, 06 canivetes grandes 135 reis, 112 pedras de fogo 975 reis, 08 tesourinhas grosas de costura 1.200 reis e 01 linhada de linha de cambraia 270 reis.

Inventário de: Ana Maria Machado – Documento de 1828

Arraial/Vila: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 01 escravo 120/8, 01 escrava 100/8, 01 cavalo 12/8, 01 boi preto grande 4/8, 01 boi caracu 4/8, 01 boi manso caracu 3/8, 01 celim mocho 3/8, 01 besta 4/8, 01 besta castanha 4/8, 01 besta 8/8, 01 par de espora de prata 6/8, 01 alavanca 3/8 e $\frac{3}{4}$, 01 roda de fiar algodão 1/8, 01 cabeção de cavalo 1/8, 01 roda de fiar algodão 1/8, 01 roda de moer mandioca 4/8, 01 chocolateira 1/8 e 01 bacia de arame 1/8.

Inventário de: Ana Ferreira de Araújo – Documento de 1828

Arraial/Vila: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 06 escravos (110/8, 110/8, 90/8, 100/8, 10/8), 03 escravas 110/8 cada, 01 morada de casa 20/8, 01 tenda de carabena 20/8, 01 fazenda de criar gado 1/8 e $\frac{1}{2}$, 01 boi vermelho 3/8, 01 boi sirigado 3/8, 01 caracu de carro 4/8, 01 boi 4/8, 01 cavalo castanho 8/8, 01 par de brinco em ouro $\frac{5}{3}$ e $\frac{3}{4}$, 01 par de botões de ouro 1/8 e quatro vinténs, 01 par de argola pequena $\frac{3}{4}$, 01 fivela de prata 8/8, 01 par de colheres e garfo de prata 2.700 reis, 01 tacho de cobre grande 32/8, 01 tacho 7/8, 01 tacho pequeno 4/8, 01 candeeiro 2/8, 01 machado 1/8, 01 machado $\frac{3}{4}$, 01 machado $\frac{3}{4}$, 01 foice 1/8, 01 enxada 1/8 e $\frac{1}{4}$, 01 enxada pequena 3/8, 01 alavanca grande 3/8 e $\frac{4}{4}$, 01 roda de fiar algodão 1/8, roda de fiar 1/8, 01 cela com estribo 7/8, 01 cangalha $\frac{1}{4}$ de vintém, 01 bacanarte de ferro 2/8 e 01 engenho de cana 8/8.

Inventário de: José Martins Gomes – Documento de 1829.

Arraial/Vila: Arraial da Senhora de Santa Ana da Chapada da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 03 escravos (32/8, 100/8, 60/8), 01 escrava 40/8, 01 partilha de gado 112/8 e $\frac{3}{4}$, 01 cavalo escuro 12/8, 01 cavalo russo 6/8, 01 cavalo queimado 4/8, 01 cavalo 6/8 e 01 bengala da Índia 3/8.

Inventário de: Francisca Romana de Souza – Documento de 1830.

Arraial/Vila: Arraial da Senhora de Santa Ana da Chapada da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 09 escravos 489.000 réis, 01 parte ou metade de duas casas 48 mil réis, 01 lote de bestas 6.000 réis, 01 cavalo escuro 6.000 réis, 01 cavalo melado 9.000 réis, 01 cavalo castanho 3.600 réis, 01 cavalo queimado 6.000 réis, 01 celim 7.200 réis, 04 pares de colheres e garfos de prata 11 mil réis, 02 facas com o cabo de prata 3.500 réis, 01 tacho de cobre 30.600 réis, 01 tacho pequeno 2.700 réis, 01 chocolateira 4.500 réis, 01 almofariz 900 réis, 06 xícaras 1.350 réis, 02 tigelas pequenas 300 réis, 01 bule de louça 450 réis, 01 caneca de louça 250 réis, 01 alavanca 900 réis, 01 sopeira 300 réis, candeeiro 1.800 réis, 01 arma lazarina 6.000 réis, 01 arma grossa 2.400 réis, 05 ossos de enxadas 1.500 réis, 04 foices, 02 machados 1.800 réis e 01 bacia de cobre 1.350 réis.

Inventário de: Prudência Carvalho de Espírito Santo – Documento de 1829

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: Dinheiro de cobre 15/8, dinheiro 100/8, 01 relicário de ouro com vidro e três voltas de cordão, 01 par de brincos, 01 coroa com voltas e cruz, 01 crucifixo pequeno, 01 Senhora da Conceição 59/8, 01 cabo de faca de prata 1/8 e 01 sela com seus estribos 8/8.

Inventário de: Joaquim de Souza Costa – Documento de 1829

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 03 escravos (100/8, 80/8, 60/8), 03 bestas 15/8, 02 bestas velhas 6/8, 02 cavalos 16/8, 01 potro 5/8, 01 partilha de gado vacum 1/8 e uma parte, gortes de gado vacum 1/8 e $\frac{1}{4}$, 01 arma de fogo 4/8, 01 foice 1/8, 02 ossos de enxadas meia/8, 01 peça de roda de fiar algodão meia/8, 01 par de esporas de ferro 1/8 e 4 vinténs, 01 par de estribos de latão 2/8, 01 tacho de cobre 2/8 e $\frac{3}{4}$, 01 caixa com fechadura 2/8, 01 sela de campo 1/8, 01 sela de campo com estribos 2/8 e $\frac{1}{2}$ e 01 faca 1/4 e um vintém.

Inventário de: Francisco José da Silva – Documento de 1833.

Arraial/ Vila: Vila da Senhora de Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 02 escravos 70 mil réis, 01 morada de casas 140 mil réis, 01 cama de vento 5 mil réis, 01 cavalo russo 10 mil réis, várias pedras de ouro 23 mil réis, 01 crucifixo 16 mil réis, 01 sela 6 mil réis, 01 cano de espingarda 1.200 réis, 02 navalhas 640 reis, 01 caixa com fechadura 3 mil réis, 01 foice 960 reis e 01 enxada 960 réis. Francisco José da Silva era Tenente e pertencia a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia da natividade.

Fazendo uma análise geral dos documentos analisados pode-se perceber uma vida doméstica bastante modesta, por um longo período, é demonstrada por um número escasso de moveis e utensílios de uso cotidiano. A simplicidade ou riqueza do vestuário aparece na relação de bens, gados, até peças muito usadas estão listadas . Á guisa de exemplo, têm-se no inventario de Francisca Xavier dos Santos (1822) o registro de um taxo de cobre velho a três oitavas de ouro. Percebe-se também a ausência nos inventários e testamentos de objetos feitos em madeira, barro e palha. Ressalta-se, todavia, que os objetos feitos em ouro e prata são minuciosamente descritos e juntamente com os escravos alcançam preços superiores às casas e terras.

Com relação à 1ª viagem, percebe-se, no que tange às origens étnico-linguísticas dos escravos ali domiciliados, que em sua maioria eram brasileiros destacando os crioulos (filhos de africanos nascidos no Brasil), porém, fora grande a quantidade de escravos Sudaneses, sobretudo os Mina e os Nagô. Os escravos Mina, oriundos da região da costa da Mina (onde eram embarcados, ainda que não fossem de lá naturais) já traziam técnicas de extração muitas vezes superiores as dos portugueses, sendo que também por lá se saiba que era notório a prática da ourivesaria .

Outrossim, ainda em relação a segunda viagem, algo representativo se encontrou em ouro: botões ,brincos com pedras preciosas e laços, além de instrumentos em prata; bem como utensílios de luxo, como roupas em cetim, panos de

linho; ferramentas, como foices, machados e enxadas; louça fina; lavra de mineração; gado vacum e cavalos. Assim, é possível vislumbrar, que embora se continuasse a extrair ouro, outras atividades econômicas já se faziam presentes, sobretudo a pecuária de subsistência.

Em relação à viagem realizada em abril de 2007, continuou-se a arrolar muitas jóias: botões, laços, crucifixos, relicários, o que denota, certa riqueza, ainda que boa parte seja oriunda dos tempos áureos da faina extrativa. Também, representativo comentar, a presença da religiosidade católica da população que se expressava através das irmandades. Como exemplo, temos o testamento de Aleixo Pereira da Cruz (1803), onde o mesmo dizia pertencer à irmandade de nossa senhora da Natividade, e em tal igreja o mesmo desejava ser sepultado. Também é lapidar, as jóias religiosas encontradas nos testamentos de Luiz Pinto de Cerqueira (1800, senhor de uma extensa escravaria, mas também possuidor de imagem e crucifixos.

Na última viagem ocorrida no mês de julho de 2007, percebemos que há claramente uma diminuição do número de escravos africanos, posto que aquele era um momento econômico difícil para toda a província, assim passava a se investir na família escrava, em detrimento das exportações.

As jóias e o ouro encontrados nestas últimas viagens diminuem, certamente em consequência da pouca prática mineratória, sendo grande parte dos municípios empregados em economia complementares, como na lavoura e na pecuária, além da lida doméstica.

Com relação ao ouro encontrado na documentação cartorial, têm-se aqui alguns dados presentes em alguns inventários post-mortem, como o de Lourenço de Paiva (1809): um par de brincos, um botão com preço de uma oitava e três quartas e quatro vinténs e visto e avaliado pelos seus devidos avaliadores que lhe derão o valor de dois mil e quatrocentos e cinquenta réis.

No inventário de Antônio Filgueira (1808): um laço cravado e pedra de diamante, um laço cravado com pedras verdes, um par de brincos de ouro.

No inventário de Ana Francisca Barreto (1805): dois laços de ouro, dois pares de brincos, balança de pesar ouro, par de botões e ouro.

Pertinente aqui colocar, que em todos os arraiais e vilas coloniais, os ourives faziam se presentes e, todas as peças relacionadas nos inventários, necessariamente, tinham avaliadores oficiais, nomeados especialmente para essa tarefa. Deviam ser portadores de título de mestre da profissão mais perto ao objeto avaliado.

Somente o ourives poderia avaliar jóias, carpinteiros e marceneiros avaliariam móveis, etc.

Através das entrelinhas dos inventários no que longe a descrição dos bens, também é possível vislumbrar muitos ofícios: roda de fiar-rendeira / fiandeira; tacho de cobre - boleira / doceira; fazenda de gado vacum e cavalari / vaqueiro; foices, machados e enxadas – agricultor / lavrador. Passando por Natividade, Raimundo José da Cunha Mattos, Governador das armas e Deputado Estadual nas duas primeiras legislaturas, em 1824 assim a descreveu: “É extenso, aprazível, com boas casas, belas ruas, largas praças. E de todos os que estão ao norte do Julgado de Trairás é o mais abundante em mantimentos. No arraial existem 188 fogos”. Assim Natividade, mesmo com dificuldades, soube aliando as possíveis atividades complementares, ultrapassar a epopéia dos anos, se tornando em 1987 patrimônio histórico nacional.

Por fim em relação às datas trabalhadas na viagem, todas foram conseqüência, da quantidade de documentos encontrados, bem como da acessibilidade quanto à leitura paleográfica, em função do estado precário em que se encontra muitos dos documentos.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma cartografia em relação ao trabalho de ourivesaria em filigrana em ouro e prata que ainda são desenvolvidos enquanto ofício em Natividade, buscando estabelecer as correlações e os nexos entre as diversas formas de expressão existentes nesta comunidade. Deste modo, visando compreender as correlações entre os ofícios, as formas de expressão, as celebrações as edificações e os lugares, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo através da dinâmica do hibridismo cultural e da resignificação da identidade popular.

A idéia de seqüência das manifestações justifica o calendário cultural. Neste calendário está explícita a idéia de tempo cronológico (Kronos) e tempo das vivências

(Kairós) tecidas na urdidura da filigrana. Os fios delicados, trabalhados minuciosamente a compor a peça, a “obra prima” (jóia) traduz a identidade do nativitano, nessa tessitura estão as edificações, os lugares, os ofícios, a nobreza, o poder, as celebrações, alegria, a natureza incorporadas nos rituais que segundo a comunidade define o que é ser nativitano. O aspecto político, cultural e social e o sentido da vida naquele contexto demonstra a relação da vida com a ourivesaria, enquanto o artesão tece a jóia, tece também a sua história e de todo um grupo social.

As formas de expressão estão relacionadas às celebrações e a vivência dos atores sociais de um determinado lugar num determinado espaço de tempo com significado e representação segundo esses atores. A elas se somam os lugares e suas edificações configurados por meio dos ofícios que ali se fazem presentes. Essa percepção pode ser percebida ao se fazer a leitura das fichas das cinco categorias propostas pelo INRC.

O sítio aqui se constitui na sede do município, local onde são tecidas as histórias de vida dos nativitanos articuladas à influência social, econômica, política, cultural e religiosa, que se estende ao seu entorno através do caminho traçado e percorrido pelo que poderia ser chamado o fio do ouro e o fio da prata, que entrelaça, permeia e interliga as vivências do passado ao presente e ao futuro compondo a jóia em filigrana numa urdidura que expressa a identidade e a vocação da cidade.

O sítio comporta a cidade e a serra, sendo esta, elemento central para delimitação do espaço ocupado na busca do ouro através das relações de poder vivenciadas por negros e brancos nos garimpos e pela saga dos negros na busca de preservação de sua identidade através da estruturação do quilombo. A presença do negro é evidenciada hoje, no quilombo como também nas manifestações religiosas, nas cerimônias, nos lugares, nas edificações e principalmente nos garimpos bicentenários que evidenciam a vocação da cidade para a ourivesaria em filigrana.

A construção do INRC de Natividade se baseou no princípio de que o processo de inventariar os bens culturais da cidade de Natividade deveria partir principalmente da memória e da história oral, deste povo que vive aos pés da serra e convive cotidianamente com o antigo e o atual. O trabalho realizado se constituiu em um movimento de garimpagem, visando extrair de seu dia a dia, as principais referências em relação a seu modo de viver.

Nosso objeto principal de observação é a ourivesaria em filigrana feita na cidade de Natividade. Tal técnica é referência econômica de um grande número de habitantes da

localidade, portanto, como quer a proposição braudeliana de observar a cultura material, a organização da própria coletividade converge para esta atividade. Assim, partir da lavra da filigrana até a festa do Divino é ao mesmo tempo voltar à filigrana para, então, se encontrar a constante elaboração da identidade cultural da coletividade. A noção de referência cultural vai além do valor artístico e histórico, também o valor econômico, que, no presente, se mostra um pilar da coletividade.

A preocupação é evidenciar a presença constante da ourivesaria nos vários aspectos da cultura nativitana. Ao caracterizarmos os aspectos religiosos e civis entrelaçados mostramos a organização que os habitantes da localidade impõem-se, e o modo como os vários elementos da vida nativitana se entrecruzam.

A festa do Divino, como se sabe, possui um caráter religioso e popular, e estão envolvidos os personagens considerados autoridades na coletividade. Tal autoridade, contudo, não necessariamente está vinculada ao “lugar de mando” (cargos executivos da municipalidade, por exemplo), mas ao poder que emana do prestígio dentro da comunidade. Este prestígio não é, todavia, apenas financeiro, mas simbólico. Os personagens que promovem a festa do Divino derivam das relações de trabalho (urbano ou rural). É a celebração nativitana de maior cunho popular, com a participação de atores de todos os segmentos da sociedade. As demais celebrações tais como a festa do Bonfim e a Festa da Padroeira podem ser consideradas bastante significativas também, mas apesar de manterem suas características próprias, se entrecruzam com os ofícios e modos de fazer, que se entrecruzam, com as demais celebrações, as formas de expressão as edificações e os lugares, constituindo a jóia em filigrana numa urdidura que expressa a identidade e a vocação da cidade.

Para tanto o inventário de Instrução técnica do processo de registro da ourivesaria em filigrana em Natividade/TO, registrou um total de 90 bens, incluindo-se nesse conjunto tanto os que foram destacados pela população local quanto os que a pesquisa permitiu destacar como referência cultural significativa.

Esses bens encontram-se distribuídos da seguinte forma:

Celebrações 10; Edificações 07; Formas de Expressão 22; Lugares 33, Ofícios e modo de fazer 18 e o total 90 Bens Culturais.

Tendo em vista que o levantamento realizado na região de Natividade tinha como principal objetivo de solicitar o registro da ourivesaria em filigrana, elencou-se 25 bens especificamente para aquele fim. Para uma visão mais detalhada do acervo cultural

dessa área e um aprofundamento da discussão sobre a ourivesaria em filigrana recomenda-se fortemente que esse conjunto seja melhor discutido, no sentido de realmente se construir o processo de registro desse bem.

Informações detalhadas sobre os bens selecionados encontram-se nas fichas de identificação deste inventário.

¹Relatório de análise Documental do 1º cartório cível de Natividade; Estagiários: Ângela Maria Campos, Conceição Aparecida Cunha Cerqueira, Valéria Moreira Coelho Melo, Wátila Misla Fernandes Bonfim;

Anexo 1 – documentação: leituras e transcrições paleográficas;

Relatório de Análise Documental no 1º Cartório Cível de Natividade – Testamentos e Inventários ¹

Antes de mais nada, é pertinente tecer um breve histórico das viagens feitas com vistas à catalogação e leitura dos documentos encerrados no 1º Cartório cível de Natividade.

A primeira visita às fontes primárias nativitanas, ocorreu em outubro de 2006, com objetivo de organizar de forma sistemática tais documentos. Importante salientar, que esses documentos selecionados, que vão de 1765 a 1900, se encontram depositados num pequeno e “mal arejado” quarto de despensas. Estando muitos dos documentos extremamente deteriorados, um verdadeiro atentado às histórias que poderiam sussurrar através de suas entrelinhas; bem como uma contradição com a viçosa Natividade que se debruça em obras de fachadas, ruas e igrejas. Diante do exposto fez-se necessário num primeiro momento um árduo trabalho de limpeza e sistematização dos documentos, que foram organizados cronologicamente em 27 pacotes.

Para catalogação e análise das fontes foram realizadas três viagens. Na primeira viagem, realizada entre os dias 16 e 20 de março de 2007, foram arrolados 15 inventários e 5 testamentos correspondentes ao período de 1800 a 1812. Na segunda, realizada entre os dias 21 e 23 de abril, analisou-se dez inventários e três testamentos correspondentes ao período de 1812 a 1818. Na viagem, realizada de 11 a 13 de Julho, arrolou-se 16 inventários e 09 testamentos correspondentes ao período de 1822 a 1830. Na viagem realizada de 08 a 10 continuou-se a arrolar documentos de 1830. Segue abaixo a relação dos documentos e as informações neles encontradas.

Inventário de: Antonio Botelho Pimentel – Documento de 1800

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

No inventario e no testamento de Antonio Botelho Pimentel somente estão relacionados 03 escravas (Luciana – crioula de 23 anos 145/8, Maria – crioula de 14 anos 100/8 Joaquina de 90/8), 01 cavalo, 01 sela bertanha e 01 cama de vento velha.

Inventário de: Izabel Maria de Menezes – Documento de 1800

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste documento foram arrolados somente três escravos (01 escravo mina João mina de 130/8, 01 escrava mestiça Feliciano de 100/8 e Valentina crioula de 45/8 de ouro) e um cavalo castanho.

Inventário de: Francisco Fernandes Cerqueira - Documento de 1802.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontram-se relacionados: Oito escravos e uma negrinha. Na página 10 e 12 encontra-se a relação de um número significativo de objetos em ouro e prata. 01 Cordão e 01 crucifixo de ouro valor 29 oitavas de ouro, 01 Fivela de ouro – 8 oitavas $\frac{3}{4}$ e 5 vinténs de ouro, 01 Castiçal de ouro 30 oitavas $\frac{1}{4}$ e 3 vinténs de ouro, 04 Colheres e 4 garfos de prata 11 oitavas e 4 vinténs de ouro, 01 Par de fivelas de pratas 02 oitavas $\frac{1}{4}$ e 9 vinténs, 01 Capodim com cores de prata – 4 oitavas $\frac{1}{4}$ e 2 vinténs, 02 Pares de botões de ouro, 01 par de esporas de prata, 01 Par de fivelas 8 oitavas de ouro. Entre objetos geralmente utilizados na prática mineratória observa-se (pp. 19) uma balança de pesar ouro avaliada em $\frac{3}{8}$ de ouro. Observam-se ainda objetos que podem evidenciar a prática da agricultura e da pecuária como, 01 Machadão $\frac{3}{4}$, 01 Cela 20/8, 01 Cela 3/8, 01 Facão $\frac{1}{2}$ oitava, 01 Cabeçote de selas com ferraduras 8 oitavas, 09 cavalos 15/8, 04 cangalhas. Entre os objetos de uso doméstico observa-se 02 tachos de cobre, 01 bacia de estanho, 01 panela de ferro e 01 faca. Entre as louças cita-se 01 copo, 02 pratos e 01 caneca. Arrolou-se ainda lençóis e roupas

Inventário de: Ana Francisca Barreto (Preta alforriada) – Documento de 1805.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Possuidora de terra e de quatro escravos, seu inventario evidencia seu pertencimento a Irmandade da Senhora do Rosário. O documento em nome de Ana Francisca Barreto consiste em um testamento no qual estão arrolados os seguintes bens: 01 casa, 01 laço de ouro lavrado, 01 laço de ouro, 02 pares de brincos, 01 par de botões em ouro, 01 fivela de prata, Balança de pesar ouro, 01 Bouceta, 01 Lancela de sua casa, 01 camisa muito velha, 01 Saia de cambraia muito velha, 01 saia de chita, 01 cinto de cetim, 01 toalha de algodão, 01 par de meias de algodão, 01 caixa grande de madeira de pinho, 01 machado, 01 tacho de cobre, 01 tacho muito velho e 01 prato de mesa.

Inventário de: Maria Thomazia – Documento de 1811

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

No inventário de Maria Thomazia estão relacionados 03 escravos africanos e um crioulinho de 3 anos aleijado e por isso sem valor. Foi inventariado também 01 caixa cobre, 02 enxadas, 01 enxada pequena, 01 almofariz pequeno, 01 machado, 01 foice, 01 roda de ralar mandioca e 01 espingarda bom uso.

Inventario de: José Antonio de Araújo Ramos – Documento de 1815

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste foram relacionados 01 escravo africano (Antonio Angola 30 anos 100/8 de ouro) e duas escravas nascidas no Brasil (Bárbara crioula 30 anos 75/8 e 01 cabrinha – Brígida 7 anos 50/8). Entre instrumentos que evidenciam a prática mineratória encontramos, 01 prato de estanho; 01 prato de estanho pequeno e 01 bacia de estanho. Na página 09 encontra-se relacionadas jóias, 01 par de botões de pedras brancas gravadas a ouro 2/8 e 3/4, 01 anel de ouro e prata 1/8 e meia, 01 anel de pedras brancas 2/8 e 1/4, 01 relógio de ouro com pedras rosas 2/8 e 01 relógio 20/8. Entre os instrumentos de prata temos: 01 par de espora 7/8, 02 pares de colheres 3/8 e 1/4, 03 colheres de prata 3/4 e 3 vinténs, 01 bouceta de prata 2/8 de ouro e 5 vinténs, 01 par de fivelas 4 vinténs e 01 balancinha de prata 2/8 de ouro. Os demais bens

relacionados são: 02 cavalos, 02 cavalos castanhos, 02 bestas, 02 cavalos russos, 01 arma de fogo, 01 jogo de pistola, 01 copinho de louça, 01 par de caixas de cano, 01 rede de tanga, 01 ponche de pano grosso, 02 pares de pires e tigelas, 01 livro velho – Libelo de Caminha, 01 bacia de cobre, 01 bacia de cobre, 01 candeeiro de latão, 01 machado e 01 foice, 01 sela, 01 chapéu de sol, 01 cama de vento, 01 par de caixas de couro, 02 chapéus finos, 01 estojo de navalhas, 01 espelho velho, 01 coberta, 01 vestido riscado, 01 calção, 01 anagua de chita inglesa, 01 calça de gongo, 01 par de meias de seda, 02 lenços azuis, 02 camisas, 01 ceroula de linho, 02 ceroulas de algodão, 01 toalha de mesa de algodão, 01 travesseiro, 01 bengala, 04 garrafas azuis de vidro, 01 jarro grande de vidro, 02 fransquinhas pequenas, 01 saco de couro de cervo, 04 pares de couro de veado, 01 par de couro de catingueiro, 01 pele de onça pintada, 01 pele de onça suçuarana, 01 pele de gato pintado, 02 couros de guariba, 01 cangalha de besta; 01 panela de ferro, 01 bacia velha, 01 lenço preto de gravata em bom uso e Vários potros.

Inventário de: Vitoriano Leitão – Documento de 1816.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste documento encontrou-se relacionados 07 escravos, Luiza – crioula 40 anos 60/8, Pedro – crioulinho 4 anos 36/8, Inácia – crioula 25 anos 100/8, Nicolau – crioulinho 2 anos 32/8, 01 crioulinha Valéria – 3 anos 45/8, Isidorina crioulinha 2 anos 38/8 e Manoel Estanislau – crioulo 4 anos 40/8. Além dos escravos observa-se também uma casa coberta de telhas, avaliada em 20/8 de ouro.

Inventário: Maria Álvares Pereira – Documento de 1818.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario foram relacionados 04 escravos, Domiciana – crioula 35 anos 32/8 (com papo grande e asmática), Luiz – crioulo 7 anos, 64/8 (filho da dita), Maria – crioula 5 anos 40/8, Felix – crioulinho aleijado não fala 3 anos (sem

valor). Entre os demais bens temos: 01 foice velha, 01 machado velho, 01 capa de baeta com golas de veludo, 01 cavalo – 9 anos, 01 cavalo castanho, 07 bestas curraleiras, 01 par de brincos e 01 par de fivelas de sapato (prata).

Inventário de: Maria José da Costa – Documento de 1819

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

No inventário de Maria José da Costa além dos 09 escravos (sendo quatro africanos e cinco brasileiros) e 01 casa recoberta de telhas, encontramos ainda relacionado muitas jóias e objetos finos: 01 relicário de ouro com 4 voltas – 52/8, 01 relicário de ouro com vidro de ambas as bandas, 4 voltas de colar – 56/8, 01 rosário de ouro com crucifixo 12/8 e 3/4 mais 2 vinténs de ouro, 01 par de brincos com pedras roxas já quebradas – 1 oitavas, 01 colar fino de ouro peso 2/8 mais 6/8 mais 4 vinténs, 01 par de botões de ouro – 1/8 mais 3/4, 01 anel de pedra branca 1/8, 01 par de talheres pequena 2/8 mais 3/4, 03 pares de garfos – 7/8 mais 3/4, 01 par de fivelas redondas 2/8 mais 5 vinténs, 01 par de esporas 5/8, 01 par de esporas pequenas 2/8 mais 3/4. É interessante ressaltar a grande quantidade de tecidos e de chapéus pode evidenciar talvez o comércio: 25 covadas de chita branca da fábrica com flores verdes, 20 covadas de chita roxa, 32 covadas de chita azul riscada inglês, 24 covadas de riscado inglês, 10 covadas de inglês, 11 covadas de azuis, 03 varas e meia de cambrinha larga, 17 covadas de belbotina azul, 07 varas de morim, 02 peças de bertanha de Amburgo grossa, 02 lenços azuis, 11 lenços, 10 lenços brancos franceses de beiradas vermelhas, 09 lenços brancos ingleses de beirada vermelhas, 41 covadas de gangó, 06 covadas de landilha, 06 covadas de baeta azul, 18 covadas de baeta azul claro, 21 covadas de baeta preto, 11 varas de meia de Bretanha, 04 portes de coletes, 06 peças de chita barradas inglesas, 02 peças de chita barradas, 01 peça de chita roxa inglesa, 01 peça de chita azul inglesa, 30 covados de chita azul inglesa, 11 covados de chita, amarela inglesa, 28 covados de chita roxa inglesa, 29 covados de chita azul inglesa, 24 covados de chita roxa de cama (inglesa), 10 covados de chita azul inglesa, 01 peça de chita azul de cama 08 chapéus de nº 4, 03 chapéus de Braga – capa alta nº 3, 01 chapéu de Braga – capa alta nº 2, 21 varas de linhagens capa de fardo. Entre as louças encontramos uma quantidade razoável de pratos (uma dúzia), 05 xícaras com

pires (sendo 02 peças da Índia), 04 garrafas de vidro do Pará e 02 copos de vidro. Arrolou-se ainda 01 par de caixas com ferraduras altas, 01 sela, 01 jogo de pistolas, 01 bacia de cobre, 01 bacia de cobre maior, 01 bacia de cobre de cama, 01 tacho de cobre. Entre os animais relacionados encontra-se, 01 cavalo – pelo de gato, 01 cavalo castanho, 01 cavalo turco de idade 05 anos e uma besta. Encontrou-se também uma balança de pesar ouro.

Inventário de: Francisca Xavier dos Santos – Documento de 1822.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontram-se relacionados: terras (que podem ser tanto para agricultura quanto para pecuária), 24 escravos (sendo 07 africanos e 17 brasileiros), 01 morada de casas com telhas de 5/8, 01 morada de casas com telhas de 3/8, 01 cavalo 8/8, 01 cavalo castanho 8/8, 01 vaquejada de gado vacum 63/8, 06 éguas 24/8, 01 potro 8/8, 01 tacho de cobre velho 3/8, 01 tacho de cobre de bom uso 4/8 e 1/4, 02 enxadas 2/8, 03 enxadas pequenas 3/4, 02 foices velhas 3/4, 01 machado com bom uso 1/8, 01 machado velho 1/8, 01 alavanca 1/8 e 1/2, 01 celim novo 8/8, 01 armação de chapéu 1/8 e 1/2, 01 caixa com ferragem 2/8, 01 caixa com fechadura 1/8 e 1/2, 01 arma de fogo 3/8, 01 almofariz 1/8, 02 pares de talheres de prata e 01 par de esporas pequenas.

Inventário de: Antonio Joaquim Marques – Documento de 1824.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 04 escravos (01 africano 128/8 e 02 escravas brasileiras 100/8, 80/8), 01 morada de casa 30/8, 01 cavalo de 11/8, 01 cavalo de 11/8, 04 bestas 16/8, gado vacum 75/8, 04 pares de colheres de prata 8/8, 02 facas/ cabo de prata 2/8, 01 capa de baieta 3/8, 01 capa de pano fino 4/8, 01 colete de carmesim 1/8, 01 colete de carmesim 1/8, 01 colete de carmesim 1/4, 01 calça 1/8, 01 calça 3/4, 01 japona 1/8, 01 celim 6/8, 01 caixa velha 2/8, 01 camisa 1/8 e 1/4, 01 camisa de cambraia 1/8 e 01 camisa 3/8 de ouro.

Inventário de: Antonio Nunes do Valle – Documento de 1824.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 04 escravos nascidos no Brasil (90/8, 90/8, 64/8, 40/8), 01 cavalo 8/8, 01 imagem 2/8 (não foi mencionado de que santo), 01 par de colheres de prata 12/8, 01 prato de estanho 1/4, 01 bacia ¼, 02 enxadas 2/8, 01 cela 2/8 e 01 balança 1/8.

Inventário de: Valentino Rodrigues Neto – Documento de 1825

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 03 escravos brasileiros (100/8, 40/8, 120/8), 01 cavalo 18/8, 01 cavalo 18/8, 01 tacho de cobre grande 11/8, tacho menor 6/8, 01 machado ¼ e 4 vinténs de ouro, 02 foices 1/8, 01 enxada.

Inventário de: José Gonçalves Alves de Miranda - Documento 1825.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 01 escravo africano velho 25/8, 01 crioulinho 110/8, uma cabrinha 80/8, 01 sítio de plantar 10/8, 01 cavalo de plantar 6/8, 01 mula 12/8, 01 machado com bom uso 1/8, 01 foice velha 1/8 e ½, 01 espada ¼ e 4 vinténs de ouro, 01 roda de moer mandioca 6/8, 01 sela 5/8 e 02 cangalha ¾ de ouro cada.

Inventário de: João Veloso de Carvalho – Documento de 1825.

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 07 escravos, 05 livros 15/8, 01 besta 7/8, 06 bestas 25/8, 03 potros 9/8, 01 potro 1/8, 01 potro 5/8, 01 potro 4/8, 07 potros 26/8, 01 cavalo 10/8, 01 cavalo chucro 8/8, 01 cavalo 10/8, 01 cavalo queimado 10/8, 01 potro amarelo 10/8, 01 potro velho 6/8 01 celim 2/8, 01 carro de boi 1/8, 01 capa preta de seda 1/8, 01 bacia 1/8, 01 foice 1/8 e ¼, 01 machado quebrado 3/4, 01 ferro de ferrar 6 vinténs, 01 serrote ¼ e 4 vinténs, 01 arma de fogo 3/8, 01 enxada 1/8 e 4 vinténs, 01 corrente de ferro 2/8, 01 corrente 6/8, 04 pares de talheres em prata e 01 prato de estanho.

Inventário de: Joaquim Ferreira dos Santos – Documento de 1826.

Arraial/Vila: Arraial da Senhora de Santa Ana da Chapada da Natividade.

No inventario e testamento encontrou-se relacionado: 12 escravos, 01 cavalo russo 6/8, 01 besta 6/8, 01 casa 30/8, 01 casa de 15/8, 01 arma de fogo 3/8 e

½ , 03 machados em bom uso, 04 foices velhas, 02 enxadas 2/8 e ¼ , 01 celim 3/8, 01 sítio, 01 fazenda de gado 80 cabeças.

Inventário de: Manoel Ferreira dos Santos – Documento de 1826.

Arraial/Vila: Arraial da Senhora de Santa Ana da Chapada da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 01 morada de casa 50/8, 01 morada de casa 60/8, 01 engenho 6/8, 01 tacho de cobre 7/8, 01 tacho pequeno 4/8, 01 tacho muito velho, 01 tacho de cobre 20/8, 01 arroba e meia de libra de aço 11/8, 01 alavanca de ferro 3/8, 03 enxadadas 1/8 e ½, 01 arma de fogo 5/8. No testamento fica evidenciado que Manoel Ferreira dos Santos pertencia à Irmandade Santíssimo de Natividade.

Inventário de: Rosa Gonçalves Lima – Documento de 1827

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 03 escravos africanos, 03 escravos brasileiros, roda de ralar mandioca 2/8, 03 foices 1/8, 03 enxadas 2/8 e ¼, 03 enxadas velhas 1/8 e ½ , 01 oratório já usado 1/8, 01 cinta de veludo 1/8 e ½ , 01 tacho 10/8 e 02 jarros 2/8.

Inventário de: Antonio Francisco Pinheiro – Documento de 1827

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 01 escravo 153.600 reis, 01 escrava 38.400 reis, 01 cavalo castanho 12 mil reis, 01 russo 12 mil reis, 01 russo 960 mil reis, 01 boi 4.800 reis, 01 boi pelado 420 reis, 01 boi vermelho 420 reis, 02 colheres 3.700 reis, 01 espada 12 mil reis, 01 par de esporas 1.800 reis, 450 pregos 1.350 reis, 04 tesouras de aparar cabelos 900 reis, 02 garrafas escuras 1.500 reis, 01 caixa de lata 6 reis, 01 par de castiçais 2 reis, 02 facas e duas garrafas 450 reis, 01 bandeja de folha 1.200 reis, 02 folhas de flandres 950 reis, 01 jarro com sua bacia 1.500 reis, 01 folha de oito libras 60 reis, 01 jarro velho com libras, 03 pares de xícaras azuladas 675 reis, 12 argolas de latão 450 reis, 01 jogo de pistolas 4.800 reis, 01 balança de pesar ouro 1.800 reis, 01 açucareiro de louça 225 reis, 04 pratos 900 reis, 01

moinho 600 reis, 01 copo de vidro branco 900 reis, 05 covados de baeta azul 600 reis, 05 covados de baetão preto 75 reis, 08 pares de garfos e facas 1.800 reis, 06 canivetes grandes 135 reis, 112 pedras de fogo 975 reis, 08 tesourinhas grosas de costura 1.200 reis e 01 linhada de linha de cambraia 270 reis.

Inventário de: Ana Maria Machado – Documento de 1828

Arraial/Vila: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 01 escravo 120/8, 01 escrava 100/8, 01 cavalo 12/8, 01 boi preto grande 4/8, 01 boi caracu 4/8, 01 boi manso caracu 3/8, 01 celim mocho 3/8, 01 besta 4/8, 01 besta castanha 4/8, 01 besta 8/8, 01 par de espora de prata 6/8, 01 alavanca 3/8 e $\frac{3}{4}$, 01 roda de fiar algodão 1/8, 01 cabeção de cavalo 1/8, 01 roda de fiar algodão 1/8, 01 roda de moer mandioca 4/8, 01 chocolateira 1/8 e 01 bacia de arame 1/8.

Inventário de: Ana Ferreira de Araújo – Documento de 1828

Arraial/Vila: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 06 escravos (110/8, 110/8, 90/8, 100/8, 10/8), 03 escravas 110/8 cada, 01 morada de casa 20/8, 01 tenda de carabena 20/8, 01 fazenda de criar gado 1/8 e $\frac{1}{2}$, 01 boi vermelho 3/8, 01 boi sirigado 3/8, 01 caracu de carro 4/8, 01 boi 4/8, 01 cavalo castanho 8/8, 01 par de brinco em ouro $\frac{5}{3}$ e $\frac{3}{4}$, 01 par de botões de ouro 1/8 e quatro vinténs, 01 par de argola pequena $\frac{3}{4}$, 01 fivela de prata 8/8, 01 par de colheres e garfo de prata 2.700 reis, 01 tacho de cobre grande 32/8, 01 tacho 7/8, 01 tacho pequeno 4/8, 01 candeeiro 2/8, 01 machado 1/8, 01 machado $\frac{3}{4}$, 01 machado $\frac{3}{4}$, 01 foice 1/8, 01 enxada 1/8 e $\frac{1}{4}$, 01 enxada pequena 3/8, 01 alavanca grande 3/8 e $\frac{4}{4}$, 01 roda de fiar algodão 1/8, roda de fiar 1/8, 01 cela com estribo 7/8, 01 cangalha $\frac{1}{4}$ de vintém, 01 bacanarte de ferro 2/8 e 01 engenho de cana 8/8.

Inventário de: José Martins Gomes – Documento de 1829.

Arraial/Vila: Arraial da Senhora de Santa Ana da Chapada da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 03 escravos (32/8, 100/8, 60/8), 01 escrava 40/8, 01 partilha de gado 112/8 e $\frac{3}{4}$, 01 cavalo escuro 12/8, 01 cavalo russo 6/8, 01 cavalo queimado 4/8, 01 cavalo 6/8 e 01 bengala da Índia 3/8.

Inventário de: Francisca Romana de Souza – Documento de 1830.

Arraial/Vila: Arraial da Senhora de Santa Ana da Chapada da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 09 escravos 489.000 réis, 01 parte ou metade de duas casas 48 mil réis, 01 lote de bestas 6.000 réis, 01 cavalo escuro 6.000 réis, 01 cavalo melado 9.000 réis, 01 cavalo castanho 3.600 réis, 01 cavalo queimado 6.000 réis, 01 celim 7.200 réis, 04 pares de colheres e garfos de prata 11 mil réis, 02 facas com o cabo de prata 3.500 réis, 01 tacho de cobre 30.600 réis, 01 tacho pequeno 2.700 réis, 01 chocolateira 4.500 réis, 01 almofariz 900 réis, 06 xícaras 1.350 reis, 02 tigelas pequenas 300 réis, 01 bule de louça 450 réis, 01 caneca de louça 250 réis, 01 alavanca 900 réis, 01 sopeira 300 réis, candeeiro 1.800 réis, 01 arma lazarina 6.000 réis, 01 arma grossa 2.400 réis, 05 ossos de enxadas 1.500 réis, 04 foices, 02 machados 1.800 réis e 01 bacia de cobre 1.350 réis.

Inventário de: Prudência Carvalho de Espírito Santo – Documento de 1829

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: Dinheiro de cobre 15/8, dinheiro 100/8, 01 relicário de ouro com vidro e três voltas de cordão, 01 par de brincos, 01 coroa com voltas e cruz, 01 crucifixo pequeno, 01 Senhora da Conceição 59/8, 01 cabo de faca de prata 1/8 e 01 sela com seus estribos 8/8.

Inventário de: Joaquim de Souza Costa – Documento de 1829

Arraial/Vila: Arraial e Mina de Nossa senhora da Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 03 escravos (100/8, 80/8, 60/8), 03 bestas 15/8, 02 bestas velhas 6/8, 02 cavalos 16/8, 01 potro 5/8, 01 partilha de gado vacuum 1/8 e uma parte, gortes de gado vacuum 1/8 e ¼, 01 arma de fogo 4/8, 01 foice 1/8, 02 ossos de enxadas meia/8, 01 peça de roda de fiar algodão meia/8, 01 par de esporas de ferro 1/8 e 4 vinténs, 01 par de estribos de latão 2/8, 01 tacho de cobre 2/8 e ¾, 01 caixa com fechadura 2/8, 01 sela

de campo 1/8, 01 sela de campo com estribos 2/8 e ½ e 01 faca 1/4 e um vintém.

Inventário de: Francisco José da Silva – Documento de 1833.

Arraial/ Vila: Vila da Senhora de Natividade.

Neste inventario encontrou-se relacionado: 02 escravos 70 mil réis, 01 morada de casas 140 mil réis, 01 cama de vento 5 mil réis, 01 cavalo russo 10 mil réis, várias pedras de ouro 23 mil réis, 01 crucifixo 16 mil réis, 01 sela 6 mil réis, 01 cano de espingarda 1.200 réis, 02 navalhas 640 reis, 01 caixa com fechadura 3 mil réis, 01 foice 960 reis e 01 enxada 960 réis. Francisco José da Silva era Tenente e pertencia a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia da natividade.

Fazendo uma análise geral dos documentos analisados pode-se perceber uma vida doméstica bastante modesta, por um longo período, é demonstrada por um número escasso de moveis e utensílios de uso cotidiano. A simplicidade ou riqueza do vestuário aparece na relação de bens, gados, até peças muito usadas estão listadas . Á guisa de exemplo, têm-se no inventario de Francisca Xavier dos Santos (1822) o registro de um taxo de cobre velho a três oitavas de ouro. Percebe-se também a ausência nos inventários e testamentos de objetos feitos em madeira, barro e palha. Ressalta-se, todavia, que os objetos feitos em ouro e prata são minuciosamente descritos e juntamente com os escravos alcançam preços superiores às casas e terras.

Com relação à 1ª viagem, percebe-se, no que tange às origens étnico-linguísticas dos escravos ali domiciliados, que em sua maioria eram brasileiros destacando os crioulos (filhos de africanos nascidos no Brasil), porém, fora grande a quantidade de escravos Sudaneses, sobretudo os Mina e os Nagô. Os

escravos Mina, oriundos da região da costa da Mina (onde eram embarcados, ainda que não fossem de lá naturais) já traziam técnicas de extração muitas vezes superiores as dos portugueses , sendo que também por lá se saiba que era notório a prática da ourivesaria .

Outrossim, ainda em relação a segunda viagem, algo representativo se encontrou em ouro: botões ,brincos com pedras preciosas e laços, além de instrumentos em prata; bem como utensílios de luxo, como roupas em cetim, panos de linho; ferramentas, como foices, machados e enxadas; louça fina; lavra de mineração; gado vacum e cavalos. Assim, é possível vislumbrar, que embora se continuasse a extrair ouro, outras atividades econômicas já se faziam presentes, sobretudo a pecuária de subsistência.

Em relação à viagem realizada em abril de 2007, continuou-se a arrolar muitas jóias: botões, laços, crucifixos, relicários, o que denota, certa riqueza, ainda que boa parte seja oriunda dos tempos áureos da faina extrativa. Também, representativo comentar, a presença da religiosidade católica da população que se expressava através das irmandades. Como exemplo, temos o testamento de Aleixo Pereira da Cruz (1803), onde o mesmo dizia pertencer à irmandade de nossa senhora da Natividade, e em tal igreja o mesmo desejava ser sepultado. Também é lapidar, as jóias religiosas encontradas nos testamentos de Luiz Pinto de Cerqueira (1800, senhor de uma extensa escravaria, mas também possuidor de imagem e crucifixos.

Na última viagem ocorrida no mês de julho de 2007, percebemos que há claramente uma diminuição do número de escravos africanos, posto que aquele era um momento econômico difícil para toda a província, assim passava a se investir na família escrava ,em detrimento das exportações .

As jóias e o ouro encontrados nestas últimas viagens diminuem, certamente em consequência da pouca prática mineratória, sendo grande parte dos manúscritos empregados em economia complementares, como na lavoura e na pecuária, além da lida doméstica.

Com relação ao ouro encontrado na documentação cartorial, têm-se aqui alguns dados presentes em alguns inventários post-mortem, como o de Lourenço de Paiva (1809) : um par de brincos , um botão com preço de uma oitava e três quartas e quatro vinténs e visto e avaliado pelos seus devidos avaliadores que lhe derão o valor de dois mil e quatrocentos e cinqüenta réis .

No inventário de Antônio Filqueira (1808): um laço cravado e pedra de diamante, um laço cravado com pedras verdes, um par de brincos de ouro.

No inventario de Ana Francisca Barreto (1805): dois laços de ouro, dois pares de brincos, balança de pesar ouro, par de botões e ouro.

Pertinente aqui colocar, que em todos os arraiais e vilas coloniais, os ourives faziam se presentes e, todas as peças relacionadas nos inventários, necessariamente, tinham avaliadores oficiais, nomeados especialmente para essa tarefa. Deviam ser portadores de titulo de mestre da profissão mais perto ao objeto avaliado. Somente o ourives poderia avaliar jóias, carpinteiros e marceneiros avaliariam móveis, etc.

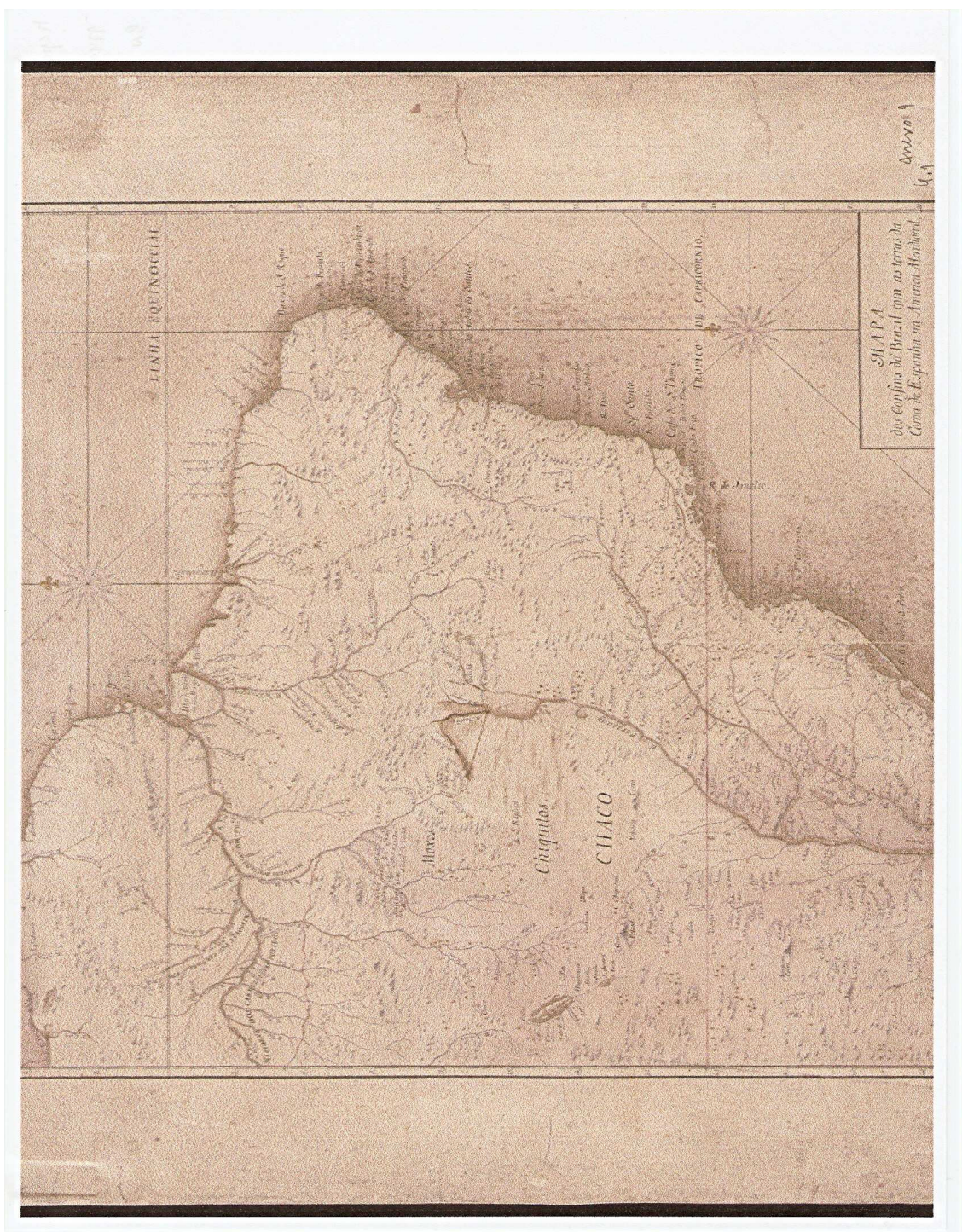
Através das entrelinhas dos inventários no que longe a descrição dos bens, também é possível vislumbrar muitos ofícios: roda de fiar-rendeira / fiandeira; tacho de cobre - boleira / doceira; fazenda de gado vacum e cavalari / vaqueiro; foices, machados e enxadas – agricultor / lavrador. Passando por Natividade, Raimundo José da Cunha Mattos, Governador das armas e Deputado Estadual nas duas primeiras legislaturas, em 1824 assim a descreveu: “É extenso, aprazível, com boas casas, belas ruas, largas praças. E de todos os que estão ao norte do Julgado de Trairás é o mais abundante em mantimentos. No arraial existem 188 fogos”. Assim Natividade, mesmo com dificuldades, soube aliando as possíveis atividades complementares, ultrapassar a epopéia dos anos, se tornando em 1987 patrimônio histórico nacional.

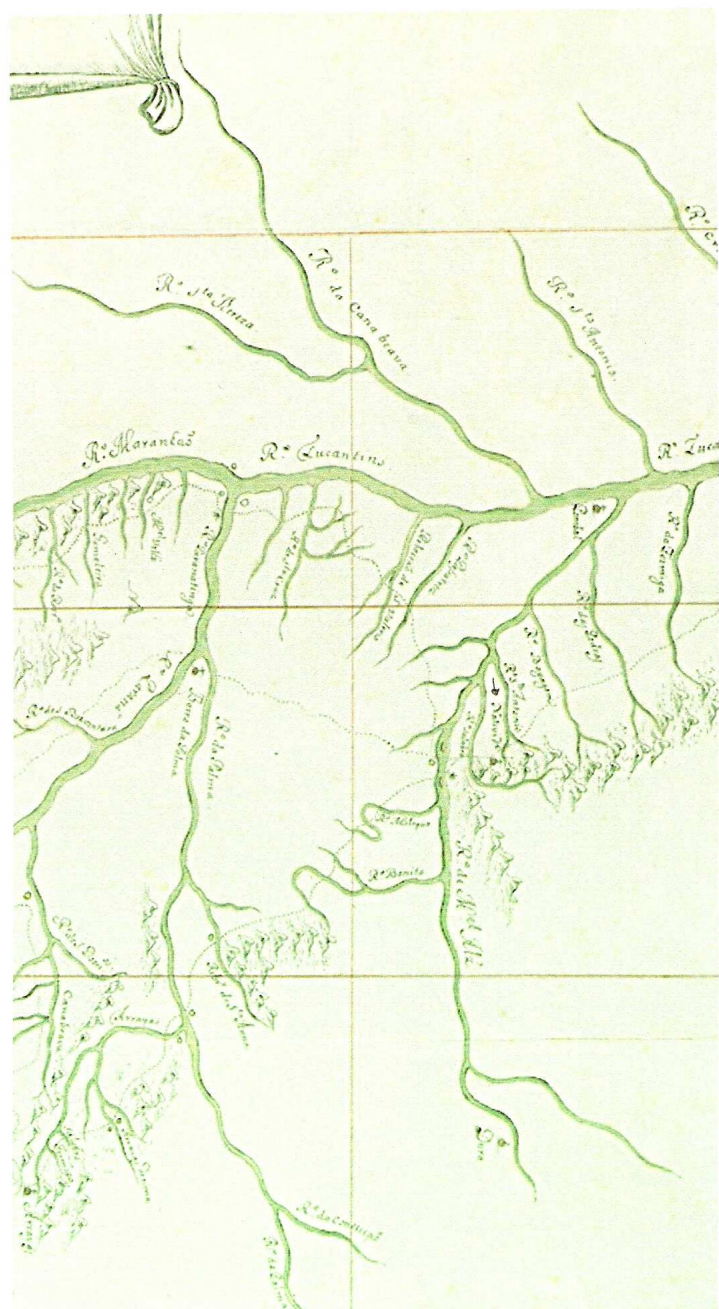
Por fim em relação às datas trabalhadas na viagem, todas foram conseqüência, da quantidade de documentos encontrados, bem como da

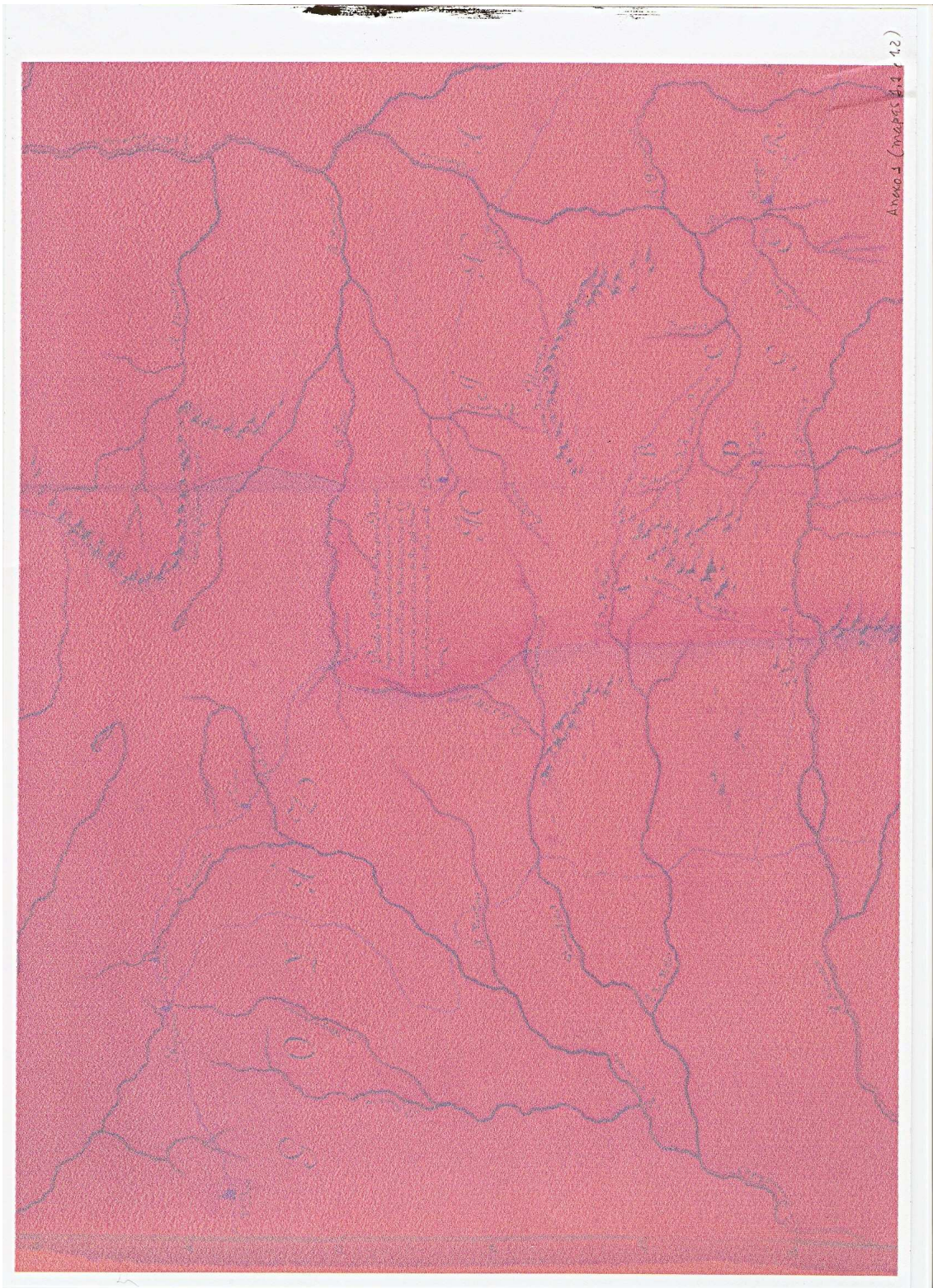
acessibilidade quanto à leitura paleográfica, em função do estado precário em que se encontra muitos dos documentos.

**¹Relatório de análise Documental do 1ºcartório cível de Natividade; Estagiários: Ângela Maria Campos ,
Conceição Aparecida Cunha Cerqueira, Valéria Moreira Coelho Melo , Wátila Misla Fernandes Bonfim ;**

Anexo 2 – figuras e mapas dos séculos XVIII e XIX;

















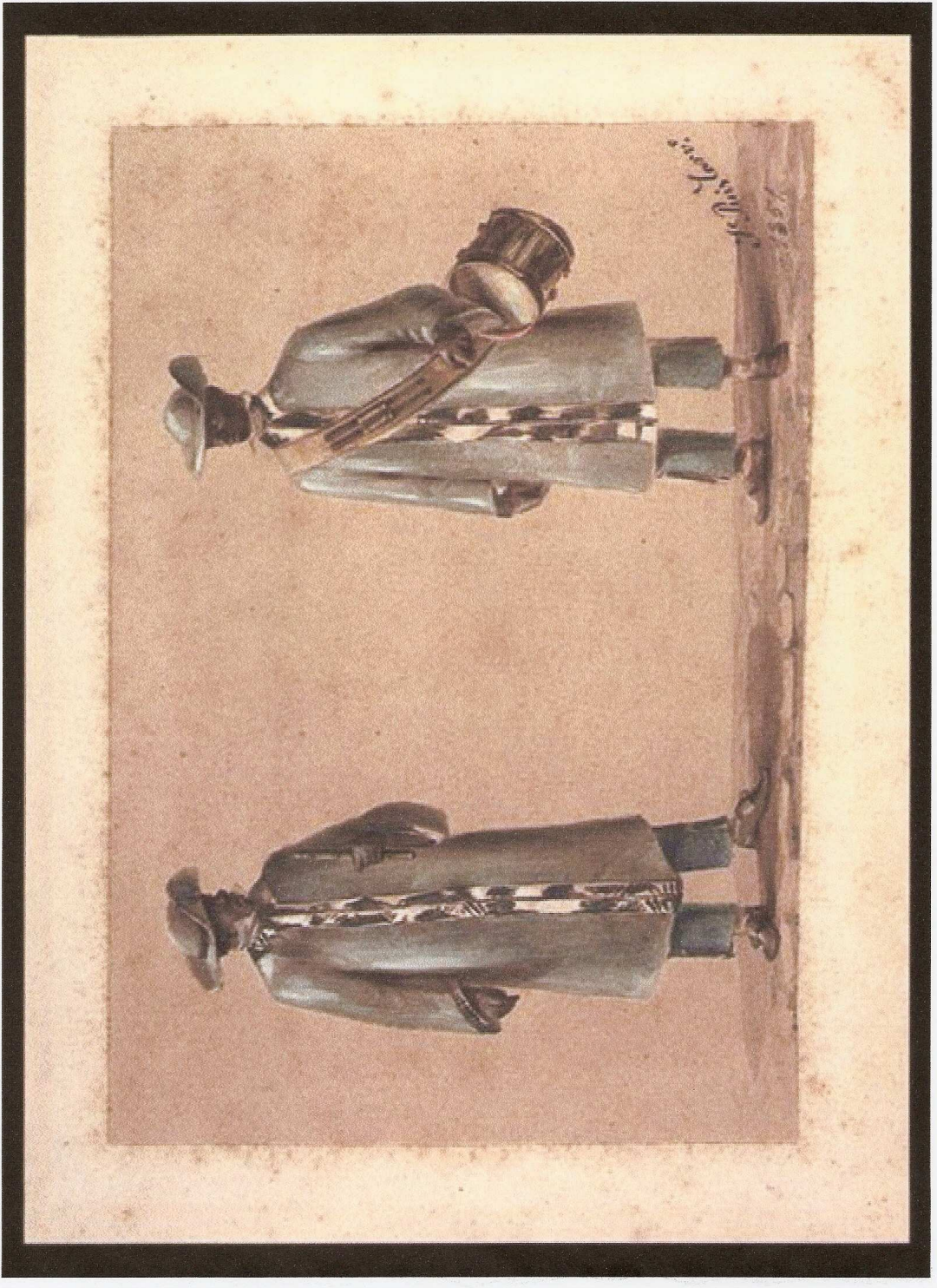
Negras el joías











Anexo 3 – fichas do INRC de identificação do sítio e dos modos de fazer; (as demais fitas seguem anexo)

MINC - MINISTÉRIO DA CULTURA

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL –

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS	CÓDIGO DA FICHA					
	TO	01	00	07	F10	01
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

SÍTIO

Localização

Denominação do Sítio		MUNICÍPIO DE NATIVIDADE
Outras denominações		Natividade
Estado		Tocantins
Município		Natividade/TO
Distrito ou subdistrito		Não há
Localidade inventariada	No sítio	O sítio aqui se constitui na sede do município, local onde são tecidas as histórias de vida dos nativanos articuladas à influência social, econômica, política, cultural e religiosa, que se estende ao seu entorno através do caminho traçado e percorrido pelo que poderia ser chamado o fio do ouro e o fio da prata, que entrelaça, permeia e interliga as vivências do passado ao presente e ao futuro compondo a jóia em filigrana numa urdidura que expressa a identidade e a vocação da cidade.
	No entorno	O sítio comporta a cidade e a serra, sendo esta, elemento central para delimitação do espaço ocupado na busca do ouro através das relações de poder vivenciadas por negros e brancos nos garimpos e pela saga dos negros na busca de preservação de sua identidade através da estruturação do quilombo. A presença do negro é evidenciada hoje, no quilombo como também nas manifestações religiosas, nas cerimônias, nos lugares, nas edificações e principalmente nos garimpos bicentenários que evidenciam a vocação da cidade para a ourivesaria em filigrana.

Fotos

Obs.: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o Anexo 2: Registros audiovisuais.

Acervo fotográfico UFT/FAPTO – TO010007F10A2 nº30

Referências culturais

Obs.: Para lista completa dos bens inventariados, consultar o Anexo 3: Bens culturais inventariados.

Síntese

A construção do INRC de Natividade se baseou no princípio de que o processo de inventariar os bens culturais da cidade de Natividade deveria partir principalmente da memória e da história oral, deste povo que vive aos pés da montanha e convive cotidianamente com o antigo e o atual. O trabalho realizado se constituiu em um movimento de garimpo visando extrair de seu dia a dia, as principais referências em relação a seu modo de viver.

Nosso objeto principal de observação é a ourivesaria em filigrana feita na cidade de Natividade. Tal técnica é referência econômica de um grande número de habitantes da localidade, portanto, como quer a proposição braudeliana de observar a cultura material, a organização da própria coletividade converge para esta atividade. Assim, partir da filigrana até a festa do Divino é ao mesmo tempo voltar à filigrana para, então, se encontrar a constante elaboração da identidade cultural da coletividade. A noção de referência cultural vai além do valor artístico e histórico, também o valor econômico, que, no presente, se mostra um pilar da coletividade.

A preocupação é evidenciar a presença constante da ourivesaria nos vários aspectos da cultura nativiana, ao caracterizarmos os aspectos religiosos e civis entrelaçados mostramos a organização que os habitantes da localidade impõem-se, e o modo como os vários elementos da vida nativiana se entrecruzam.

A festa do Divino, como se sabe, possui um caráter religioso e popular, e estão envolvidos os personagens considerados autoridades na coletividade. Tal autoridade, contudo, não necessariamente está vinculada ao “lugar de mando” (cargos executivos da municipalidade, por exemplo), mas ao poder que emana do prestígio dentro da comunidade. Este prestígio não é, todavia, apenas financeiro, mas simbólico. Os personagens que promovem a festa do Divino derivam das relações de trabalho (urbano ou rural). É a celebração nativiana de maior cunho popular, com participação de atores de todos os segmentos da sociedade. As demais celebrações tais como a festa do Bonfim e a Festa da Padroeira podem ser consideradas bastante significativas também, mas apesar de manterem características próprias, se entrecruzam com os ofícios e modos de fazer, que se entrecruzam, com as demais celebrações, as formas de expressão as edificações e os lugares, constituindo a jóia em filigrana numa urdidura que expressa a identidade e a vocação da cidade.

Para tanto o inventário de Instrução técnica do processo de registro da ourivesaria em filigrana em Natividade registrou um total de 90 bens, incluindo-se nesse conjunto tanto os que foram destacados pela população local quanto os que a pesquisa permitiu destacar como referência cultural significativa.

Esses bens encontram-se distribuídos da seguinte forma:

Celebrações 10; Edificações 07; Formas de Expressão 22; Lugares 33; Ofícios e modos de fazer 18 e total 90

Tendo em vista que o levantamento realizado na região de Natividade tinha como principal objetivo de solidificar o registro da ourivesaria em filigrana, elencou-se 25 bens especificamente para aquele fim. Para uma visão detalhada do acervo cultural dessa área e um aprofundamento da discussão sobre a ourivesaria em filigrana recomenda-se fortemente que esse conjunto seja melhor discutido, no sentido de realmente se construir o processo de registro desse bem.

Informações detalhadas sobre os bens selecionados encontram-se nas fichas de identificação deste inventário.

Descrição do sítio

Obs.: Para lista completa das fontes inventariadas, consultar o Anexo 1: Bibliografia
Localização

O município de Natividade é localizado mesorregião Oriental do Tocantins, pertencendo a Microrregião de Dianópolis, tendo como limite os municípios: ao norte Chapada de Natividade e Pindorama do Tocantins, a leste Almas e Conceição do Tocantins, ao sul Paraná e a Oeste São Valério de Natividade. O Município de Natividade se encontra entre as Latitudes Sul 11° 25' – 12° 21' e entre as Longitudes Oeste 47° 44' - 48° 10', com uma área de 3.216 km² e uma população estimada (em 2006) de 9.764 habitantes, com densidade demográfica de 3,0 hab./km². Altitude de 218 metros. Com distância de 218 quilômetros da Capital do Estado Palmas e 630 da Capital nacional Brasília, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE. Segundo Plano Diretor (2005), Natividade foi incluída como cidade pólo na regionalização do Estado principalmente por sua condição de cidade histórica e pela localização geográfica, no entroncamento da TO – 050, que liga Palmas a Brasília, com a TO – 280 que a liga a Gurupi e à Belém-Brasília, a oeste, e segue em direção a Almas, Dianópolis e ao estado da Bahia, a leste, obedecendo a visão estratégica da época da concepção dessa malha viária. É circundada, do seu lado leste, pela Serra da Natividade de onde desce o Córrego Praia, com águas cristalinas correndo entre pedras, com a formação de poções apropriadas para o banho. O principal acesso a Natividade, a partir de Palmas, é a rodovia TO-050. De Brasília, chega a Natividade pela GO-118 até a divisa com o Tocantins, de onde se prossegue pela TO-050, que se prolonga até Palmas. A TO-280 liga Natividade a São Valério de Natividade e Peixe, prosseguindo até Gurupi e BR-153. No sentido leste a TO-280 liga Natividade a Almas. Daí em diante, pela TO-040, alcançam-se Dianópolis e a divisa com a Bahia em direção a Barreiras.

Observa-se ainda, que Natividade tem ligação com uma região do Jalapão pela TO-050, prosseguindo pela BR-010 até Ponte Alta do Tocantins e daí, pela TO-255 até Mateiros e ao Parque Estadual do Jalapão. A BR-010 corta a leste do Tocantins em sua extensão longitudinal, ligando Natividade a Paranã, ao sul, e a Goiás, na divisa com o Maranhão, Segundo Plano Diretor, 2005, p.29-32.

Paisagem natural e meio ambiente

A cidade de Natividade está situada no limite entre as formações de Depressões e Morrarias de Natividade e Rosa do Tocantins, no sopé da Serra da Natividade, que a abraça pelo lado leste. O relevo é predominante suave-ondulado, mas apresenta variações entre as formas estruturais, superfícies tabulares estruturais e patas estruturais na porção nordeste, cuja topografia é condicionada pela estrutura. No Centro e Sul do território, observam-se diferentes tipos de dissecação, caracterizadas pelo relevo entalhado por agentes erosivos, com dissecação diferenciada, principalmente ao longo da rede hidrográfica. A declividade é bastante variável no município. Em grandes manchas do Sul e do Centro, verifica-se uma declividade A, não superior a 5%, com predominância de áreas de declives suaves nos quais, o escoamento superficial é lento ou médio, não impedindo o uso de máquinas e implementos agrícolas usuais, apesar de uma parte significativa da região apresentar declividade de 45%.

Natividade é considerada área de cerrado no Estado do Tocantins, apresentando uma vegetação aberta, dominada e marcada por um extrato herbáceo, de clima úmido e subúmido, com moderada deficiência hídrica em partes da região possui um alto índice de evapotranspiração e com uma temperatura bastante elevada. Os vários cursos d'água que cortam o município apresentam mata ciliares de maior porte, destacando-se entre as árvores nativas do Cerrado a aroeira, barbatimão, buriti, cagaita, copaíba, faveira, guariroba, ipê amarelo e roxo, jatobá, mama-cadela, maracá, murici, sucupira, pau-santo e pequi. Apesar da riqueza ambiental, observa-se que várias nascentes vem sendo poluídas ao decorrer dos anos, principalmente pelo uso e ocupação do solo não considerando os aspectos legais para proteção do meio ambiente, como é o caso do Córrego Praia, apresenta erosões por todo o seu curso, consequência principal do processo assoreamento ocorrido pelo uso e ocupação de suas nascentes, ao pé da Serra de Natividade e dos chacareiros.

Segundo dados do Plano Diretor (2005), existe em Natividade áreas de preservação permanente determinadas pela legislação e se encontram, de modo geral, razoavelmente preservadas. Não há Unidades de Conservação no município. Próximo à cidade, às margens do Córrego Praia, na encosta da Serra da Natividade, existe um Biotopo Ecológico, criado por Lei Municipal, com característica de Parque Urbano. A vegetação está razoavelmente mantida, não ser na sua porção mais próxima a cidade, onde já houve razoável descaracterização. O Córrego Praia corre entre pedras e forma diversas piscinas naturais, conhecidas como Poções, muito apreciadas para banho pela população local. É inexistente a arborização das vias públicas. Apenas algumas poucas praças com árvores ou gramados e quintais dos lotes é que formam os corredores verdes da cidade, por serem em sua grande maioria planície, principalmente com mangueiras e cajueiros. Natividade caracteriza-se como uma região de grande valor Histórico e Cultural, tendo como referência a Serra de Natividade e as Ruínas de São Luiz, além dos Quilombos e todo o vestígio do período da mineração, como também uma riqueza natural e paisagística de grande valor ambiental e com grande potencial para o turismo. Esta é uma vocação que necessita ser melhor aproveitada.

Marcos edificados

Natividade tem como referência as edificações tendo como cenário paisagístico a Serra de Natividade, trás em vestígios da época do ciclo do ouro, a mineração, tendo como destaque as Ruínas de São Luiz, identificado marco histórico que remete a origem da própria cidade por volta de 1734. O Centro Histórico da atual Natividade casarios, praças, ruas, becos, igrejas e ruínas que compõem o Conjunto Arquitetônico, paisagístico e urbanístico. A cidade de Natividade está tombado como patrimônio Nacional de acordo com Decreto Lei nº 25, de 30/11/1937. Processo de Tombamento do IPHAN de nº 1.117-T-84, inscrito em 16/10/1987 nos Livros de Tombo Histórico (folhas 05, nº 519); Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (folhas 55, nº 14 nº 590). No Centro Histórico são ra áreas vazias que indiquem necessidade de preenchimento. Até mesmo os quintais por não serem grandes e es plantados, não representam vazios a serem preenchidos. Natividade apresenta uma estrutura urbana colonial cor regulares. Do conjunto arquitetônico da cidade, composto por 260 unidades, foram inventariadas pelo tra “**NATIVIDADE**. Série: Oito Vertentes e Dois Momentos de Síntese da Arquitetura Brasileira”, 28 unidades da arqu civil (privada e pública) e religiosa. Dentre essas unidades, as 21 edificações residenciais possibilita uma análise as características tipológicas do conjunto. (*Plano Diretor, 2005, pp. 53-60*).

Segundo dados do Plano Diretor (2005), a cidade de Natividade cresceu em direção oposta a Serra, ultrapassando a rodovia TO – 050, no sentido Brasília - Gurupi. A partir de 1966 é registrada a organização de setores como o GI composto por quarenta quadras e trezentos e noventa e cinco imóveis. Em Natividade fica claro como se deu o processo de ocupação:

[...] os vestígios de canalização e de abrigos, localizados na Serra de Natividade, remanescentes da atividade aurífera; a estrutura urbana do núcleo original, que se encontra praticamente íntegra; e uma área de ocupação mais recente (fins da década de 1960), que não interfere no núcleo original. Entre o Centro Histórico e a ocupação da segunda metade do século XX, há uma área remanescente, não ocupada e sem qualquer trato paisagístico, com ruínas de uma edificação inacabada, onde deveria ter funcionado um clube; os restos de um velho cemitério; conjuntos de lotes previstos, mas não implantados¹⁵.

Enquanto marcos edificados de Natividade, o inventário buscou destacar aqueles considerados pela equipe de pesquisa de relevância para configuração da ourivesaria enquanto bem material e imaterial dos nativitanos. Desta forma, destacamos nas fichas de lugares as praças e becos como representação do traçado definido pela cidade por onde caminharam e caminham o poder político, religioso, econômico, social e cultural de Natividade. A Serra, como integrante da vida dos nativitanos, seja por manter guardados os vestígios históricos da sua origem, ou pelo cenário paisagístico e ambiental do conjunto da cidade. Os casarios como representação do poder efetivo e simbólico dos nativitanos, constituída historicamente como referência do poder político e econômico. A Ruína da Igreja Nossa Senhora dos Rosários dos Pretos, como um elemento fundamental de resistência daqueles que foram trazidos da África para trabalhar nas minas. As igrejas, construídas no período colonial, que ainda hoje é referência em relação ao cenário religioso, ideológico e político dos nativitanos. Os demais ofícios e formas de expressão, que expressam o pensamento e a forma de ser nativitano e a ourivesaria em especial, enquanto elemento articulador da tessitura do cotidiano e relevância ao cotidiano destes sujeitos, enquanto ofício que se fez presente no cotidiano desta cidade desde a sua origem, com a presença de vários Mestres Ourives.

Formação histórica

Obs.: Para lista completa dos documentos escritos inventariados, consultar o Anexo 1: Bibliografia.

Resumo

Segundo Aroeira (2005), a fundação dos arraiais no centro-oeste inauguraram a colonização dos sertões cerrados, tanto os paulistas companheiros do Anhangüera como os novos mineradores, vindos de todas as regiões – Gerais, Bahia e de além-mar – iniciaram uma frenética busca por novas minas nesse vastíssimo território, tão grande quanto suas lendárias riquezas. O século XVI e início do XVII marca o processo de interiorização das expedições à América Latina, através das entradas e bandeiras paulistas, voltados para a descoberta de novas minas de ouro, para serem escravizados. O cenário dos colonizadores europeus já configurava por organizações fabris, o que vai c

¹⁵ Plano Diretor, 2005.

os portugueses uma situação delicada, principalmente com a perda dos “empórios comerciais na Ásia [...] a economia açucareira do Brasil, em violenta concorrência com a competição antilhana, e as feitorias escravagistas da África”¹⁶

Este cenário intensificará a fundação de vários arraiais com características geomorfológica bastante peculiares: vegetação, montanhas, vales, caminhos e, principalmente, minerais. Este processo se dá principalmente entre 1700 e 1740, pouco mais de uma década, foram fundados os arraiais Pioneiros Santana, Barra, Ferreiro e Ouro Fino, surtos na Capitania e posteriormente Província de Goiás, Santa Rita, Anta, Santa Cruz, Meia Ponte, Córrego de Jacaraí, Crixás, Traíras, São José, Arraías, São Félix, Pilar, Cavalcante, Natividade (São Luís), Carmo, Almas, Porto Real, Pontal Corumbá, Bonfim, Santa Luzia, Santo Antônio, Flores, entre outros de menor porte e muitas fábricas ao longo das nascentes e córregos da famosa Serra Geral.

A Serra de Natividade, segundo IPHAN, é composta por diversos garimpos existidos que foram fundados entre 1730 e 1738, por Antônio Ferraz de Araújo, sobrinho de Bartolomeu Bueno da Silva, filho do quase lendário Anhangá, saindo do Arraial de Santana, depois Vila Boa de Goiás. Independentemente da instalação do arraial que hoje remanesce, o ano de 1734 tem sido reconhecido, inclusive pelo IPHAN, como o da fundação de Natividade¹⁷. O local apontado como provável pelos historiadores, é que a Cidade tenha surgido no alto da serra e, gradativamente, descendo em busca de mais liberdade, acabando por se fixar na localidade atual. As minas de ouro foram bastante produtivas até por volta de 1770, chegando Natividade a ser considerada o quarto arraial com maior captação de ouro da Capitania de Goiás. Os vestígios existentes na Serra de Natividade nos leva a acreditar, tendo em vista não haver pesquisa científica sobre o tema, que os aglomerados foram fundados, desde as nascentes na serra até os locais onde era encontrado o ouro aluvionar. O que é reforçado pela engenharia da mineração existente nos vestígios das minas que demonstram a extensão do esforço e da engenharia de mineração da época, inclusive o povoado de São Luís, onde muitos atribuem à origem efetiva dos arraiais daquela serra.

Além dos aspectos paisagísticos e históricos, que caracterizam Natividade como cidade do ciclo da mineração, destacamos também que Natividade era parte de uma das rotas (Caminho Real) sul-norte da Capitania, conectando a Chapada da Serra Geral da Bahia, bastante próxima a Porto Real (atual Porto Nacional) e, sendo pólo de uma mina aurífera, chegou a ser o segundo maior arraial da Capitania de Goiás na captação de ouro. Como aponta B. (1988), que a mineração de ouro que possuía uma quantidade razoáveis, a extração do minério decaiu em todo o território a partir dos anos 1770, chegando rapidamente a níveis mínimos face à capacidade instalada. Na Capitania chegou-se a extrair 10 toneladas de ouro por ano, ficando os melhores anos entre 1740 e 1750, com um declínio da mineração gradativo e espichado ao longo da segunda metade do século XVIII¹⁸.

As limitações da mineração no final do século XVIII, deixa os arraiais em decadência ou estagnação da expansão urbana, face à perspectiva inicial, foi inexorável e visível mesmo nos relatos e desenhos dos viajantes ilustres do século XIX (Pohl, Saint-Hilaire, Ender, Burchell). Esta conjuntura não acanha a epopéia dos colonizadores, ao contrário, torna-a dramática e muitas vezes heróica. Neste cenário de decadência, que as cidades mineradoras gradativamente introduzindo as bases da agricultura e pecuária extensiva, no caso de Natividade a pecuária substituiu os tempos de glória do ouro. Neste novo cenário, Natividade conformou-se a seu termo urbano principal de julgado e durante 1805 e 1815 foi sede da Comarca do Norte da Província de Goiás e residência do O. Joaquim Teotônio Segurado. Durante 100 anos foi um Arraial; em 1833 foi alçada à categoria de Vila e, por pouco tempo, sede do Governo Provisório da Província do Norte no primeiro império. Não é pouco para uma urbe de milhares de quilômetros e meses de jornada das capitais litorâneas e do contato com a Europa.

No início desse período tinha, segundo Saint Hilaire, *umas 300 casas, todas térreas, construídas com adobe, com telhas e dispostas umas contíguas às outras*¹⁹. Esse número certamente considerava umas tantas casas fora do perímetro atual e outras já desaparecidas. De toda maneira, são números semelhantes aos existentes atualmente na área tombada, embora as edificações remanescentes do século XIX, não ultrapassem a metade disso, tendo sido complementada edificações mais recentes. O final do século XVIII assistiu à decadência do Ciclo do Ouro, que deu origem para Natividade os caminhos, pedras talhadas, regos, fornos, currais, muros, ruínas de residências na Serra de Natividade, construções arquitetônicas em formato colonial, duas igrejas e uma Ruína, acima de tudo, as crenças e o estilo de vida peculiar que sobrevivem até hoje na forma das tradições culturais.

De acordo com o Plano Diretor (2005), Natividade em 1920 recebeu a 4ª Companhia da Força Pública, responsável pelo massacre histórico ocorrido em São José do Duro (Dianópolis). Em outubro de 1925 foi invadida pela C. Prestes, com seu estado-maior composto por Juarez Távora, Cordeiro de Faria, Siqueira Campos, Miguel Costa, Alberto e os goianos Atanagildo França e Manoel Macedo. A comarca foi suprimida em 1930 e depois recriada, tornando-se Município, com o mesmo nome. Os arruamentos consolidados até fins do século XVIII e ainda remanescentes,

¹⁶ BERTRAN, Paulo. Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste do Brasil. Brasília: CODEPLAN, 1988.p. 18 -19.

¹⁷ VER “CRITÉRIOS E PROCEDIMENTOS ...”. NORMA A BAIXADA PELO IPHAN PARA REGULAMENTAÇÃO DAS ÁREAS DE TOMBAMENTO E ENTORNO DO CONJUNTO HISTÓRICO, ARQUITETÔNICO E PAISAGÍSTICO DE NATIVIDADE.

¹⁸ BERTRAN, PAULO. NOTICIA GERAL DA CAPITANIA DE GOIÁS. GOIÂNIA: UCG-UFG, 1996.

¹⁹ ST. HILAIRE, AUGUSTE. VIAGENS ÀS NASCENTES DO RIO SÃO FRANCISCO E PELA PROVÍNCIA DE GOYAZ.

define a área histórica como sofre com a inserção de vias internas e adensamentos, em adaptações havidas da década de 1950 para automóveis e novos conceitos de espaço público nas praças e largos. O centro Tombado passou por várias obras de urbanização e/ou recuperação, dos quais tem ênfase as praças, igrejas, casarios, atualmente os becos serão atendidos.

Em outubro de 1987 foi reconhecida pelo IPHAN como patrimônio histórico nacional, com quase 300 construções inscritas nos livros de registro (Livro de Tombo) do Governo Federal, dentre elas a casa ocupada entre 1809 e 1833 pelo ouvidor-geral Joaquim Theotônio Segurado. O conjunto Arquitetônico, paisagístico e urbanístico da cidade de Natividade está tombado como patrimônio Nacional de acordo com Decreto Lei nº 25, de 30/11/1937 e o Processo de Tombamento do IPHAN de nº 1.117-T-84, inscrito em 16/10/1987 nos Livros de Tombo Histórico (vol. 2, folhas 519); Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (folhas 55, nº 14 nº 590)²⁰

Em volta, no distrito de Príncipe, há túneis nos morros e antigas minas cavadas por escravos. Até hoje se *faísca* a Natividade, tombada como patrimônio histórico e artístico nacional, sofreu, a partir disto, uma série de modificações em sua rotina, principalmente no que se refere a sua organização urbana. Uma nova sensibilidade se apresentou em Natividade, moradores evidenciando um início de discussão a respeito das temáticas referentes às questões patrimoniais. No mesmo tempo, esses novos elementos interagem com características locais anteriores. Vetores como a igreja, a economia, as disputas internas de classe, a administração pública, as tradições familiares influenciam a cidade, influenciados por Natividade ter seu centro histórico tombado como patrimônio nacional. A comunidade começou a preocupar em dar uma outra formatação para a cidade. A tradição secular de confecção artesanal de jóias em ouro e ourivesaria, conservada por fatores como o de mestres-ourives e seus aprendizes, faz parte deste contexto estudado. As manifestações de resistência ao hegemônico, de diálogo, de aceitação do novo, mostram-se em Natividade, e quem quiser observá-las. Por vezes se apresentam sutilmente, mas em muitos casos elas gritam. Oras como clamor, ora como um ato de imposição. Sendo imposto ou se impondo. Este complexo cultural será desenvolvido e aprofundado com o processo de solicitação de registro desta prática.

Cronologia

Data	EVENTO
1728-1740	Surgem dezenas de arraiais.
1734-1738	Estabelecimento de diversos garimpos na Serra de Natividade.
1734	Data reconhecida como a da fundação de Natividade.
1740-1750	Anos de melhor captação de ouro da Capitania de Goiás.
1770	Até esta data, Natividade era considerada o quarto arraial com maior captação de ouro da Capitania de Goiás.
Final do Século XVIII	Os principais arraiais ainda permanecem com razoável condição econômica, mas já começam a sinalizar a decadência ou estagnação da extensa rede urbana. Paulatinamente as diversas fábricas de mineração foram abandonadas e a atividade agropastoril se espalhou pela região.
1805-1815	Natividade foi sede de julgado e sede da Comarca do Norte da Província de Goiás e residência do Ouvidor Joaquim Teotônio Segurado.
1833	Foi alçada à categoria de Vila e, por pequeno período, sede do Governo Provisório da Província do Norte, no Primeiro Império.
1920	Recebeu a 4ª Companhia da Força Pública, responsável pelo massacre histórico ocorrido em São José do Duro (Dianópolis).
1925	Foi invadida pela Coluna Prestes, com seu estado-maior.
1930	A comarca foi suprimida e depois recriada, com o Município, com o mesmo nome.
1950	Natividade sofre adaptações, em suas vias internas, para automóveis e novos conceitos de espaço público nas praças e largos.

²⁰ Plano Diretor, 2005, pp.25-28.

Perfil socioeconômico

Obs.: Para lista completa dos documentos escritos inventariados, consultar o Anexo 1: Bibliografia.

População

Segundo dados do Plano Diretor (2005), a densidade demográfica de Natividade é de 3,0 hab./km² em 2000, inferior à média estadual de 4,17 habitantes/km². A região de influência direta tem pouca expressão populacional em relação ao estado. Em 2000, abrigava apenas 1,86% da população tocantinense. No período entre 1991 e 2000, a região registrou um crescimento de 2,12%, inferior ao do Estado, de 2,58%, mas ambos superiores ao crescimento populacional do Brasil no mesmo período de 1,6%. A região perdeu população rural a taxas inferiores à média do Estado, (- 1,5% e 2,24%), respectivamente. O município de Natividade apresentou certo dinamismo demográfico no período entre 1980, quando acompanhou o ritmo de crescimento do Estado, registrando taxas de crescimento de 3,41% e 3,41%, respectivamente. O crescimento da população urbana, mesmo com altas taxas, manteve-se abaixo do ritmo do Estado (7,55% e 8,58%, respectivamente). Neste período, a população urbana de Natividade passou de 1.780 habitantes para 3.680 habitantes. No período de 1991-2000, Natividade viu sua população urbana crescer com taxa de 3,41%, enquanto a média regional foi de 6,50% e a estadual, de 4,97%. A região é bem menos urbanizada do que a média do Estado (56% e 74%, respectivamente). Natividade é o município com maior grau de urbanização da região, com 51,62% da população urbana e 28,12% da população rural, evidenciando que a região ainda é eminentemente urbana rural. Em termos da distribuição da população por sexo, o município mudou um pouco o seu perfil de 1991 para 2000, sem, no entanto, fugir do padrão tocantinense, de maior peso relativo dos homens, ao contrário do perfil nacional, com as mulheres em maior número. A razão de sexo em Natividade era de 109, em 1991, passando para 103, em 2000, quando no Estado esta relação era de 105 e no Brasil de 97, ou seja, 103, 105 e 97 homens para 100 mulheres, respectivamente. Na população urbana, o município acompanha o Estado, com 99 homens para 100 mulheres. Como no Brasil e no Estado, a população masculina é predominante na população rural do município, com a razão de sexo de 114, 123 e 123, respectivamente. Na região, com características marcadamente rural, prevalece o maior número de homens tanto na área urbana quanto na rural. A distribuição etária dos habitantes de Natividade revela uma população bastante jovem, na qual o grupo com menos de 15 anos representava em 1991, 44,09% da população total, 42,56% da urbana e 45,31% da rural. Em 2000, a participação deste grupo no total da população reduziu-se para 37,80%. Na população urbana, passou de 37,33% e na rural para 37,72%. A participação deste grupo etário na população total da região em 2000 era de 36,35%, 35,2% no Estado e 26,6% no Brasil. Observa-se na região e no município um estreitamento na participação relativa dos mais jovens e o crescimento dos grupos etários de 15 a 64 anos e de 65 anos e mais no período de 1991/2000, o que indica um processo de diminuição das taxas de fecundidade no Estado, região e município. O município passou de 3,2 filhos por mulher em 1991 para 3,2 em 2000. Em termos absolutos, o município contava em 1991 com 1718 crianças de 0 a 4 anos, reduzindo este número para 1010 crianças em 2000; com 1615 de 0 a 9 anos, passando para 1144, em 2000; com 1292 crianças de 10 a 14 anos, caindo para 1198, em 2000; e com 510 pessoas acima de 65 anos, passando para 522 pessoas em 2000. É preciso destacar, entretanto, que o município perdeu população entre 1991 e 2000, o que reduz a importância comparativa dos números absolutos. O importante é a mudança da participação de cada grupo etário sobre o total da população, com redução do peso relativo dos jovens. (Plano Diretor, 2005, pp.99-104).

Qualidade de vida

Segundo dados obtidos a partir do Plano diretor (2005. pp. 81-84;97-99), O fornecimento de energia elétrica é feito pela Companhia de Energia do Estado do Tocantins – CELTINS. Há cerca de 2000 ligações cadastradas, das quais aproximadamente, estão ativas. A quase totalidade das ligações é residencial. A CELTINS adota tarifa social para a população de baixa renda, havendo quase 300 ligações desta categoria. A iluminação pública acompanha os trechos da cidade abastecidos com energia elétrica. Atualmente são atendidas 1887 edificações na sede municipal, em Príncipe e 45 no povoado do Bonfim. O abastecimento de Água da cidade ocorre a partir do barramento do Córrego Praia, na Serra, complementado por dois Poços profundos, dos quais apenas um é mantido permanentemente ativo. O Jardim Serrano, com vazão de 16 m³/hora. O segundo Poço é ativado nos períodos de seca, quando o volume de água do Córrego Praia se reduz bastante. A captação na Serra garante 70% do abastecimento de água, enquanto o Poço do Jardim Serrano corresponde a 30% do abastecimento. Em função das fontes de captação utilizadas, a água é relativamente despoluída, sendo submetida a tratamento de filtração e desinfecção com cloro. Existem 2064 ligações cadastradas, das quais 1860 são faturadas. Mais de 90% das ligações são residenciais. Na verdade, para a população, principalmente nos bairros mais pobres, apesar de ter a rede de abastecimento de água nas ruas, não

ligação para as suas residências, por não terem como pagar pelo serviço. Em contra partida, existem ligações clandestinas em número bastante elevado. Estas ligações associadas aos eventuais vazamentos geram um índice de perda de 49%. Na maioria dos bairros, durante a estiagem, são frequentes os cortes no abastecimento de água. O esgotamento sanitário é absolutamente precário. Não existe rede coletora ou estação de tratamento na cidade. São usadas fossas sépticas ou fossas negras em 80% das edificações, sem registros mais precisos de sua ocorrência e localização, segundo informações da Prefeitura Municipal. Os restantes 20%, também estimados, não contam com instalações sanitárias e resolvem essas questões nos terrenos baldios ou desocupados circundantes às residências em áreas mais periféricas. Apesar desta situação, Os Postos de Saúde e o Hospital da cidade não registram doenças relacionadas à contaminação, o que indica um abastecimento de água bastante cuidadoso. A limpeza urbana em Natividade é feita de maneira precária, uma vez que não há pessoal suficiente para cuidar de toda cidade. Os terrenos baldios não são cercados nem limpos. A varrição das ruas é feita apenas nas áreas pavimentadas e não há poda sistemática das árvores. A coleta do lixo é realizada diariamente, com exceção dos finais de semana. Natividade, como a maioria dos municípios do Tocantins, teve seu índice de desenvolvimento humano (IDH) e índice de condição de vida (ICV) melhorados nas últimas décadas. Atualmente, Natividade encontra-se em uma situação intermediária, ocupando o 60º lugar dentre os municípios do Tocantins em relação ao IDH. No período entre 1991 e 2000, a taxa de mortalidade infantil diminuiu 40,37%, passando de 80,58 (por mil nascidos vivos), para 48,05. A esperança de vida ao nascer cresceu 7,39 anos, passando de 56,41 para 67,48 anos; e a taxa de fecundidade caiu de 4,9 para 3,2 filhos por mulher. No período de 1991-2000 o índice de desenvolvimento humano de Natividade – IDH-M – cresceu 18,20%, passando de 0,566 para 0,669. A dimensão que mais contribuiu para esse crescimento foi a longevidade, com 40,0% seguida pela educação, com 39,0% e pela renda com 21,0%. Em relação ao Índice de Condição de Vida – ICV, ainda não se tem a informação referente a 2000. No intervalo entre 1970-1991, Natividade apresentou ganho em todos os componentes, sendo mais significativos os referentes à habitação e à educação.

Trabalho e renda familiar

Segundo dados do Plano Diretor (2005, pp. 98). A renda per capita média do município cresceu 47,72%, passando de R\$ 91,32 em 1991 para R\$ 134,90 em 2000. A pobreza, medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 75,50, metade do salário mínimo em agosto de 2000, diminuiu 18,90%, passando de 68,5% para 55,5% no mesmo período. A desigualdade, entretanto, aumentou. O índice de Gini² (indica a concentração de renda) passou de 0,59 em 1991, para 0,62 em 2000 (

Educação

Segundo Plano Diretor (2005), A rede municipal de ensino é composta por onze escolas, sendo uma na sede municipal e uma no distrito de Príncipe, uma no de Bonfim e oito em fazendas ou assentamentos. As vagas oferecidas não são suficientes para atender toda demanda. A escola Archcelina Pacini Vieira, na sede municipal, oferece a pré-escola e o primeiro segmento do ensino fundamental. Das escolas rurais, duas oferecem todo o ensino fundamental. As escolas na área urbana, a Dona Josina Pereira e Jacubina (sede I) funcionam nos turnos matutinos e vespertinos. As escolas rurais só funcionam pela manhã. São 54 professores municipais, dos quais 13 têm o curso de magistério em nível médio, 10 tem o normal superior completo, 19 estão cursando pedagogia, 10 cursam o normal superior e dois cursam pós-graduação. Os professores municipais participaram da formação continuada, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação e Cultura, até o ano de 2003, quando o programa foi interrompido. Os alunos da área rural não têm transporte escolar, feito por dois ônibus e uma Van, todos alugados. Como as distâncias a percorrer não são pequenas, não é raro haver atraso dos alunos para início das aulas. A Secretaria Municipal de Educação considera necessário viabilizar o transporte escolar, para melhor atendimento a toda clientela e eliminar os atrasos que ocorrem atualmente. Além do transporte escolar a Secretaria necessita de veículos para as atividades de coordenação e supervisão da educação. Estão implantados em Natividade os seguintes programas na área da educação, em parceria com o governo de Estado ou por meio de repasse da União: *Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI*, que atende crianças de 0 a 14 anos. O PETI tem atualmente 80 crianças cadastradas. *Pioneiros Mirins* que atendem crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, com reforço escolar e atividade de recreação. Conta com 500 participantes cadastrados. *SE LIGA* voltado para alunos com distorção idade série, visando a correção desta distorção. No momento está com 100 alunos. Em parceria com a área de promoção social, são mantidos os seguintes programas: *Idosos em Convívio* desenvolve diferentes atividades para favorecer o relacionamento e a convivência entre pessoas idosas, atendendo a partir dos 60 anos. Conta atualmente, com 78 idosos cadastrados. *Programa Fitoterapia* que oferece atendimento terapêutico com ervas medicinais a população em geral, através de uma farmácia alternativa. O ensino médio é oferecido pela rede Estadual de Ensino que conta com cinco escolas e um colégio agropecuário. O estado oferece

também o ensino fundamental e desde 2003 tem a seu cargo uma pré-escola. Os dados da evolução da educação nos últimos cinco anos indicam que houve um crescimento contínuo no número de alunos matriculados no ensino fundamental, puxado pelas matrículas do primeiro segmento, enquanto no seguimento de 5^a. a 8^a. Série houve uma queda constante até 2003, com ligeira recuperação em 2004, mesmo assim, abaixo das matrículas do ano de 2000. No ensino médio houve uma queda continuada em todo período examinado, passando de 482 em 2000 para 329 em 2004, o que representa uma redução de 31,7%. A educação de jovens e adultos também se retraiu nos anos de 2000 e 2001. Estes números indicam um maior acesso à escola nos anos iniciais, mas uma redução no nível de escolaridade. No período, de 1991/2000, houve uma acentuada redução na taxa de analfabetismo de todas as faixas etárias: de 27,8% para 17,8%, na faixa de 7 a 14 anos; de 27,48% para 7,3% na de 10 a 14 anos; de 17,0% para 3,9% na de 15 a 17 anos e de 23,4% para 12,3%, na de 18 a 24 anos. A taxa de analfabetismo na população adulta passou de 40,3% para 30,8%. (*Plano Diretor, 2005, pp. 97-98; 108-109*). O tombamento possui importância também na manutenção dos festejos tradicionais, e das tradições locais, principalmente se for desenvolvido um trabalho educativo, junto às escolas. O ambiente físico, em si, com suas ruas estreitas e seu casario facilita o enraizamento das expressões imateriais. Remete o imaginário aos que estiveram antes no local, erigindo a igreja de pedra (realizando quais cultos em aquelas paredes?), percorrendo as vielas e os becos, as trilhas da mineração na serra. Provoca a constante busca por reviver, cada ano a seu modo, o passado que ecoa em forma de cantorias, danças, cores. As ruas e largos da Serra da Natividade foram e continuam sendo o melhor cenário para a comemoração de datas relevantes para sua comunidade. Com a revitalização da cidade, de seu centro histórico, acredita-se que com um pouco de imaginação e sensibilidade será possível ao nativitano e ao turista tocar, escutar estes ecos do passado, principalmente se estiver ao som da música nos momento de folia ou no frenesi da sùssia.

Plantas, mapas e croquis

Mapa 01: de Inserção Regional; Mapa 02: Acessibilidade; Mapa 03: Formas de Relevo; Mapa 04: Declividade; Mapa 05: Tipos de Solos; Mapa 06: Erodibilidade do Solo; Mapa 07: Clima; Mapa 08: Cobertura Vegetal; Mapa 09: Centro Histórico Tombado pelo IPHAN; Mapa 10: Imóveis Tombados de Relevante Interesse Cultural; Mapa 11: Pavimentação do Centro Histórico; Mapa 12: Uso e Ocupação do solo e Fig. 01: Croqui de Natividade em 1800; Fig. 02: Croqui de Parte do Centro Histórico; parte do núcleo original da cidade; Fig. 03: Planta da Trama Urbana da Ocupação Histórica Inicial; Fig. 04: Planta A trama urbana das primeiras ocupações periféricas ao núcleo inicial; Fig. 05: Croqui Igreja São Benedito

Legislação

Instrumentos de proteção e planejamento ambiental e patrimonial

O Conjunto Arquitetônico, paisagístico e urbanístico da cidade de Natividade está tombado como patrimônio Nacional de acordo com *Decreto Lei nº 25, de 30/11/1937* e o Processo de Tombamento do IPHAN de nº 1.117-T-84, inscrito em 16/10/1987 nos Livros de Tombo Histórico (vol. 2, folhas 05, nº 519); Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (vol. 55, nº 14 nº 590). *Lei nº 083 de 25 de setembro de 1992*, que Dispõe sobre o Código de Edificações da Cidade de Natividade. *Lei nº 086/92 de 25 de setembro de 1992*, que Dispõe sobre o Zoneamento de Usos do Solo Urbano (IPHAN, 14^a Coordenação Regional – Natividade/TO).

Avaliação e perspectivas

Problemas e possibilidades

Observa-se que a Região de Natividade caracteriza-se por uma riqueza ambiental grandiosa, como área de Unidade de Conservação legalmente constituída, considerando toda a região da serra, assim como as áreas de nascentes e cursos d'águas. É relevante salientar que as queimadas, ocupações desordenadas, a poluição provocada pelos resíduos produzidos pelo homem, a destruição das matas ciliares, os problemas sociais são elementos significativos na mudança da paisagem e da qualidade ambiental e de vida dos nativitanos. A área que compreende a Serra da Natividade sofreu muito com as constantes ameaças da ação humana no equilíbrio deste ecossistema, a exemplo da

encantada que foi perfurada por alguém na busca pelo ouro, por volta de 1995, esvaziou a lagoa ficando apenas um olho d'água²¹, que constitui-se enquanto um bem material e imaterial, tendo em vista todo seu valor histórico e ambiental.

Segundo dados do Plano Diretor (2005), outros aspectos merecem grande atenção dados a sua fragilidade, por constituir-se em um prolongamento do “pulmão” representado pelo Bosque Ecológico e pelas margens dos Córregos da Prainha, Lavras e Água Suja. Em algumas áreas de pastagem, entretanto, o desmatamento retirou parte das matas ciliares. Há no município áreas degradadas como resquícios da antiga mineração aluvionar. A situação fundiária apresenta vários problemas. Alguns loteamentos nem chegaram a ser devidamente registrados no Cartório de Registro de Imóveis. No perímetro delimitado como Centro Histórico, encontramos sem documentação regularizada, a Prefeitura local está autorizada por Lei da Câmara dos Vereadores, a regularizar os imóveis sem ônus para os seus proprietários. Entretanto, não é esta a única parte urbana que necessita ser regularizada. Problemas de situação fundiária irregular existem espalhados por toda cidade. A barragem no Córrego Praia, na Serra, é objeto de críticas acirradas de ambientalistas e da Promotoria Pública, que tem insistentemente solicitado a SANEATINS estudos com vistas a regular esta fonte de captação, a partir da argumentação de que a barragem degrada o meio ambiente deste trecho do território. Não existe sistema de drenagem pluvial na cidade. Durante as chuvas mais fortes, as enxurradas desbocam todas para o Centro Histórico, localizado na parte mais baixa da cidade, causando grandes transtornos e, por vezes, alguns alagamentos. O lixo é depositado em valas a céu aberto, posteriormente aterradas, em uma área urbana, próxima às áreas residenciais do Setor Sul, 3ª etapa. A Estação Rodoviária é bem pequena e está localizada no meio da trama urbana. Os sanitários, contudo, estão em péssimas condições, exigindo uma reforma completa com urgência. Por ser um entroncamento de considerável importância, o movimento da Rodoviária é bastante grande. As instalações da mesma já se mostram insuficientes e as localizações inadequadas, exigindo sua remoção para outra área mais ampla, próxima às rodovias, a fim de facilitar a chegada e saída dos ônibus e eliminar o tráfego pesado do Centro Histórico.

Consideramos como possibilidades para o desenvolvimento da região o turismo que está posto como grande potencial a ser explorado, seja ele ambiental ou religioso, considerando as festividades religiosas a festa do Divino Espírito Santo, a Festa do Senhor do Bonfim e a Festa de Nossa Senhora da Natividade. Outros aspectos que tem contribuído para melhoria da qualidade de vida dos nativitanos, são as reformas, restaurações dos imóveis públicos, privados e religiosos da cidade. Assim como a criação do Centro de Artesanato e Apoio ao Turista, que irá abrigar a Ourivesaria Mestre Juvenal, além da criação do Museu Mestre Juvenal. Outro trabalho consideramos significativos o artesanato e o desenvolvimento seja utilizado como elemento básico para o registro da ourivesaria como bem. Há de fato um mercado para a jóia em filigrana e é fundamental a permanência das jóias e dos formatos tradicionais, a linha tradicional sempre as pessoas que buscam a essas peças, mas é fundamental que haja uma abertura para um novo caminho para um movimento, que mostre outras coisas, como por exemplo, a arquitetura da cidade, a gente tem detalhes que mostram até os fios, em detalhes e recortes dentro da minha iconografia, que são detalhes de arquitetura da Natividade. Um exemplo disso pode ser visto no altar da Igreja de Nossa Senhora da Natividade. Um outro aspecto significativo é a alteração de peça trazida pelo próprio ourives.

Recomendações

Que o registro possa refletir com a comunidade a relevância do conjunto histórico, paisagístico e cultural de Natividade para os nativitanos.

²¹ Simone Camelo Araújo TO010007F1A4 nº 66

Documentos anexados

Obs.: Para lista dos documentos localizados, consultar o *Anexo 1: Bibliografia*.

Formulários	
Fichas de identificação de localidades	Não há
Anexo 1: Bibliografia	TO010007F1A1
Anexo 2: Registros audiovisuais	TO010007F1A2
Anexo 3: Bens culturais inventariados	TO010007F1A3
ANEXO 4: CONTATOS	TO010007F1A4
Fichas de identificação de bens	TO010007F1001, TO010007F20, TO010007F30, TO010007F50, TO010007F60.

Técnicos responsáveis

Pesquisador(es)	Helena M. Mollo, Sandra Maria Faleiros Lima, Sonia Maria F. Neiva, Valdirene Gomes dos Santos de Jesus, Ângela M. Campos, Eunice dos Santos Moura, Gisela, Hueberson Veríssimo Ribeiro, Piero Detoni, Valéria Moreira I. de Melo, Taísa Hündel	
Supervisor	14ª. Regional do IPHAN – Goiânia/GO	
Redator	Valdirene Gomes dos Santos de Jesus	Data
Responsável pelo	UFT/FAPTO	Agosto 2007